



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

RONÍ LOPES NASCIMENTO

**MAPEAMENTO DE ESCRITORES INDÍGENAS NA
LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA
(2015 A 2020)**

Porto Nacional -TO
2023

RONÍ LOPES NASCIMENTO

MAPEAMENTO DE ESCRITORES INDÍGENAS NA
LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA (2015 A 2020)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT),
com requisito à obtenção do grau de Mestre (a) em Letras

Orientador (a): Dra. Roseli Bodnar
Coorientador (a): Dra. Raquel Castilho Souza

Porto Nacional -TO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

N244m Nascimento, Roni Lopes.

Mapeamento de escritores indígenas na literatura brasileira contemporânea (2015 a 2020). / Roni Lopes Nascimento. – Porto Nacional, TO, 2023.

107 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2023.

Orientadora : Roseli Bodnar

Coorientadora : Raquel Castilho Souza

1. Literatura indígena. 2. Literatura brasileira contemporânea. 3. Mapeamento. 4. Análise de catálogos. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RONÍ LOPES NASCIMENTO

MAPEAMENTO DE ESCRITORES INDÍGENAS NA LITERATURA
BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA (2015 A 2020)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre (a) em Letras e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 17/04/2023

Banca examinadora

Prof.(a) Dr.(a) Roseli Bodnar
Orientador(a) e Presidente da banca UFT/ PPGL

Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo – PPGL/UFNT

Prof. (a) Dr. (a) Karylleila dos Santos Andrade Klinger – UFT/UFNT

A todas as vítimas da COVID-19 e ao meu
pai, Rômulo Vieira Nascimento (*in memoriam*),
que também fez parte das 698.056 mil vítimas registradas até 2023.
E, também, aos meus queridos alunos, que me acalentaram com seus abraços e
sorrisos nos dias mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu bom Deus e às minhas mãezinhas do céu, Nossa Senhora de Nazaré e Nossa Senhora da Conceição, por me darem forças ao longo do mestrado.

À família, em especial à minha mãe, Maria Paixão Lopes, e aos meus irmãos, Reni Lopes, Rêmulo Lopes e Rondinelle Lopes. Também, aos meus familiares, tios, tias e primos, por me apoiarem na conquista desse sonho tão desejado.

Aos meus amigos de perto e de longe, que sempre me apoiaram com palavras motivadoras, para que eu realizasse mais essa conquista.

À minha orientadora, professora Dra. Roseli Bodnar, que acreditou no meu potencial e me permitiu conhecer toda a riqueza que há por trás de ser pesquisador. À minha querida coorientadora, professora Dra. Raquel Castilho Souza, pelas esclarecedoras orientações.

Aos meus queridos professores, prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig, Dr. Antônio Egno do Carmo Gomes e Dra. Neila Nunes de Souza, por acreditarem em mim e me acalentarem com palavras de afeto, que me permitiram trilhar mais uma etapa da minha vida.

Agradeço às bancas de qualificação e de defesa, compostas pelos professores Dra. Karylleila dos Santos Andrade Klinger, Dra. Kyldes Batista Vicente, Dr. Márcio Araújo de Melo, pelas sugestões valiosas que aprimoraram o texto desta dissertação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelos Programas de Mestrados e Doutorados nas universidades brasileiras e pelo incentivo à pesquisa e à circulação do conhecimento.

À Universidade Federal do Tocantins – UFT, câmpus de Porto Nacional, e ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras do Câmpus de Porto Nacional – TO, que me acolheram e me proporcionaram muitos ensinamentos.

A todos os escritores e escritoras indígenas, que, por meio de suas textualidades, possibilitaram que eu enxergasse a minha essência e a quem devemos respeitar para podermos viver melhor: a “Mãe Terra”. Igualmente, às escritoras indígenas, Graça Graúna e Aline Rochedo Pachamama, que compartilharam muitos saberes.

À todas as editoras/livrarias brasileiras, que fizeram parte desta pesquisa e foram parceiras neste feito.

À direção e às colegas do CMEI Matheus Henrique de Castro dos Santos, pelo apoio e incentivo em meus estudos.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta o mapeamento de escritores indígenas, na Literatura brasileira contemporânea, detalhado por região, a partir da análise de catálogos das principais editoras comerciais em todo o Brasil. Para tanto, foram consideradas todas as publicações de autores indígenas de obras literárias disponíveis no formato on-line. A pesquisa teve como intenção consultar e analisar catálogos nas editoras privadas e públicas, em todo o país; identificar obras de autoria indígena, individual e coletiva, de gênero de ficção, publicadas no período de 2015 a 2020; bem como verificar em quais gêneros literários essas obras são catalogadas pelas editoras e os principais temas abordados pelos autores em seus livros. O referencial teórico para compreensão temática fundamentou-se na área dos Estudos Literários, com abordagem de conceitos e breve histórico da Literatura indígena contemporânea, seus desdobramentos na Literatura brasileira, identidade e autoria. Ainda, desenvolveu-se uma pesquisa exploratória e de natureza descritiva pautada em caráter plurimetodológica, pois realizou-se análise qualitativa de documentos (catálogos das principais editoras brasileiras) e quantitativa, por meio de descrições de sujeito nas análises. Nos catálogos analisados, como resultados, foram encontradas 42 (quarenta e duas) obras de autoria indígena de gênero ficcional. Ainda, nesta análise, obteve-se a quantidade de obras de autoria indígena não ficcional no período pesquisado. Durante a pesquisa e a análise de dados, são apontadas, também, obras de autoria indígena ficcionais e não ficcionais, publicadas em anos anteriores e posteriores ao período pesquisado, para traçar paralelos e fundamentar a leitura dos dados encontrados no estudo. Acerca dos gêneros literários nas obras, identificou-se, em sua maioria, que compreendem os gêneros narrativo, poético e teatral. Ainda, os temas mais recorrentes, em geral, estão relacionados à cultura e à identidade indígena, ao meio ambiente, aos povos indígenas e à pluralidade cultural. O mapeamento de escritores indígenas, nas editoras brasileiras, com foco em cada região, mostrou que há escritores indígenas de diversos povos produzindo e publicando no mercado editorial brasileiro, entretanto, revela uma discrepância no mercado editorial quando se trata de publicações de obras literárias marginalizadas e não marginalizadas. Acredita-se que o mapeamento de escritores indígenas foi um dos caminhos para que as produções indígenas sejam evidenciadas e para que se façam presentes em espaços diversos da sociedade, tais como universidades, escolas, livrarias, bibliotecas, editoras e meios virtuais. Sendo assim, é possível contribuir de forma significativa para dar visibilidade a esses escritores e, também, ressaltar a necessidade de trazer à pauta debates reflexivos acerca do tema.

Palavras-chave: Literatura indígena. Literatura brasileira contemporânea. Mapeamento. Análise de catálogos.

ABSTRACT

This research presents the mapping of indigenous writers, in contemporary Brazilian literature, detailed by region, from the analysis of catalogs of major commercial publishers throughout Brazil. For this purpose, all the publications of indigenous authors of literary works available in online format were considered. The research intended to consult and analyze catalogs in private and public publishers across the country; to identify works of indigenous authorship, individual and collective, of fiction genre, published in the period from 2015 to 2020; as well as to verify in which literary genres these works are cataloged by the publishers and the main themes addressed by the authors in their books. The theoretical reference for the thematic understanding was based on the Literary Studies area, with an approach to concepts and a brief history of contemporary Indigenous Literature, its developments in Brazilian Literature, identity and authorship. Furthermore, an exploratory and descriptive research was developed, based on a multi-methodological character, since a qualitative analysis of documents (catalogs of the main Brazilian publishers) and a quantitative analysis was carried out, by means of subject descriptions in the analysis. In the catalogs analyzed, as results, 42 (forty-two) works of fictional indigenous authorship were found. Also, in this analysis, the quantity of non-fictional works of indigenous authorship in the researched period was obtained. During the research and data analysis, fictional and non-fictional works of indigenous authorship published before and after the research period are also pointed out in order to draw parallels and support the reading of the data found in the study. About the literary genres in the works, it was found that they mostly comprise the narrative, poetic, and theatrical genres. Furthermore, the most recurrent themes, in general, are related to indigenous culture and identity, the environment, indigenous peoples, and cultural plurality. The mapping of indigenous writers, in Brazilian publishing houses, focusing on each region, showed that there are indigenous writers from various peoples producing and publishing in the Brazilian publishing market, however, it reveals a discrepancy in the publishing market when it comes to publications of marginalized and non marginalized literary works. It is believed that the mapping of indigenous writers was one of the ways for indigenous productions to be evidenced and for them to be present in diverse spaces of society, such as universities, schools, bookstores, libraries, publishers and virtual media. Thus, it is possible to contribute in a significant way to give visibility to these writers and, also, to emphasize the need to bring to the agenda reflective debates about the theme.

Keywords: Indigenous literature. Contemporary Brazilian literature. Mapping. Catalog analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Distribuição de escritores indígenas que publicaram obra literária ficcional.....	66
Figura 2 - Distribuição de escritores indígenas por gênero.....	67
Figura 3 - Distribuição dos povos/etnias indígenas que pertencem os escritores indígenas	68
Figura 4 - Distribuição da população indígena total 2010.....	70
Figura 5 - Distribuição da população indígena rural.....	71
Figura 6 - Distribuição da população indígena urbana.....	71
Quadro 1 - Roteiro de questão.....	42
Quadro 2 - Modelo de catalogação das obras de autoria indígena mapeadas no período entre 2015 a 2020.....	44
Quadro 3 - Roteiro de consulta junto às editoras.....	44
Quadro 4 – Dados Região Sudeste.....	59
Quadro 5 – Dados Região Centro-Oeste.....	62
Quadro 6 - Dados Região Norte.....	63
Quadro 7 - Dados referentes à catalogação das obras de autoria indígena nas editoras/livraria da região Centro-Oeste.....	74
Quadro 8 - Dados referentes à catalogação das obras de autoria indígena nas editoras/livrarias da região Sudeste.....	77
Quadro 9 - Dados referentes à catalogação das obras de autoria indígena nas editoras/livrarias da região Norte.....	85
Quadro 10 - Dados referentes à catalogação das obras de autoria indígena nas editoras/livrarias da região Sul.....	85
Quadro 11 - Levantamento junto às editoras tocantinenses para apontar possíveis publicações e acervos de obras literárias indígenas publicadas entre o período de 2015 a 2020.....	94

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Editus/UESC - Universidade de Santa Cruz

EDUCS - Universidade de Caxias do Sul

EDUEPA - Universidade Estadual do Pará

EDUEL - Universidade Estadual de Londrina/Estado do Paraná

EDUEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa

UFPA- Universidade Federal do Pará

EDUFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

EDUFPB - Universidade Federal da Paraíba/Estado de João Pessoa

EDUFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UFPR - Universidade Federal do Paraná

EDUFRA - Universidade Federal Rural da Amazônia

EDUFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

EDUFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

EDUFRR - Universidade Federal de Roraima/Estado de Boa Vista:

EDUFT - Universidade Federal do Tocantins

EDUNEB - Universidade do Estado da Bahia

EDUSP - Universidade de São Paulo

EDUFAC - Universidade Federal do Acre/Estado do Rio Branco

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia

LUA - Universidade Federal do Amazonas

MEC - Ministério da Educação

PARFOR – Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica

PNLD - Programa Nacional do Livro e do Material Didático

UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana/Estado da Bahia

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro/Estado do Rio de Janeiro

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora/Estado de Minas Gerais

UNAMA - Universidade da Amazônia

UNESP - Universidade Estadual Paulista/ Estado de São Paulo

UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo/ Estado de São Paulo

UNB - Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Problema da pesquisa.....	14
1.1.1 Hipóteses	15
1.1.2 Delimitação do Escopo.....	16
1.1.3 Justificativa.....	16
1.2 Objetivos.....	17
1.2.1 Objetivo geral	17
1.2.2 Objetivos específicos.....	17
1.3 Metodologia.....	17
1.3.1 Metodologia da pesquisa	17
1.3.2 Procedimentos metodológicos.....	20
1.4 Estrutura da dissertação	21
2 LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA: CONTEXTUALIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE	24
2.1 Breve histórico da Literatura indígena contemporânea no Brasil: seus desdobramentos na Literatura Brasileira, identidade e autoria.....	30
3 MAPEAMENTO DE ESCRITORES INDÍGENAS NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA (2015 A 2020).....	41
3.1 RESULTADOS E DISCUSSÕES	44
3.1.1 Levantamento das principais editoras no mercado editorial brasileiro com foco em cada região	45
3.1.2 Região Norte.....	45
3.1.3 Região Nordeste	45
3.1.4 Região Centro-Oeste.....	46
3.1.5 Região Sudeste	46
3.1.6 Região Sul	47
3.2 Levantamento de obras ficcionais escritas por autores indígenas no período de 2015 a 2020	48
3.2.1 Editoras que publicaram obras de autoria indígena, mas não informaram o período de publicação.....	48

3.2.2 Editoras que informaram não ter publicado obras literárias de autoria indígena no período da pesquisa.....	49
3.2.3 Editoras que publicam obras literárias (não ficção) de autoria indígena.....	49
3.2.4 Editoras que publicam obras com temáticas indígenas ou obras que fazem referência aos indígenas.....	49
3.2.5 Editoras que não publicam obras literárias (ficção e não ficção) de autoria indígena	49
3.2.6 Editoras que já publicaram obras literárias de autoria indígena anteriormente ao período da pesquisa.....	49
3.2.7 Editoras que informaram o site para consulta das obras literárias	50
3.2.8 Editoras que informaram o link do catálogo para consulta das obras literárias	50
3.2.9 Editoras que retornaram informando novo contato	50
3.2.10 Editoras que não retornaram.....	50
3.3 Análises de catálogos das editoras brasileiras com foco em cada região para identificação de obras literárias de ficção de autoria indígena	52
3.3.1 Região Norte.....	52
3.3.2 Região Nordeste	54
3.3.3 Região Centro-Oeste.....	54
3.3.4 Região Sudeste	55
3.3.5 Região Sul	58
3.4 Reconhecimento e quantitativo dos escritores indígenas por povos, gêneros e regiões e Análise de gênero literário e temas nas obras de autoria indígena catalogadas.....	64
3.4.1 Identificação de escritores indígenas resultantes da catalogação	64
3.4.2 Perfil quantitativo dos escritores indígenas com foco na região	65
3.4.3 Análise de gênero literário (ficção) e temas nas obras de autoria indígena catalogadas.	73
3.5 Considerações acerca das análises realizadas nos catálogos das editoras.....	86
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS	103

1 INTRODUÇÃO

“Ao escrever,
Dou conta da minha ancestralidade;
Do caminho de volta
Do meu lugar no mundo”
(Daniel Munduruku, 2018, p.83)

Esta pesquisa propõe o mapeamento de escritores indígenas, na Literatura brasileira contemporânea, entre os anos de 2015 a 2020, abordando autoria coletiva e individual, com publicação em editoras comerciais do Brasil. O crescimento da Literatura indígena na tradição escrita no Brasil, a partir da década 90 até os dias atuais, tem avançado, entretanto, de forma lenta, visto que ainda está reduzida a uma minoria de escritores.

Nesse sentido, a contribuição do autor indígena Cristino Wapichana (2018) é fundamental, tendo em vista que ele aponta cerca de 50 (cinquenta) autores e, ainda, que há 170 (cento e setenta) obras publicadas pelas editoras. Assim, somadas às obras desses autores e às obras de autores de autoria coletiva (de dentro das aldeias), são mais de 600 (seiscentas) obras publicadas desde 1980. Wapichana, ainda, considera o escritor Daniel Munduruku o responsável pelo crescimento das publicações em editoras e pela notoriedade dos diversos autores que estão publicando nelas.

Apesar de haver escritores indígenas publicando em editoras, a Literatura indígena ainda é pouco conhecida no Brasil, por isso, há certa dificuldade de saber quem são esses escritores e suas obras. Portanto, supõe-se que a escassez dessas obras literárias de autoria indígena, nos diversos espaços (escolas, universidades, bibliotecas, livrarias e até mesmo nas editoras que estão fora do eixo Sul e Sudeste), tem contribuído para o desconhecimento desses escritores. Dessa forma, o mapeamento pretende apresentar um quadro de autoria indígena individual e coletiva de obras ficcionais, no período de 2015 a 2020, tendo como relevância um crescente destaque de escritores e obras.

Para justificar a escolha deste tema, devo mencionar vários fatores que me influenciaram, de ordem pessoal¹, como o profundo respeito aos saberes indígenas, os quais sinto arraigados dentro mim, por exemplo. Sou do Pará, criada às margens do rio Araguaia, em Conceição do Araguaia, lugar em que os povos Karajá e Kaiapó² viveram por anos, deixando

¹ Nesta pesquisa, utilizei a primeira pessoa do singular ao citar minha formação, minhas experiências e vivências como docente e pesquisadora.

² Neste trabalho usa-se a grafia das palavras Karajá e Kaiapó com “K”, conforme designação utilizada no Censo Demográfico 2010 no site do IBGE.

enraizados os seus saberes dentro de mim e de todo povo Concepcionense. Houve um tempo em minha vida que, durante a noite, tínhamos o costume de sentar à porta de casa para ouvir os mais velhos que se reuniam para contar casos e lendas. Lembro que minha história preferida era a do boto.

Além das histórias orais que ouvíamos, em minha infância, sempre íamos acampar nas ilhas do Araguaia. Nos acampamentos, nossa comida predileta era o peixe no trisca e o peixe no borralho, que meu avô pescava logo ao amanhecer. Tal iguaria, dizia-se à época, era alimento que fazia parte da cultura indígena. Por certo, conviver com a natureza, como ouvir o som do banzeiro, sentir o cheiro do peixe, ou melhor dizendo, o pitiú do peixe, ouvir o canto das gaivotas e o som das pisadas na areia da praia, sempre fez parte de nossas vidas, além, é claro, da tradição de usar as diversas ervas para a nossa própria saúde.

Ainda, às margens do rio Araguaia, estudei na escola Fundação Bradesco, da alfabetização até o magistério, que levei quatro anos para concluir, norma daquele período. Após os estudos, minha vida profissional deu início no comércio, no entanto, sempre desejei cumprir minha formação indo adiante nos estudos. Assim, iniciei o curso Normal Superior, que durou três anos, com muita dedicação entre trabalho e estudos, dessa forma, rumei para minha profissão, para a área docente. Nesse período, fui aprovada em um concurso na cidade de Parauapebas – PA, assim, tomei posse em janeiro de 2008, uma nova etapa se iniciava. No mesmo mês, comecei a trabalhar em turmas de pré-escola, na educação infantil.

Como professora alfabetizadora, dentre as atividades ensinadas, tínhamos as leituras de lendas e de mitos indígenas, realizadas diariamente para as crianças. Esses ensinamentos foram valiosos para minha próxima etapa, quando da aprovação no concurso da educação, na cidade de Palmas-TO, no ano de 2010. Nessa nova caminhada, escolhi continuar trabalhando com turmas de pré-escola, em que as lendas e mitos, principalmente os indígenas, continuaram a fazer parte das minhas leituras diárias. Isso por perceber o quanto a cultura indígena enriquece o saber formal nas escolas, o quanto esses saberes são fortes dentro do povo brasileiro, além de observar, também, o quanto a fantasia e o imaginário/real encantam cada criança.

No ano de 2014, ao ingressar no curso de Artes – Teatro pelo programa do governo federal Parfor (Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), na Universidade Federal do Tocantins (UFT), no 7º período do curso, esbarrei na disciplina de Folclore, em que se propôs como trabalho final da disciplina a realização do projeto sobre folclore na escola em que atuava como professora. Tal projeto foi realizado, inicialmente, em 2017, resultando no trabalho de conclusão do curso (TCC) em 2018.

O interesse por tal pesquisa surgiu, então, no ano de 2019, com a conclusão do curso de Licenciatura em Teatro, na UFT, câmpus de Palmas. A partir do TCC, que abordou sobre *Os saberes populares*³, ficou visível a escassez de textos literários (autoria indígena e não indígena) no acervo da escola, assim como a marginalização da cultura dos povos originários do Brasil.

Além disso, algumas situações de leitura pelo professor, desenvolvidas entre as etapas do projeto sobre folclore,⁴ o qual foi realizado em uma escola em Palmas-Tocantins, em que atuo como professora na Educação Infantil, que tive a oportunidade de executar, enquanto professora pesquisadora, chamaram minha atenção acerca do interesse dos alunos pelas leituras de lendas, mitos, contos e costumes indígenas. Ainda, porque pude observar que não havia indicação de literatura infantil sobre temáticas indígenas nos catálogos enviados para escola, visto que, ocasionalmente, as obras literárias enviadas eram produzidas por autores não indígenas.

E, por último, ainda em relação às motivações que me levaram a escolher esta temática, destaco minha inquietação por saber que há escritores indígenas produzindo diversos gêneros literários, em especial, a literatura infantil, e tais produções não estarem inseridas no contexto escolar e/ou universitário, assim como a falta de acesso dos próprios povos originários e grande público a essas obras literárias ficcionais.

1.1 Problema da pesquisa

Sendo assim, esta pesquisa tem a pretensão de responder às seguintes questões: No período entre 2015 a 2020, há literatura produzida por indígenas? Quem são esses escritores indígenas? Quais são suas origens étnicas e regiões de origem? Em quais gêneros literários (ficção) essas obras são catalogadas pelas editoras? Quais os temas mais recorrentes?

³ Livro: *Saberes populares: experiências pedagógicas aplicadas em Palmas-TO*. Autoras: Roní Lopes Nascimento; Karylleila dos Santos Andrade e Roseli Bodnar. Editora Espaço Acadêmico - Goiânia-GO, 2020. ISBN: 978-65-5081-029-0.

⁴ O projeto sobre folclore, realizado no ano de 2017, em uma sala de aula de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), em Palmas, Tocantins, ocorreu a partir do diálogo entre a universidade e a escola. Eu estava cursando o 7º período, na disciplina Folclore Brasileiro, do curso de Licenciatura em Teatro Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), da Universidade Federal do Tocantins (UFT). As discussões nas aulas, os textos da Antologia do Folclore Brasileiro, da obra de Câmara Cascudo, propiciaram-me novos conhecimentos, os quais desencadearam uma vontade imensa de fazer de minha sala de aula um espaço de pesquisa-ação com as temáticas que envolvem os saberes populares. O mesmo culminou no trabalho de conclusão de curso, em 2018, com o título *Saberes populares: experiências pedagógicas aplicadas em Palmas-TO*.

Com o propósito de responder a tais questionamentos, buscou-se no mercado editorial brasileiro (de forma on-line) as principais editoras em cada região. Realizou-se o levantamento para conhecer quais eram as editoras que haviam publicado obras literárias de autoria indígena no período de 2015 a 2020. A consulta foi feita via e-mail, composta de perguntas que buscaram respostas relacionadas aos fatores envolvidos na problemática sobre a escassez de publicações de autoria indígena, tais como: publicação - publicam obras de autoria indígena x não publicam obra de autoria indígena; período - anterior e posterior ao ano de pesquisa x período de pesquisa; obras - ficcional x não-ficcional; catálogo, gênero literário x não literário, outros dados dessa natureza.

Para tanto, os resultados foram apresentados por meio de quadros relativos à autoria indígena na Literatura brasileira contemporânea, entre 2015 a 2020, com os referentes dados (autor, título/obra, editora, data de publicação).

Para esta pesquisa, busquei apresentar um recorte do artigo intitulado *Mapeamento de escritores indígenas nas editoras do estado do Tocantins entre 2015 a 2020*, realizado para conclusão da disciplina Literatura Brasileira Regional, no ano de 2021, do programa de pós-graduação PPG-Letras do campus de Porto Nacional⁵. A intenção, ao apresentar tais resultados, foi contribuir para a notoriedade de escritores indígenas que estão publicando no mercado editorial.

Portanto, os resultados da catalogação desses escritores e suas obras permitiram concluir as etapas seguintes do presente estudo: a quantificação dos escritores (de quantos e quais, sua etnia e região) e a verificação e análise, dentre as obras literárias indígenas catalogadas, gêneros literários (ficção) e temas mais recorrentes usados por eles. Nesta última etapa, o dado obtido sobre os “gêneros literários” não é preciso. Assim, procuramos apontar certas informações apenas quando for possível apresentar dados concretos.

1.1.1 Hipóteses

Como hipótese, tem-se o fato de que há publicações de autoria indígena no período estudado, ou seja, de 2015 a 2020, embora não saibamos quantas nem quais são os escritores.

⁵ O texto com esse recorte será publicado em 2023, como capítulo de livro, por professoras do PPGL.

Verifica-se que, apesar de demonstrar interesse em dar a devida relevância aos escritores indígenas, as editoras brasileiras ainda enfrentam considerável dificuldade para inserir esses escritores no mercado editorial em quase todas as regiões brasileiras.

Espera-se encontrar informações relacionadas aos povos indígenas e às regiões às quais pertencem os escritores indígenas, nos sites de órgãos federativos, Fundação Nacional do Índio e Instituto de Geografia e Estatística. Julga-se que essas informações disponíveis nos sites são relevantes, visto que podem apresentar e contextualizar os povos indígenas que fazem parte da pesquisa.

1.1.2 Delimitação do Escopo

A pesquisa realizada propõe um estudo com identificação de dados sobre escritores indígenas brasileiros e suas produções literárias compreendidas no período de 2015 a 2020. O mapeamento, nesse caso específico, para além de levantar materiais e dados, visou identificar a produção literária de indígenas brasileiros. A partir dos resultados apresentados nas análises desta pesquisa, a ideia é evidenciar que há escritores indígenas produzindo na Literatura brasileira contemporânea.

1.1.3 Justificativa

Nesse contexto, a escassez de obras de autoria indígena disponibilizadas nas escolas e nos catálogos ofertados para a Educação Básica apontou-me a dimensão da necessidade de fazer o mapeamento sobre autores indígenas por meio de suas obras literárias. Desse modo, é preciso que, no contexto contemporâneo, a desmistificação da história única, contada pelos não indígenas, sobre os povos originários, seja visibilizada pela crescente autoria desses escritores na Literatura brasileira contemporânea.

Por essa razão, bem como por outros motivos circundantes, considero a relevância do tema para a sociedade, para a cultura e para a literatura. É preciso evidenciar e publicizar a literatura de autoria indígena para que esta tenha seu devido reconhecimento. Além disso, esta pesquisa contribuirá, igualmente, para estudos acadêmicos, notadamente no âmbito literário, no sentido de dar continuidade a essa linha de estudos, pois proporciona um vasto conhecimento

em relação à Literatura indígena no universo editorial. Esta temática possui outras pesquisas em diversos campos, entretanto, no mercado editorial, ainda há muito a ser explorado.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Mapear, em editoras, as obras literárias de escritores indígenas brasileiros contemporâneos, que foram publicadas no período compreendido entre 2015 a 2020.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Analisar catálogos de editoras brasileiras para identificação de obras literárias produzidas por escritores indígenas, e publicadas entre os anos de 2015 a 2020, para fins de catalogação;
- b) Identificar os escritores indígenas que publicaram obras literárias no período de 2015 a 2020, resultantes da catalogação, para quantificação de quantos e quais são, bem como sua etnia e região a que pertencem;
- c) Verificar e analisar, dentre as obras literárias indígenas, nas editoras, quais categorias e gêneros literários (ficção) são catalogadas e os temas mais recorrentes.

1.3 Metodologia

1.3.1 Metodologia da pesquisa

O método científico utilizado para esta pesquisa foi o método fenomenológico, que, conforme Triviños (1987, p. 43), [...] é uma filosofia que substitui as essências na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua "facticidade". Nesse aspecto, Ludwig (2014, p. 19) afirma que "O fenômeno diz respeito àquilo que se mostra, que aparece, que se manifesta. A captação do sentido é feita segundo a perspectiva individual, fato que pode gerar diversas compreensões sobre ele", neste caso, a

visibilidade dos escritores indígenas na literatura brasileira contemporânea. Dessa forma, a técnica aplicada foi a coleta de dados, no caso, documental e literária. Para tal propósito, realizou-se o levantamento nas editoras brasileiras, assim como consultas aos catálogos das editoras e consultas de literaturas em bancos digitais.

Nesse sentido, compreendendo a dimensão do problema, escolheu-se a pesquisa qualitativa, no entanto, a opção deu-se por um caráter plurimetodológico, em que foram utilizados elementos da análise quantitativa. Desse modo, um dos elementos utilizados foi a bibliometria, instrumento quantitativo que [...] que permite mapear e gerar diferentes indicadores de tratamento e gestão da informação e do conhecimento, especialmente em sistemas de informação e de comunicação científicos e tecnológicos [...] (GUEDES; BORSCHIVER, 2005, p. 15). Essa escolha deu-se por não haver apenas a descrição dos dados identificados, mas, também, a análise, uma vez que se busca considerar a descrição com fundamento em estudo documental e catalogação, bem como a descrição com base em estudos bibliográficos. Segundo Triviños, a pesquisa qualitativa de:

[...] fundamentação teórica, fenomenológica, pode usar recursos aleatórios para fixar a amostra. Isto é, procura uma espécie de representatividade do grupo maior dos sujeitos que participarão no estudo. Porém, não é, em geral, preocupação dela a quantificação da amostragem. E, ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar com as pessoas; tempo dos indivíduos para as entrevistas etc.), o tamanho da amostra (TRIVIÑOS, 1987, p. 132).

Entende-se, assim, que a pesquisa qualitativa apresenta aspectos aleatórios para solução do problema, mas não é ordenada uma sequência rígida no que se refere à amostragem. Desse modo, essa flexibilidade, nesse tipo de pesquisa, possibilita ao pesquisador interpretar as informações coletadas abrindo leques para novas buscas de dados.

Diante disso, os resultados por meio destes dados, coletados na pesquisa bibliográfica, são essenciais ao trabalho desenvolvido, visto que “é primordial na construção da pesquisa científica, uma vez que nos permite conhecer melhor o fenômeno em estudo” (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 65-66). Assim, o centro da questão é mostrar o trajeto do objeto em discussão por meio de coleta de literaturas relacionadas à temática abordada. Nesse aspecto, apontamos a inserção das vozes indígenas na Literatura Brasileira contemporânea, a partir do movimento literário em 1990, enquanto [...] um dos fenômenos político-culturais mais importantes de nossa esfera pública, que se insere nessa dinâmica ampla de ativismo, militância

e engajamento de minorias historicamente marginalizadas e invisibilizadas de nossa sociedade [...] (DORRICO, 2018, p. 11).

Neste estudo, o escopo bibliográfico, utilizado na construção da análise, na literatura de tradição escrita, de forma crítica, abrange os conhecimentos de estudos literários. Sendo assim, foram selecionados textos literários que permitem fazer uma breve contextualização da Literatura indígena propriamente dita.

A base teórica para esse diálogo fez-se pela voz-práxis estético-literária indígena⁶, como Graça Graúna/Potiguara (2013); Daniel Munduruku/ Munduruku (2018/2020); Julie Dorrico/Macuxi (2018) e Tiago Hakiy/Sateré-mawé (2018); bem como outros teóricos que se dedicam a estudar a Literatura indígena. Sob essa perspectiva, temos Janice Cristine Thiél (2013); Leno Francisco Danner; Fernando Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia (2018) e Leite (2019); Ana Lúcia Liberato Tettamanzy; Bruno Ferreira (2018), Brito; Filho, Candido (2018). Na discussão sobre Literatura indígena contemporânea, no Brasil, seus desdobramentos na Literatura brasileira, identidade e autoria, apontamos estudiosos que abordam a literatura dos marginalizados enquanto premissa valorativa na construção plural estética na Literatura brasileira contemporânea. Para fundamentar este estudo, buscamos, teoricamente, estudiosos como Thomas Bonnici (1998); Boaventura de Sousa Santos (2007); Luana Barossi (2018); Regina Dalcastagnè (2008/2012); Nilma Lino Gomes (2005); Marília Librandi (2018); Liane Schneider (2018); Manuel Tavares (2014); Alcione Pauli, Sueli de Souza Cagneti (2015); Janice Cristine Thiél (2012). Assim, para reflexões, destacamos, ainda nessa perspectiva, mas com olhar para autoria indígena, compondo a voz-práxis, Eli Ribeiro Souza/Macuxi (2018); Marcia Wayna Kambeba -Omágua/Kambeba (2018); Álvaro de Azevedo Gonzaga/Kaiowá (2021); Munduruku (2013) e Graça Graúna (2012/2013).

⁶ O termo voz-práxis estético-literária é usado pelos autores Leno Francisco Danner (PUCRS), Julie Dorrico (PUCRS) e Fernando Danner (PUC-RS). No artigo “Literatura indígena entre tradição ancestral e crítica do presente: sobre a voz-práxis indígena em termos estético-literários”, os autores definem que a **voz-práxis** refere-se à literatura das minorias e à Literatura indígena, considerando que tais literaturas possibilitam a publicação da voz-práxis dessas mesmas minorias a partir de perspectivas que interagem – eu e comunidade-grupo e que se fundam e se constituem por meio da tríade **memória** (enquanto comunidade e como vítima), **autoafirmação** (como minoria) e **resistência político-cultural** (contra a marginalização, a exclusão e a violência sofridas e vividas como minorias). Já o **estético-literário** refere-se à Literatura indígena brasileira, quando esta se desenvolve nessa correlação de **retomada e afirmação da tradição comunitária ancestral** (o que liga de modo totalmente imbricado sujeito estético-literário e comunidade de cultura) e **crítica do presente** (a constituição de uma voz-práxis vinculada, carnal e política, relatada autobiográfica e mnemonicamente). A voz-práxis estético-literária é toda a junção dessas características, em que emerge o lugar de fala indígena, que tem na descolonização e na descatequização seu núcleo estruturante e dinamizador (DANNER; DORRICO; DANNER, 2020). Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/23803>. Acesso em: 15 ago. 2022.

1.3.2 Procedimentos metodológicos

Os instrumentos de pesquisa foram coletados por meio de procedimentos metodológicos mistos, os quais foram adotados de acordo com as seguintes etapas:

1- Pesquisa bibliográfica: buscamos na literatura estudos que permitiram familiarização com o tema a ser investigado, para apontar, de forma analítica, os avanços da Literatura indígena no Brasil;

2- Pesquisa documental e consultas às editoras brasileiras: levantamento das principais editoras brasileiras por região e de obras literárias indígenas ficcionais publicadas entre o período de 2015 a 2020, bem como análise dos catálogos para fins de catalogação. A consulta foi realizada via e-mail somente com editoras que apareceram em buscas on-line (Google) e/ou que dispunham dos endereços eletrônicos WhatsApp e/ou Facebook. A busca, pelas editoras e por endereço eletrônico, ocorreu em dois momentos: a- editoras do Tocantins: novembro de 2021 até início de janeiro de 2022; e b- demais editoras brasileiras: março de 2022 até início de abril de 2022;

3- Obras catalogadas: análise de obras catalogadas a partir do levantamento, nas editoras, a fim de identificar os escritores indígenas que publicaram no período de 2015 a 2020, para quantificação (quantos e quais são), a diversidade étnica e região a que pertencem os escritores;

4- Análise de catálogos (on-line) nas editoras brasileiras: verificação dos catálogos de forma on-line, para analisar em quais categorias e gêneros literários de (ficção) as obras indígenas estão catalogadas, bem como a análise dos temas mais recorrentes nessas obras.

Nesse sentido, a natureza de dados compostos e analisados para interpretação das informações, nesta pesquisa, deu-se segundo os critérios a seguir: 1- Identificação de publicações de obras indígenas em duas etapas: nas editoras tocantinenses e demais editoras brasileiras, considerando as principais regiões. 2- Realização de análise dos catálogos (on-line) disponíveis nas editoras, para verificação de escritores indígenas nas editoras comerciais do Brasil, resultando na catalogação de obras literárias de ficção publicadas entre o período de 2015 a 2020. Assim, optou-se por relacionar da seguinte forma: identificação do autor (a), título da obra, editora, local de edição e ano de publicação, dados apresentados por meio de quadros, que permitem ao leitor verificar aspectos relacionados à autoria indígena na Literatura brasileira contemporânea, além de propiciar a construção de um catálogo dessas obras literárias.

Também foram elaboradas figuras com percentuais, assim, o objetivo foi mostrar a distribuição de quantos são os escritores indígenas que publicaram no período de 2015 a 2020, bem como amostragem de quais povos e regiões de cada um deles. 3- Análises das obras literárias indígenas disponíveis de forma on-line, nas editoras brasileiras. Verificou-se também em quais categorias essas editoras catalogam as obras, assim, os dados foram organizados e apresentados por meio de quadros e figuras, para melhor compreensão do leitor, tendo em vista que, desse modo, é possível saber quem são os escritores e quais são as obras produzidas (ficcionais) no período referenciado nesta pesquisa.

1.4 Estrutura da dissertação

Para esclarecer as questões iniciais, esta pesquisa estruturou-se em 4 (quatro) capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se a contextualização do tema proposto, além de discorrer sobre os resultados esperados por meio da definição de seus objetivos.

O segundo capítulo, intitulado *Literatura indígena brasileira: contextualização na contemporaneidade*, apresentou reflexões acerca da conceituação da Literatura indígena propriamente dita, sua importância e representatividade. Após, um breve histórico da Literatura indígena na Literatura brasileira contemporânea: desdobramentos, identidade e autoria, conduzindo discussões sobre o crescimento da autoria indígena brasileira contemporânea, sua importância e as facetas que contribuem para sua visibilidade e (in) visibilidade.

O terceiro capítulo, apresentado sob o título *Mapeamento de obras literárias produzidas por escritores indígenas e publicadas nas editoras brasileiras, entre os anos 2015 a 2020*, mostrou, por meio da catalogação, quem são os escritores indígenas que estão publicando nas editoras comerciais do Brasil, bem como as obras literárias (de ficção) produzidas por eles. Os resultados obtidos por meio do levantamento realizado foram dispostos em quadros, os quais possibilitaram a visualização desses escritores por região e local de edição de suas obras publicadas. Ainda, as editoras abertas a publicizar as narrativas dos ameríndios; na sequência, os resultados referentes ao reconhecimento e quantitativo dos escritores indígenas por povos, gêneros e regiões e a análise de gênero literário (ficção) e de temas, nas obras de autoria indígena catalogadas, seguidas de uma amostragem de percentual por meio de figuras. As figuras expostas no estudo foram baseadas na classificação das origens dos povos e culturas dos escritores que mais publicaram nas editoras brasileiras no período investigado. O escopo

permite ao público-alvo (estudiosos das temáticas indígenas, professores da educação básica, professores do ensino superior, admiradores das causas indígenas) a compreensão do engajamento desses escritores no mercado editorial do Brasil e o apontamento dos temas discutidos por tais escritores em suas textualidades.

Ademais, verificação e análise, dentre as obras literárias catalogadas em editoras, de quais foram os temas mais evidenciados pelos escritores indígenas. Neste subtítulo, faz-se a verificação das obras literárias (ficção) indígenas nos catálogos das editoras brasileiras, buscando demonstrar, por meio de quadros, quais as categorias e gêneros literários (ficção) estão catalogadas, de acordo com a linha editorial de cada editora. Realizou-se, ainda, a análise dos temas mais recorrentes dentre obras literárias, para que se possa conhecer quais temáticas são abordadas pelos escritores e escritoras indígenas em suas textualidades na contemporaneidade. Por fim, as discussões dos resultados e considerações gerais acerca desse conjunto de investigações.

No quarto e último capítulo, estão as considerações finais, em que retomamos brevemente a introdução, trazendo de forma sucinta todo o percurso realizado. Além disso, buscamos responder aos questionamentos que foram surgindo ao longo da dissertação.

Assim, faz-se importante levar em conta o mapeamento feito neste trabalho, pelo fato de que, a partir dele, podemos contribuir para a visibilidade dos escritores indígenas no espectro da Literatura Contemporânea brasileira, estudos literários, escolas de ensino básico e universidades com vistas a entender um pouco mais do crescimento da publicização das obras de autoria indígena nas editoras comerciais do Brasil. Julga-se que este estudo pode trazer reflexões sobre a importância da cultura indígena para a sociedade brasileira, sobretudo a desmistificação da história dos povos originários contada pelos não indígenas, agora, contada por uma diversidade de vozes na Literatura indígena propriamente dita.

Por fim, esta pesquisa convida o leitor a trilhar por esse esboço literário para conhecer os grandiosos escritores indígenas de diversos povos, que, atualmente, estão publicando nas editoras comerciais do Brasil. Também, é uma oportunidade de suscitar reflexões acerca do assunto, com isso, a ideia é contribuir de alguma forma para essa corrida contra o tempo, pois são mais de 500 anos que os indígenas sofrem estereótipos dentro da Literatura Brasileira.

Nosso desejo é que este trabalho permita a visibilidade dos escritores indígenas e suas produções nos espaços destinados ao consumo de literatura. A intenção, de fato, é que o mapeamento de escritores indígenas possa trazer reflexões sobre a necessidade de engajamento desses escritores nas editoras em todas as regiões do Brasil, e não apenas no eixo Sul e Sudeste.

É compromisso nosso permitir, por meio dos resultados, que estas obras literárias recebam o devido reconhecimento nas instituições públicas e privadas, sobretudo na educação básica e superior.

Além disso, esperamos que a pesquisa proporcione a valorização e o reconhecimento da cultura indígena como parte da formação identitária da sociedade brasileira, assim como a ressignificação das práticas leitoras nas escolas brasileiras de educação básica e superior a partir da inserção de obras de autoria indígena.

Por isso, enquanto pesquisadora, acredito que é a escola/universidade o lugar de mudança, de discutir o eu, o outro e o todos nós; é o lugar semeador do pluralismo cultural. Espera-se que a Literatura indígena brasileira contemporânea seja o rumo para a valorização das riquezas ancestrais indígenas, que também são pertencas nossas. E que o reconhecimento dos escritores indígenas e suas produções literárias seja como uma festa ao final de uma boa colheita, exatamente assim como os indígenas sempre comemoram as colheitas. Neste caso, a colheita do respeito ao outro, do respeito à voz do outro e, acima de tudo, à pertença do outro.

2 LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA: CONTEXTUALIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Neste recorte, intentou-se focar no conceito de Literatura indígena, em sua importância e representatividade na Literatura brasileira para a sociedade nacional fora do protótipo literário ocidental. Desse modo, para definir com clareza o que vem a ser essa Literatura indígena, bem como a necessidade de elucidação para sua difusão futura, trouxemos algumas vozes indígenas e autores não indígenas.

Para afunilar nossa discussão sobre a conceitualização da Literatura indígena, propriamente dita, apresentamos brevemente a diferença entre literatura indianista, indigenista e indígena, para que seja possível entender o emergir das textualidades indígenas no universo literário brasileiro contemporâneo.

Além disso, também pretende-se esclarecer o termo “indígena”⁷, que, ainda nos dias atuais, está vinculado a textos da tradição ocidental. Inicialmente, trataremos de uma das definições mais antigas, dentre as três terminologias, a literatura indianista, uma das características romanescas que surge no século XIX, no Brasil. Tal escola literária é marcada pela crescente valorização da natureza, assim como a idealização do indígena. Dentre os autores que marcaram esse período, destacamos José de Alencar e Gonçalves Dias, que representaram os indígenas conforme o modelo ocidental.

Segundo Julie Dorrico, escritora indígena do povo Macuxi, tais escritores não pretendiam ser porta-vozes da cultura indígena ao afirmar que:

Para Daniel Munduruku (2017, p.83), em primeiro lugar, a busca pela construção de uma identidade nacional preconizou-se a partir de uma imagem que não caracterizava o sujeito indígena, senão que se baseava em uma idealização que escapava em absoluto do sujeito e do contexto em que passavam os indígenas desde a colonização. Em segundo lugar, é no século XIX, a partir de pressupostos ocidentais, que efetivamente serão construídas as imagens caracterizadoras, ou demonizadoras, dos indígenas, no conceito do “bom selvagem”, cunhado por Jean-Jacques Rousseau; e também em termos contraditórios registrados nos livros de viajantes (ou mesmo de

⁷ É importante salientar que há outras definições do termo “indígena”. De acordo com o portal da Amazônia, o termo deve ser usado para substituir o vocábulo “índio”. Como já mencionado, a nomenclatura “indígena”, além de demonstrar respeito, é a mais correta, porque significa “originário, nativo, que estava no local antes de qualquer um”. Em relação ao termo “índio”, de modo geral, esta palavra está quase sempre associada popularmente à preguiça, a um povo atrasado social, tecnológica e culturalmente no tempo, e até mesmo à selvageria. Isso ocorre devido ao processo de discriminação, bem como ao apagamento da identidade indígena desde a colonização estrangeira no território brasileiro. O termo, além de ser usado de forma pejorativa, é até mesmo incoerente, pois generaliza etnias tão diversas e plurais (LIMA, 2022). Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia/portal-amazonia-responde-qual-a-diferenca-entre-os-terminos-indio-indigena-e-indigenista>. Acesso em: 19 jan. 2023.

Pero Vaz de Caminha, no Brasil, enquanto um dos primeiros textos a expressar o contato e, no caso, a caricaturização dos indígenas) pelo continente como “selvagem”, “canibais”, “bugre”, “ingênuo” etc. (DORRICO, 2018, p. 232).

Sobre a construção do personagem “índio”, pelo não indígena, na Literatura brasileira, a autora Graça Graúna, indígena do povo Potiguara, menciona em seu livro, *Contrapontos da Literatura indígena contemporânea no Brasil*, que:

A abordagem que se faz do índio na história da literatura brasileira não é indígena, mas indigenista ou indianista. A contribuição do Padre José de Anchieta (indevidamente classificada como literatura informativa) inaugura o que se pode chamar de cenário oficial da literatura brasileira, mas a sua poesia e o seu teatro de intenção pedagógica e moralizante marginalizam o nativo (GRAÚNA, 2013, p. 47).

Nos dias atuais, os indígenas lutam para a desmistificação da imagem construída pelos olhos dos colonizadores. Nesse sentido, Janice Cristine Thiél, autora não indígena, acredita ser necessário um esclarecimento sobre a existência de alguns rótulos utilizados, a saber, no que tange à distinção da literatura indianista, indigenista e indígena. Assim:

[...] O primeiro, indianista, refere-se mais especificamente à literatura do período romântico brasileiro, voltado para a construção de uma identidade nacional. As obras desta literatura, escritas por autores não índios, colocam o índio como personagem, construído como herói ou vilão, dependendo de seu distanciamento da barbárie que sua cultura nativa representa a da sujeição à cultura do colonizador. As obras indigenistas são produzidas também por não índios e tratam de temas ou produzem narrativas indígenas. A perspectiva ocidental característica destas narrativas pode ser evidenciada pela vinculação dos textos nativos a gêneros textuais e literários, são também gêneros culturais, conseqüentemente construídos a partir de visões de mundo e conceitos diferentes. Já a produção indígena é realizada pelos índios segundo as modalidades discursivas que lhes são peculiares. As obras indígenas, voltadas para o público infanto-juvenil e para o público maduro, apresentam uma interação de multimodalidades: a leitura da palavra impressa interage com a leitura das ilustrações, com a percepção de desenhos geométricos, de elementos rítmicos e performáticos. Os grafismos indígenas constituem narrativas e devem ser valorizados por sua especificidade, podendo inclusive indicar a autoria do texto indígena, se coletiva/ancestral ou individual (THIÉL, 2013, p. 1178).

Acredita-se que as distinções que compõem a Literatura indígena permitem entender sua construção formativa dentro da Literatura brasileira, assim como as concepções de representatividade atribuídas aos indígenas, durante séculos, pela perspectiva ocidental. No entanto, apresenta uma literatura que é genuinamente indígena ao denotar uma escrita peculiar, multimodal e multicultural. Características estas que proporcionam uma mudança de pensamento, um olhar mais amplo e aberto acerca de histórias e contextos antes apagados e esquecidos por uma cultura e história hegemônicas, que priorizam um único lado histórico-

cultural. Nesse contexto, a autora Julie Dorrigo (2018) aponta que a diferença entre a Literatura indígena e a indianista⁸ está na autoria, posto que essa escrita é realizada pelos próprios indígenas.

Assim, perscrutando-se outras acepções similares acerca dos termos “Literatura indígena e indigenista”, Graúna destaca:

Na distinção entre Literatura indígena e indigenista feita por Mariátegui, a primeira refere-se “à produção intelectual e artística realizada pelos índios, conforme seus próprios meios e códigos, a segunda implica a vasta criatividade que, com base em outras posições sociais e culturais, no lado ‘ocidental’, busca informar sobre o universo e o homem indígenas” (POLAR, 2000, p. 194 apud GRAÚNA, 2013, p. 22).

Observa-se que a peculiaridade existente na Literatura indígena, inclusive de acordo com as definições mencionadas anteriormente, é o que a define enquanto estrutura do pensamento indígena, tornando-a, assim, diferente da literatura ocidental. Na segunda distinção, o próprio autor permite compreender essa diferenciação, quando menciona “no lado ocidental”, deixando claro que a literatura indigenista integra obras escritas ou traduzidas por não indígenas, compreendidas em um universo social e cultural totalmente diferente do cosmo indígena. Isso porque, dentre suas facetas, ora pode vir como aliada, ora fazendo o caminho inverso. Sobre este último, Leite (2019, p.11-12) ressalta que a escritora Graça Graúna, neste livro,⁹ “[...] é capaz de identificar os preconceitos existentes nas obras indigenistas, a começar pela “falsa” descrição e/ou estereótipo de como são os índios e como vivem”.

No entendimento de Julie Dorrigo, o movimento indigenista:

[...] busca mostrar o indígena como sujeito em um país que o determina estrangeiro e marginal, como não-sujeito. [...] No indigenismo, portanto, o sujeito indígena é o informante e não aparece como autor de suas narrativas, mas como colaborador para o antropólogo ou para o assessor que as coleta para material ficcional ou acadêmico. (DORRICO, 2018, p. 236).

Na definição exposta pela autora indígena, notamos que, apesar do sujeito não indígena ossificar uma representação hostil do sujeito indígena, ele coloca-o como estrangeiro de sua própria cultura. Tal determinação apenas permitiu a estes mesmos sujeitos, a quem foi negada

⁸ Apesar de estarmos tratando das terminologias da literatura indígena e indigenista, vale ressaltar que há uma distinção entre ambas as palavras, sendo que: a palavra indígena é designada como relativa a/ou indivíduo pertencente a um povo; a palavra indigenista refere-se ao indivíduo que participa ativamente de movimentos em prol de populações indígenas e promove a defesa de direitos assegurados para a proteção desses povos, mesmo não sendo indígena (LIMA, 2022). Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia/portal-amazonia-responde-qual-a-diferenca-entre-os-termos-indio-indigena-e-indigenista>. Acesso em: 19 jan. 2023.

⁹ A autora refere-se ao livro *Contrapontos da Literatura indígena contemporânea brasileira*, de 2013.

a voz, que saíssem da condição de informante e de colaborador das narrativas passando à autoria, agora, realizadas pelos próprios indígenas. Dessa forma, “A autoria surge, como núcleo caracterizador do movimento estético-literário-político indígena brasileiro, percebendo e afirmando o sujeito indígena no centro dele” (DORRICO, 2018, p. 230).

Nesse viés, A Literatura indígena, “[...] por outro lado, pretende indicar uma apropriação original, em que o objeto assume o papel de sujeito autor, criador, artista” (BRITO; SOUSA FILHO; CANDIDO, 2018, p. 177). Sendo assim, a Literatura indígena é para os povos originários um ato de resistência, visto que saíram da oralidade para entrar na escrita, além de ser considerada, também, um dos meios de interlocução atemporal, lugar em que expressam seus conhecimentos, informam sobre quem são, sobre suas culturas e tradições etc.

Nesse contexto, outra definição aponta a literatura nativa “como instrumento político que, aliado ao movimento indígena brasileiro, se constitui e se vincula pública, política e culturalmente como crítica da cultura, descatequização da mente e reorientação do olhar, a partir do próprio protagonismo indígena” (DORRICO, 2018, p.13). Dessa maneira, as textualidades indígenas, que não podem ser consideradas uma, mas, sim, diversas, nascem em uma sociedade nacional, enquanto autoafirmação cultural e identitárias, contra a história única sobre o “índio”.

A autora Dorrico, a partir das ideias de Dalcastgnè e Matos, afirma que a Literatura indígena brasileira contemporânea também pode ser definida como:

[...] uma expressão vinculada ao lugar de fala do sujeito indígena que reivindica, cada vez mais, protagonismo para articular em nome de suas ancestralidades, sem mediações alheias a eles. O lugar de fala indígena é a sua ancestralidade. Matos (2011), refletindo sobre a enunciação literária indígena e o lugar de onde partem os textos criativos indígenas, argumenta que a autoidentificação e a autodenominação étnicas sob a forma de ‘nós’, ‘os humanos’, os ‘verdadeiros humanos’, é uma constante para vários povos indígenas (araweté, yaminawa, waiapi, etc.). Estas alcunhas autorreferenciais são pronomes cosmológicos e não pronomes próprios. “Eles servem para marcar o lugar de onde se fala, o nós do grupo” (DORRICO, 2018, p. 230).

Nesse contexto, a escrita indígena ganha ressignificação a partir da oralidade, que, intrinsecamente, está ligada ao cosmo ancestral dos povos indígenas, considerado essencial para o devir da continuidade, ou seja, manter vivas as histórias de seus povos por meio de seus antepassados. Por isso, as alcunhas referenciais, nesse caso, não são globais, mas tribais, em relação às organizações próprias de cada comunidade na relação com a natureza, assim como a expressão literária. O escritor indígena Daniel Munduruku faz uma crítica sobre a Literatura

indígena produzida, atualmente, no Brasil, quando se propõe apenas uma forma de comunicação e expressão:

O que posso falar sobre a Literatura indígena que se faz hoje no Brasil é que há uma profunda contradição entre oralidade e escrita. Não é possível falar da literatura produzida por pessoas de tradição ágrafa sem antes apresentá-las, para que se entenda o grau de dificuldade que temos nas relações com sociedades que valorizam as letras como um dos principais meios de comunicação e expressão. Isso às vezes faz com que essas mesmas sociedades dediquem muito tempo à leitura e se esqueçam de fazer a leitura do tempo, rejeitando, assim, outras formas de leitura e escrita produzidas há muitos séculos por sociedades tradicionais (MUNDURUKU, 2020, p. 62).

O autor indígena acrescenta em sua fala a importância de um olhar para o mundo que não seja apenas o das letras, mas esse mundo sagrado, esse mundo ancestral, que move as sociedades tradicionais. “A partir da tradição ancestral, a escrita indígena contemporânea desvincula-se da figura do cavaleiro nobre, heroico e do passado, [...] questionando esse caráter etnocêntrico e dimensionando pelo texto literário multimodalidades discursivas [...] (DORRICO, 2018, p. 235). É importante destacar que suas múltiplas modalidades de construção de sentido do texto não são compostas apenas pela escrita alfabética, mas, também, por elementos não verbais (visuais/grafismos).

Assim, são esses elementos advindos da oralidade ou vinculados à visualidade que sinalizam especificidades da construção das textualidades indígenas. Desse modo, alguns dos gêneros textuais observados nesse tipo de textualidade são relatos, tais como relato cerimonial (cantos de cura, de caça, de purificação, eventos lendários ou místicos, etc.) e popular (canções de ninar, piadas e pequenas histórias, dentre outros); relato mítico (refere-se à origem do mundo, dos deuses e do homem); relato ensaístico (discurso social e político, metatexto e discussões identitárias); gênero memorialístico (testemunho ensaístico/documentação da memória coletiva da comunidade representada no discurso), a autoria (produção de um escritor ao se expressar pela voz individual ou voz coletiva) e a composição multimodal (escrita alfabética e visual).

Além da Literatura indígena ter suas raízes na tradição oral, ela também é performática¹⁰, isso porque traz elementos que podem ocorrer por meio de outros diálogos, ou seja, elementos como a dança, música etc. Outra característica apontada na Literatura indígena é a questão do hibridismo cultural, assim como a pluralidade de vozes e gêneros literários

¹⁰ A Literatura indígena, no sentido performático, compõe também elementos visuais (ilustrações), a palavra dos contadores de histórias, voz, entonação, assim como elementos ocidentais (narrativas, poemas etc.).

existentes nas obras. É um tipo de literatura com uma linguagem própria e cheia de espiritualidade.

Ademais, trata-se de uma “voz-práxis que rompe com o silenciamento, a invisibilização e o privatismo a que foram submetidos os povos indígenas, que, desse modo, enraízam-se profundamente como sujeitos públicos-políticos-culturais e em termos de esfera pública-política-cultural” (DANNER; DORRICO; DANNER, 2018, p. 347). Nesse sentido, o uso do termo em questão permite que os indígenas desconstruam a imagem teatralizada e caricata em termos públicos, políticos e culturais, construída historicamente pelo olhar eurocêntrico. Assim, descentralizando a voz do colonizador, devolvendo aos povos originários a palavra e o protagonismo tomados nesses últimos 500 anos.

Para Kambeba (2018, p. 43), escritora indígena do povo Omágua/Kambeba, “A palavra é, para os povos indígenas, um objeto de arte, pois ela representa a imagem guardada na memória de saberes. Dessa forma, entende-se que a resistência indígena faz-se presente em outras artes com influências vindas da Cidade”. Nessa perspectiva, Tiago Hakiy (2018), escritor indígena do povo Sateré Mawé, ressalta que a oralidade sempre foi o meio de transmissão de seus saberes, porém, outras tecnologias podem ser usadas para transmissão. Para tanto, considera-se ser este o papel da Literatura indígena, visto que há escritores que nasceram na tradição oral, mas atualmente não vivem mais nas aldeias e ainda carregam em suas criações todo o seu pertencimento.

Sobre o papel da Literatura indígena, para Munduruku (2018), ela é a portadora da boa notícia, ou seja, o (re)encontro. No caso, que não destrói a memória, mas a fortalece, ampliando o saber tradicional ao ressignificar o pensamento ancestral por meio de outros fatos e acontecimentos. Diante desse pensamento, compreendemos a relevância da Literatura indígena para a sociedade brasileira, para que, através dessas literaturas, se conheça a diversidade dos povos originários e que, a partir daí, se tenha outro olhar sobre a história do Brasil.

Dessa maneira, ao considerar a literatura como base para o reconhecimento da diversidade, acerca dos mais de 200 povos indígenas, em relação à sua existência e às suas singularidades, Tettamanzy e Ferreira afirmam, a partir da ideia do linguista José Ribamar Bessa Freire, que isso só acontecerá se as instituições educacionais tornarem a história e as culturas desses povos parte de suas pesquisas e currículos. Sobre o assunto, o autor lista cinco ideias equivocadas, a saber:

Primeira, a do “índio genérico”, que ignora as diferenças – significativas, por sinal – existentes entre esses povos; segunda, a que considera as línguas, as ciências, as religiões e as literaturas indígenas como atrasadas ou inferiores, por não partilharem de referências e códigos reconhecidos pelas perspectivas vigentes (ocidentais); terceira, a que considera que a cultura dos índios deva permanecer “congelada”, ou seja, num estado de pureza impensável considerando a inevitabilidade das trocas e contatos interculturais; quarta, a que relega as culturas indígenas ao passado, por ignorar a sua capacidade de mudança e por considerá-las atrasadas e incompatíveis com os ideais de progresso e modernidade; e quinta, a de que o brasileiro não é índio, resultado da incorporação do preconceito que reconhece como válida em nossa cultura apenas a matriz europeia e branca, ignorando as raízes indígenas e africanas (TETTAMANZY; FERREIRA, 2018, p. 303).

Ao destacar as cinco ideias equivocadas sobre os indígenas, o autor tenta mostrar que esses povos ainda vivem sobre as amarras coloniais advindas de séculos. Por este motivo, acredita-se que a elucidação da Literatura indígena, escrita atualmente, sirva para construir um novo olhar sobre a história e a cultura desses povos. Além disso, também para desconstruir o preconceito arraigado na cultura brasileira. Nesse contexto, os povos nativos acreditam que, a partir de seus textos, a nação brasileira possa respeitá-los enquanto nações primárias.

2.1 Breve histórico da Literatura indígena contemporânea no Brasil: seus desdobramentos na Literatura Brasileira, identidade e autoria

A literatura do povo colonizado é um retrato da influência advinda do processo colonial, em que, nos anos 1960 e 1970, período marcado historicamente pelo pós-guerra, os povos independentes encontraram um rumo para seu crescimento político. A partir do então progresso no campo político, acreditava-se na indução ao campo literário, compreendendo, assim, “[...] que as literaturas dos povos independentes estariam livres de manipulações coloniais que as degradaram e que daqui em diante teriam uma posição estética própria” (BONNICI, 1998, p. 7). Desse modo, as marcas que a literatura dos povos colonizados carrega são profundas e extensas, além disso, ainda é considerada uma literatura fragilizada, sem valor e subserviente.

No entanto, a exclusão dos povos que se encontram do outro lado da linha abissal traz uma realidade em que os países europeus colocam em evidência suas dominações políticas, econômicas e culturais. Assim, hierarquizando seus saberes, negando, entretanto, a diversidade existente que pertence ao outro. “O presente que vai sendo criado do outro lado da linha é tornado invisível ao ser reconceitualizado como o passado irreversível deste lado da linha” (SANTOS, 2007, p.74). Assim, o lado que é silenciado e oprimido.

No entendimento de Dalcastagnè:

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Mesmo no último caso, tensões significativas se estabelecem: entre a “autenticidade” do depoimento e a legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 17).

De acordo com Dalcastagnè (2008, p. 87), por certo, “a literatura contemporânea reflete, nas suas ausências, talvez, ainda mais do que naquilo que expressa [...]”. Desse modo, as marcas de um racismo que ficou nas entranhas dos países colonizados são evidentes. Nesse diapasão, salientamos que, na história da Literatura brasileira, nutriu-se de forma preconceituosa o imaginário das gerações da sociedade brasileira dominante contra os povos indígenas. Apesar dos avanços, ainda nos dias atuais, uma parcela dessa sociedade insiste em mantê-los sob olhares de negação, advindos de séculos, de um racismo estrutural presente, ilegitimando-os nos espaços de produção.

Isto porque o conceito de um povo atado ao passado colonial do país ainda prevalece no inconsciente coletivo dos brasileiros, que invisibilizam a situação contemporânea desses grupos e as suas lutas históricas e atuais em face dos numerosos moldes de colonização forçado (GONZAGA, 2021, p. 125).

Sabe-se que na literatura isso não é diferente, visto que a maioria das obras em que os indígenas são personagens e/ou retratados são escritas por não indígenas, que, por sua vez, trazem consigo uma invisibilidade da identidade indígena. Ou [...] uma grande narrativa construída para criar a impressão de que os índios das Américas têm uma identidade comum e formam uma cultura única; entretanto, não há muitos como um, mas muitos como muitos (THIÉL, 2012, p. 118). Nesse sentido, a identidade é fundamental, quando se fala de um povo, justamente ao afirmar que:

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana (GOMES, 2005, p. 41).

Nesse viés, acredita-se que o termo identidade pode ser utilizado para expressar, de certa forma, uma singularidade construída na relação com outros homens. Mas “há traços culturais imunes e resistentes a qualquer influência externa que constituem a identidade de um povo, sobretudo as suas manifestações simbólicas [...]” (TAVARES, 2014, p. 164). Sobre afirmação

de identidade, alguns indígenas e mestiços, ainda no período de colonização, escrevem suas primeiras narrativas para assegurar a memória oral de seu povo, de sua cultura; tanto quanto contrapor a figura do indígena nos padrões clássicos da literatura europeia. A literatura europeia remete a um discurso equivocado e preconceituoso no qual os povos nativos foram nomeados pela história oficial. E, ainda, submetidos a uma relação de opressão, de silêncio e de repressão, que sucede da ideologia “sujeito (agente) e objeto (outro-subalterno) mantida pelo colonizador por séculos.

A respeito disso, Santos (2007) ajuda a compreender que a subalternidade utilizada para descrever o colonizado-objeto está dentro do princípio da exclusão social, que é considerada um produto no que se refere à relação de poder desigual. Assim, reconhece-se que o “Fórum Social Mundial” tem sido a manifestação mais crucial da globalização anti-hegemônica e do cosmopolitismo subalterno. Ainda, que, dentre as entidades que participam ativamente, os movimentos indígenas são aqueles nos quais suas concepções e práticas configuram a mais expressiva emergência do pensamento pós-abissal. Portanto, a resistência dos povos indígenas (colonizado-objeto) no mundo e no Brasil é nítida. “Muito antes da colonização, a vocação enunciativa dos povos indígenas, isto é, a palavra indígena ecoa como um sinal de sobrevivência e continuará ecoando contra os conflitos gerados pela cultura dominante” (GRAÚNA, 2012, p. 269).

Nessa perspectiva, desabrocha, a partir da década de 1970, em um contexto marcado por acontecimentos sociais no Brasil, o movimento indígena Brasileiro. Desse modo, os povos indígenas foram incorporados na movimentação política pela inserção de lideranças e chefes indígenas. Tal movimento passa a ser conhecido e respeitado quando seus agentes participaram ativamente na elaboração da Carta Magna, promulgada, em seguida, pela constituição de 1988, trazendo aos povos originários uma nova concepção ideológica, ou seja, uma nova concepção de política indigenista postulada na Constituição Federal do Brasil. Assim, a participação das organizações sociais indígenas – ou não – foi decisiva no sentido de colocar fim a uma concepção eurocêntrica relacionada às temáticas indígenas.

O protagonismo dos povos indígenas, pautado na Constituição de 88, por meio do artigo 232,¹¹ garante aos povos indígenas a autonomia de exigir os seus direitos, quando estes não forem respeitados, seja pelo poder público ou pela sociedade civil (BRASIL, 1988). Com base nessa nova política sustentada ao longo das décadas, a partir da constituição de 88, os povos

¹¹ Art. 232. Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo (BRASIL, 1988).

indígenas foram se organizando para que pudessem preservar suas vidas no próprio país de origem, assim como manter viva sua cultura. E é nesse espaço, ao final de 1970, que as primeiras escritas começam a surgir ainda de forma independente, mas, sobretudo, demonstrando o desejo de autoria por parte dos indígenas.

Ainda nessa década, surgem organizações e movimentos que defendem os direitos e os interesses dos povos indígenas. Ressaltamos, assim, a União das Nações Indígenas (UNI), uma das primeiras articulações do movimento, constituída por jovens estudantes indígenas. “Era a primeira vez que os povos indígenas podiam propor uma verdadeira política que tinha uma identidade própria [...] (MUNDURUKU, 2013, p. 46).

Apona-se, também, a figura da mulher indígena em destaque na política e na literatura. Para tanto, em 1975, Eliane Potiguara, escritora indígena, ao escrever o poema *Identidade Indígena*, marcou o início do movimento literário indígena contemporânea no Brasil. Na década de 80, temos o primeiro livro publicado por autores indígenas, chamado *Antes o mundo não existia*, de Umusi Parokumu e Toramu Kehri, do povo Desana.

Nesse período, outros escritores indígenas já escreviam obras individualmente, no entanto tais obras não tiveram engajamento nas editoras comerciais devido ao cenário político da ditadura militar, ainda vigente no país naquele momento. Frise-se que foi uma década marcada por uma política etnocida, conforme o Conselho Indigenista (CIMI), por meio do histórico que se faz do movimento indígena. Também, pela crescente representatividade acerca das causas indígenas por meio das diversas associações indígenas e/ou organizações indígenas e as novas alianças (sociedade civil e setores populares).

A partir dessas representações indígenas, os anos de 1990 foram assinalados não só por uma nova conduta dentro do movimento indígena, que deliberava as promessas recém-aprovadas pela constituição de 88 em prol dos direitos dos povos indígenas. O período ganhou destaque especialmente porque, nessa década, a produção indígena, na forma escrita, teve seu apogeu e eclodiu para a sociedade não indígena. O primeiro livro publicado nesse período por autores indígenas foi o livro *Oré Awé Roiru'a ma: Todos as vezes que dissemos adeus*, do autor Kaká Werá Jecupé. No entanto, a expansão do que chamamos de Literatura indígena brasileira contemporânea deu-se a partir da publicação do livro *Histórias de índio*, do escritor Daniel Munduruku, em 1996, sendo considerado o pioneiro da Literatura indígena contemporânea no Brasil.

Nesse contexto, o conjunto de manifestações literárias de autoria indígena, no Brasil, que ganhou forças, caracterizou-se por dois momentos: [...] o período clássico

referente à tradição oral (coletiva), que atravessa os tempos com as narrativas míticas, e o período contemporâneo (de tradição escrita individual e coletiva), na poesia e na “contação de histórias” com base em narrativas míticas” (GRAÚNA, 2013, p. 74).

Nessa subdivisão, que corresponde à tradição escrita individual e coletiva, a autoria coletiva ocorre primeiro nas aldeias, tendo o direito assegurado na constituição de 1988, a partir da educação escolar indígena. A autoria coletiva é uma produção realizada pelos professores e alunos indígenas, ressaltando-se que produziam o material didático-pedagógico destinado ao ensino de suas comunidades.

Na tradição escrita individual, as produções textuais indígenas, além de recontar a história do Brasil de forma diferente da narrativa oficial, fazem uso de uma linguagem original e de uso plural para exprimir as diversidades étnicas. Tais escritos autorais indígenas foram ganhando força, obtendo, assim, uma abertura por parte da sociedade brasileira na recepção da memória escrita dos povos indígenas. Sendo assim, nos anos subsequentes, mais significativamente, a partir do ano 2000/2002, os textos de autoria indígena tiveram um crescimento maior, tendo recebido premiação no Brasil e no Exterior.

Essas premiações foram fundamentais para que o mercado editorial enxergasse de alguma forma um potencial econômico benéfico, além de contribuir para a expansão dessa literatura. Outro fator preponderante para o crescimento da literatura de autoria indígena no mercado editorial brasileiro foi a promulgação da Lei nº 11.645,¹² em 10 de março de 2008 (BRASIL, 2008), trazendo uma nova alteração à LDB com o propósito de inserir no currículo da rede de ensino a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

A lei, assim como outras, é considerada primordial em ações afirmativas de reparação à memória e à cultura dos povos indígenas, enquanto pilares fundamentais da base étnica brasileira. Compreende-se que tal lei acabou contribuindo muito para o reconhecimento dos escritores indígenas no âmbito nacional, além da possibilidade de alcançarem maior visibilidade e divulgação.

¹² “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras” (NR). (BRASIL, 1996).

Para o autor indígena Daniel Munduruku (2020), o reconhecimento da Literatura indígena e a participação crescente dos autores em eventos literários, no Brasil e fora dele, não foram o suficiente para encontrar quem dissesse que os indígenas não fazem literatura. Sobre tal afirmação, o autor diz que não foi ele quem criou conceitos que classificam o que os indígenas escrevem, assim como acredita não fazer literatura, e sim memória escrita.

Nesse aspecto, o autor indígena Ely Macuxi percebe a literatura ao afirmar:

[...] Escrita que permite a troca de conhecimentos e experiências entre indígenas e a sociedade brasileira a respeito da diversidade, sociabilidade, produção e preservação, desenvolvimento e sustentabilidade, troca de saberes sobre valores, comportamentos, espiritualidade, jogos e brincadeiras. Os textos escritos por autores indígenas podem nos dar a oportunidade de contarmos uma outra história, sobre nossas tradições que foram desvirtuadas por estranhos que se apropriam de nossas histórias e as transformam em folclorismo, modismo literário, justificativas nacionalistas que em muito prejudicam e distorcem nossas histórias (SOUZA, 2018, p. 68).

Observa-se que o autor enfatiza esses registros escritos em virtude da relevância que representam para os indígenas, por considerar que o texto escrito é o lugar de troca de conhecimento, de contar sobre suas vidas e experiências. Além disso, trata-se de uma forma de preservar seus conhecimentos após o falecimento dos velhos e pajés, assegurando esse saber às novas gerações. Ele critica os não indígenas por apropriarem-se de suas histórias, transformando-as em meros textos folclóricos, os quais não agregam valor às suas tradições culturais. Ressalta, ainda, que a escrita para os povos indígenas tem sido de grande utilidade, deixando de ser um instrumento de dominação, para se tornar um instrumento de afirmação, divulgação e defesa. Assim, a escrita e a literatura tornam-se um espaço no qual eles podem dialogar com seus leitores e demais indígenas sobre suas identidades e denominações (THIÉL, 2012).

Souza (2018) defende o avanço dessa escrita, mas reconhece que ela ainda está reduzida à literatura infantil. Considera que, apesar da diversidade étnica existente no país, são poucos indígenas escrevendo e os que estão produzindo se encontram fora do eixo Sudeste e Sul. Portanto, ressalta a importância desses escritores nessas regiões para que tenham oportunidade de publicar e divulgar suas escritas, assim como nas demais regiões, ao afirmar que outros escritores indígenas precisam usufruir desses benefícios.

Ainda, reforça que as editoras deveriam ser menos seletivas, e os autores indígenas que estão fora do eixo Sudeste e Sul deveriam ser mais articuladores e negociadores em relação aos interesses dos indígenas.

Entretanto, o autor considera que a palavra, como organizadora do pensamento, tem poder e força. Por isso, ele não considera uma escrita como palavra morta, mas sim como uma palavra viva e livre. Sobre a importância da produção de textualidades indígenas enquanto instrumento de autoafirmação ética e resistência, Márcia Kambeba afirma:

Os povos indígenas há tempos vêm sofrendo com a falta de conhecimento da sociedade sobre quem são e como vivem. Na busca de manter sua cultura viva procuram conhecer a educação que vem das Universidades e fazem desse conhecimento uma ferramenta não apenas de registro, mas também de informação. Compreendem que é preciso escrever para estabelecer possibilidades de pensamento reflexivo, percebem a literatura como um instrumento de crítica e de compreensão de uma cultura que é receptiva e a utilizam para dar visibilidade à sua luta e resistência (KAMBEBA, 2018, p. 40).

A fala da autora ressalta a necessidade do conhecimento universitário para os indígenas. Para ela, essa ferramenta pode alargar suas fronteiras textuais. Na concepção de Kambeba (2018), a escrita não pode ser apenas para fins de registro, mas um meio de informar e denunciar assuntos relacionados à própria cultura dos povos indígenas. Nessa lógica, o autor indígena Souza (2018) frisa a importância do conhecimento universitário para o seu povo. No entanto, ao mesmo tempo, demonstra certa preocupação quando salienta que tais pesquisadores e escritores indígenas precisam ter consciência dos objetivos das pesquisas e escritas para as suas comunidades ou aldeamento indígena. Metaforicamente, usa o termo “canoa” para questionar a utilidade da educação na vida dos indígenas dedicados à pesquisa, quando pergunta se esta serve para mantê-los ou afastá-los de seus territórios.

Qual é a direção da canoa? E em qual canoa estamos embarcando? Um indígena escritor ou um escritor indígena? Que serventia, perguntava o cacique de Seattle, em um trecho da famosa carta enviada ao governo americano em 1855 (EUA), terá um guerreiro letrado, um índio escritor, sociólogo ou antropólogo, se ele não sabe mais caçar, pescar, fazer ritual, identificar e proteger os parentes? Certamente, referia-se ao fato de que no mundo indígena não é possível separar teoria da prática, no entendimento de que teorias que não orientam e não se aplicam para a melhoria de vida de nossos povos são como as canoas sem quilhas, sem direção, apenas seguem a correnteza dos rios, algumas delas vão e não voltam mais (SOUZA, 2018, p. 66-67).

Diante disso, o exposto pelo autor não significa levantar críticas à presença indígena na universidade, mas apenas lembrar que muitos dos indígenas escritores e pesquisadores que vão para as academias não voltam mais para as suas comunidades. Ele assevera que a Literatura indígena brasileira é o espaço para problematizar e reafirmar a alteridade ainda posta pelo domínio sofisticado da modernidade disfarçada. “Afinal, a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação

de alguns grupos, não de outros, o que significa que determinadas produções estão excluídas de antemão” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 12).

Nesse contexto, Dalcastagnè explica o lugar dessas vozes no campo literário:

São essas vozes, que se encontram nas margens do campo literário, cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão. Essas vozes que tencionam, com a sua presença, nosso entendimento do que é (ou deve ser) o literário. É preciso aproveitar esse momento para refletir sobre nossos critérios de valoração, entender de onde eles vêm, por que se mantêm de pé, a que e a quem servem.... Afinal, o significado do texto literário – bem como da própria crítica que a ele fazemos – se estabelece num fluxo em que tradições são seguidas, quebradas ou reconquistadas, e as formas de interpretação e apropriação do que se fala permanecem em aberto. Ignorar essa abertura é reforçar o papel da literatura como mecanismo de distinção e hierarquização social, deixando de lado suas potencialidades como discurso desestabilizador e contraditório (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 12).

Em um dos capítulos do livro *Literatura e Resistência*, a autora Marília Librandi (2018) refere-se ao texto *Ainda brasileira?*, ao trazer a ideia do autor Fernando Scheibe, que sugere, ao longo alcance, abandonar o “sistema” e retornar às fontes das manifestações literárias.

Para ela:

A sugestão é rica em desdobramentos, pois convida a sair da marca e dos marcos da formação de um sistema literário nacional para repensar as produções contemporâneas fora de escola e de sistema, como manifestações de pluralidade, impossíveis com a unidade nacional que dominou o pensamento da história literária no Brasil nos séculos XIX e XX. A inclusão de uma carta indígena impede o atrelamento imediato com o termo “literatura brasileira”, pois ou é necessária uma ampliação do “brasileiro”, de modo a incluir no âmbito de uma literatura escrita em português os indígenas e suas línguas; ou será preciso a desconsideração do termo, em prol de um mais amplo e genérico: textos literários produzidos no Brasil. Mas é de abolição que se trata, e também de reterritorializações. No caso, falar sobre a carta Guarani Kaiowá significa alargar o horizonte para uma realidade regional, a da América do Sul meridional, e que envolve, portanto, as antigas áreas da colonização ibérica e as atuais fronteiras do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, assim como envolve o plurilinguístico português, espanhol,portunhol e os vários dialetos guaranis. É dentro desse paradigma que proponho a inclusão da Carta Guarani Kaiowá como manifestação da literatura contemporânea, entendendo literatura em um sentido ao mesmo tempo amplo e menor: aquele que nasce da não pertença. Fora, portanto, do âmbito nacional, mas dentro do campo literário. Assim, não seria mais uma literatura da gente, apenas, mas das gentes, “expressando a pluralidade e singularidade das diferenças de viver e representar o mundo” (MOTA, 2011, p. 45 apud LIBRANDI, 2018, p. 21).

A inclusão da carta Guarani kaiowá abrange uma discussão dentro do campo literário e traduz o que esperamos para os dias atuais, no caso, como perspectiva de uma “literatura nossa”. Para tanto, a autora, em outra parte do seu texto, enaltece esse “nossa” por considerá-lo um processo dilatador, o qual pode nos tirar do “domínio colonialista”, permitindo que esse “nosso”

seja também dos nativos, garantindo, assim, os seus direitos. Também, sobre o assunto, Librandi aponta:

[...] não se trata de inclusão caritativa ou inclusão que elimina a diferença, mas inclusão deles como grupo produtor de texto, enunciadores de sua história, donos de sua voz, aquilo que em nosso regime discursivo chamamos de autores, o direito à literatura como o direito à autoria, à autoridade e à assinatura [...] (LIBRANDI, 2018, p. 31).

Assim, sem dúvida, esse é o desejo de muitos escritores indígenas dentro do mercado editorial. Neste caso, ter a possibilidade de publicar suas textualidades de modo que possam contar sua própria história, ainda, com suas escritas, desconstruir a caricatura do bom selvagem, romantizada pelos não indígenas na Literatura brasileira. Nesse sentido, Souza (2018) ressalta que as editoras deveriam se preocupar com os textos que estão sendo publicados sobre a cultura indígena, pois considera que, na história da Literatura brasileira, já foram cometidos muitos equívocos sobre os povos indígenas. Acrescenta que há aqueles que escrevem com seriedade, enquanto outros se apoderam indevidamente desses conhecimentos, construindo uma representatividade por meio de suas escritas, como se fossem puras verdades.

“A nova interpretação sobre os povos indígenas não é mais enxergá-los como seres passivos ou meramente subjugados pelo colonialismo, mas notar que eles também participaram e participam da História, foram e ainda são protagonistas” (GONZAGA, 2021, p. 146). Apesar do avanço da Literatura indígena, nessas últimas décadas, sabemos que a autoria está reduzida a um pequeno grupo de escritores. Desse modo, tal questão torna-se uma preocupação para os indígenas que são escritores e que produzem literatura a partir do contexto de suas comunidades. De acordo com Souza, alguns questionamentos sobre a autoria, direitos e propriedade dessas histórias são necessários, pois é essencial saber “quem realmente está escrevendo sobre a cultura indígena? A quem devem ser pagos os direitos autorais das histórias indígenas” (2018, p. 71).

Essas questões apresentadas pelo autor são mensuráveis tanto quanto reflexivas e, assim, precisam estar em constantes debates pelos próprios indígenas, estudiosos, pesquisadores, ONGs e editoras, a fim de evitar que o mercado editorial continue repetindo equívocos sobre a história desses povos, quando, por seus anseios, publicam textos que reforçam o preconceito e discriminação aos indígenas. Além disso, talvez esse seja um dos motivos pelos quais os escritores e escritoras indígenas se utilizam da literatura como subterfúgio para desmistificar a história à qual foram submetidos nos últimos 521 anos.

Para esses escritores, a Literatura indígena brasileira contemporânea é a salvaguarda de um direito conquistado, um caminho antigo (tradição oral), porém novo (tradição escrita), para se contar a verdadeira história, quebrar os estereótipos construídos pelos colonizadores, além de afirmar suas culturas e identidades. No entendimento de Schneider, a Literatura indígena:

[...] descortina, entre outras temáticas, a realidade crua e violenta de um passado traumático marcado por abusos. Ela nos apresenta uma perspectiva alternativa da história e da literatura, que diverge em diversos pontos daquilo que é aceito como verdade por alguns historiadores, sendo amplamente e repetidamente divulgado através da literatura e dos livros didáticos, inclusive. Essa perspectiva é a perspectiva daqueles que sofreram e sofrem até hoje em consequência de uma colonização brutal e, mesmo assim, não se calam, continuam testemunhando e apontando os abusos que sofreram, tentando gerar empatia em seus interlocutores (SCHNEIDER, 2018, p. 49).

Entende-se que a Literatura indígena brasileira, de acordo com a visão da autora, está pautada sobretudo na resistência e na visibilidade desses autores que estão prontos para assumir seu lugar na História, na Literatura e demais áreas do saber formal. Também, permitir que o leitor compreenda o mundo inverso da História oficial e, assim, entenda que os povos originários têm direitos e que suas escrituras apresentam uma linguagem própria, que transitam por pluralidades. Desse modo, a própria autora Dorrico, do povo Macuxi, salienta:

A Literatura indígena brasileira contemporânea está marcada pela atuação direta dos escritores/autores, pela voz e pela letra, na publicização do pensamento indígena em livros/CDs/mídias sociais. Diante da pluralidade de pertencas étnicas, de estilísticas que perpassam a oralidade e a escrita alfabética, os sujeitos indígenas enunciam sua voz e/ou sua letra em um movimento de autoexpressão e autovalorização de suas ancestralidades e costumes, bem como na dinâmica de resistência física, lutando pela demarcação de suas terras, e de resistência simbólica, reivindicando uma revisão dos registros oficiais que os escanteiam [...] (DORRICO, 2018, p. 229).

A Literatura indígena brasileira contemporânea é para os (as) escritores indígenas um ato político e cultural, que suscita na escrita o despertar das diversas vozes silenciadas no contexto literário nacional/internacional. Também, pode ser uma das formas pelas quais os povos indígenas recuperam sua voz e seu poder de fala, é o ato de resistir a uma visão de mundo subjugada pela história única, o lado da linha abissal. “Os aspectos intensificadores da Literatura indígena contemporânea no Brasil remetem à auto-história de resistência, à luta pelo reconhecimento dos direitos e valores indígenas, à esperança de um outro mundo possível, com respeito às diferenças” (GRAÚNA, 2013, p. 64).

Cagneti (2015), na obra *Trilhas literárias indígenas para sala de aula*, escrita em parceria com a autora Pauli, enfatiza a importância de acrescentar nas trilhas livros escritos por

indígenas e não indígenas. Isso para contrapor esses olhares, considerando o enriquecimento do “processo de valorização da cultura dos povos primitivos” e como tal processo passa a ser visto por outro ângulo. Sobre tal recorte, Pauli comenta:

Esse contraponto é essencial para nós termos mais compreensão de quem somos, pois quando olhamos para o outro, estamos reconhecendo o que temos de comum e de diferente. Ou até passamos a ver nos outros questões que estão escondidas, sufocadas ou adormecidas. Olhar e se olhar, conhecer e se reconhecer, pertencer a esse todo que é o Brasil (CAGNETI; PAULI, 2015, p. 13).

A literatura é o devir desse encontro e desencontro da história oficial contada pela perspectiva colonialista e, atualmente, pela própria voz indígena. Apesar da luta indígena perpassar séculos, compreendemos que [...] não há nenhuma maneira de isolar o passado do presente, pois ambos se modelam mutuamente, um inclui o outro (BAROSSO, 2018, p. 136).

No entanto, sabe-se que essa não é a intenção dos povos indígenas, neste caso, de criar alternativas que busquem a ruptura do modelo de literatura ocidental, mas, sim, considerar perspectivas inerentes a uma nova forma de enxergá-los, ou seja, uma mudança de olhar desse outro. Assim, propor um descolonizar a partir da Literatura indígena é um chamamento para leitura de uma escrita pulsante em simbologia, força e espiritualidade.

3 MAPEAMENTO DE ESCRITORES INDÍGENAS NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA (2015 A 2020)

Neste capítulo, estão os resultados obtidos durante o mapeamento de escritores indígenas na Literatura brasileira contemporânea (2015 a 2020), realizado no mercado editorial brasileiro, com foco em cada região, entre março a outubro de 2022. Nessa direção, os resultados e discussões encontrados no artigo intitulado *Mapeamento de Escritores Indígenas nas Editoras do Estado do Tocantins entre 2015 a 2020*¹³, produzido em janeiro de 2022, elaborado na disciplina de Literatura Brasileira Regional, do curso de Mestrado da UFT, campus de Porto Nacional, foi adaptado para capítulo de livro, que circulará no formato e-book. Esse texto, ainda no prelo, objetivou mapear os escritores indígenas no mercado editorial tocantinense, visto que fará parte deste capítulo, com a intenção de mostrar se, nas editoras comerciais do estado do Tocantins, há ou não escritores indígenas publicando.

De acordo com os objetivos desta pesquisa e com os métodos utilizados, a escolha do corpus do estudo, notadamente neste capítulo, exigiu certas definições, as quais seguiram algumas etapas elencadas a seguir, bem como discussões acerca do assunto, posteriormente.

1ª etapa: levantamento de editoras no mercado editorial brasileiro¹⁴ – no site do Google. Foram realizadas algumas buscas para filtrar editoras a serem consideradas para a coleta dos dados, porém, constatamos que as editoras levantadas pertenciam, em sua maioria, ao eixo Rio-São Paulo. Nesse sentido, optamos por buscar pelas principais editoras brasileiras (entre privadas e públicas) com foco em cada região, com a intenção de obtermos uma maior identificação de obras de autoria indígena fora dos grandes centros brasileiros, Sul e Sudeste. Desta busca, obtivemos 154 (cento e cinquenta e quatro) editoras e 1 (uma) livraria no total, considerando-se este parâmetro de busca. Essa etapa foi realizada entre 21 a 28 de março de 2022, sendo que o primeiro contato ocorreu entre 21 a 27 de março, e um novo contato no dia 28 de março de 2022.

¹³ Este estudo, realizado especificamente no estado do Tocantins, conforme citado anteriormente, não será apresentado na íntegra, constará apenas um recorte do artigo no que se refere aos dados e as discussões relacionadas aos resultados de tal mapeamento nas editoras tocantinenses. O texto na íntegra, ainda no prelo, será um capítulo de livro.

¹⁴ No levantamento de editoras no mercado editorial do Tocantins, foi possível obter por meio das buscas 06 (seis) editoras no total. As etapas de tal pesquisa, foram realizadas no período de novembro/2021 ao início de janeiro de 2022. Vale ressaltar que os resultados e discussões sobre o mapeamento, nas editoras do estado do Tocantins, farão parte dos dados da região Norte de acordo com as etapas do mapeamento das editoras em todo Brasil.

2ª etapa: entre 29 de março a 08 de abril de 2022, foram realizadas buscas por contatos das editoras por meio do site Google e Facebook (dessas editoras), tais como: e-mails, telefones e sites. Deste modo, chegou-se ao número total de 149 (cento e quarenta e nove) e-mails, 119 (cento e dezenove) telefones¹⁵ e 66 (sessenta e seis) sites.

3ª etapa: durante os meses de abril e maio de 2022, realizou-se consulta junto às editoras brasileiras para identificar obras literárias de autoria indígena, sendo que, para realização da consulta, houve dois contatos durante esse período. Neste caso, o primeiro contato entre 10 de abril a 26 de abril de 2022; e o segundo contato, entre 27 de abril a 11 de maio de 2022, para as editoras que não haviam respondido no primeiro contato. Para essa coleta, foram consideradas todas as obras literárias de ficção, publicadas entre o período de 2015 a 2020. A consulta foi feita via e-mail, com questões enviadas para todas as editoras levantadas na primeira etapa. Os dados coletados por meio da consulta estão apresentados na seção dos resultados de análise dos catálogos das editoras com foco em cada região.

No quadro 1, expõe-se o roteiro de consulta junto às editoras do mercado editorial brasileiro¹⁶ utilizado por esta pesquisadora para a catalogação de obras literárias de ficção de autoria indígena. O roteiro de consulta foi composto pelas seguintes questões:

Quadro 1 - Roteiro de questão

<p>Apresentação da pesquisadora: Descrição do assunto: Questões: 1) Publicam (atual) ou publicaram obras literárias indígenas no período 2015 a 2020? 2) Se publicam, quais são as obras? 3) Nessas obras catalogadas pelas editoras, quais são os gêneros literários? Se a editora tiver catálogo e se estiver disponível de forma on-line, por gentileza, informar o site. 4) Publicam obras literárias escritas por autores indígenas em anos anteriores ou posteriores ao período da pesquisa? Identificação da instituição de origem da pesquisa: Identificação da orientadora da pesquisa: Identificação da acadêmica:</p>
--

Fonte: A autora (2022)

¹⁵ Nas editoras no Tocantins, foram encontrados o total de 04 (quatro) e-mails e 04 (quatro) telefones. Não foram encontrados sites.

¹⁶ O roteiro de consulta junto às editoras no mercado editorial brasileiro foi o mesmo para a consulta junto às editoras no Tocantins.

4ª etapa: análise dos catálogos das editoras brasileiras – no decorrer do mês de julho, agosto e setembro de 2022, foram analisados todos os catálogos das editoras brasileiras tratadas na primeira etapa (entram na análise de catálogos duas editoras sugeridas por uma das editoras consultadas e uma livraria on-line). Para realização desta etapa, foram selecionadas algumas categorias necessárias para posterior catalogação das obras literárias de autoria indígena entre o período de 2015 a 2020, tais como: 1) categoria – 2) ano de publicação da obra – 3) gênero literário de ficção – 4) sinopse e 5) temas e/ou tags¹⁷. Algumas situações específicas, no caso, como falta de informações adicionais nas obras e a falta de clareza nas informações presentes nelas, resultaram na realização de novas buscas no site Google, buscas por outras editoras e livrarias (on-line) que comercializavam as obras em questão. As informações coletadas na análise serão descritas neste manuscrito e as demais constarão no capítulo posterior.

5ª etapa: ao longo do mês de outubro de 2022, foi realizado o processo de catalogação das obras de autoria indígena publicadas no período de 2015 a 2020, encontradas nos catálogos das editoras brasileiras analisadas. Ao todo, foi possível estabelecer apenas cinco categorias descritas nos quadros apresentados com os resultados, visto que uma outra categoria, neste caso, encontrada na quarta, denominada gênero literário de ficção, não consta nessa etapa em virtude da falta de clareza nas informações contidas nos catálogos, condição que se estabeleceu entre pesquisadora e orientadoras. Apesar disso, os dados coletados nas análises das obras literárias correspondem a obras de ficção e, pelo conteúdo, alocamos nos gêneros literários narrativo, poético e dramático todas as obras. Nesta etapa, ainda, foram confirmadas as datas de publicações de todas as obras encontradas nas análises referentes ao período pesquisado. Isso ocorreu porque, especificamente, em uma obra constam diferentes datas de publicações e são comercializadas por outras editoras e livrarias.

As categorias descritas em quadros e as suas respectivas informações são: a) autor; povo – estado (povo de origem do autor); b) título (da obra); c) editora (qual editora publicou a obra); d) local de edição (cidade da editora em que a obra foi publicada); e) data de publicação (ano em que foi publicada a obra). No quadro 2, será exposto o modelo de organização das categorias para apresentação de catalogação das obras literárias de autoria indígena, no período de 2015 a 2020, com foco em cada região (o quadro será apresentado na direção de texto-vertical) para melhor visualização do leitor. E, no quadro 3, o roteiro de consulta junto às editoras para

¹⁷ Uma **tag**, ou em português **etiqueta**, é uma palavra-chave (relevante) ou termo associado com uma informação (ex.: uma imagem, um artigo, um vídeo) que o descreve e permite uma classificação da informação baseada em palavras-chave. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Etiqueta_\(metadados\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Etiqueta_(metadados)). Acesso em: 19 jan. 2023.

confirmação da data de publicação de obras literárias de ficção encontradas nos catálogos analisados.

Quadro 2 - Modelo de catalogação das obras de autoria indígena mapeadas no período entre 2015 a 2020

Nome da Região

Autor Povo-Estado	Título	Editora	Local de edição	Ano de publicação

Fonte: A autora (2022)

Quadro 3 - Roteiro de consulta junto às editoras

<p>Apresentação da pesquisadora: Identificação da instituição de origem da pesquisa: Descrição do assunto: Nome da(s) Obra(s): Data de publicação: Autor: Pedido de confirmação de data de publicação da(s) obra(s) e o gênero literário.</p>

Fonte: A autora (2022)

3.1 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados foram organizados em cinco momentos: a) catalogação das principais editoras no mercado editorial brasileiro com foco em cada região; b) levantamento de obras ficcionais escritas por autores indígenas no período de 2015 a 2020; c) análise de catálogos das principais editoras brasileiras: sondagem de autores indígenas e obras para catalogação; d) Identificação e quantidade de escritores indígenas resultantes da catalogação; e) Análise dos gêneros literários (ficção) e temas recorrentes das obras de autoria indígena. Na sequência, apresenta-se uma consideração geral acerca desse composto de informações.

3.1.1 Levantamento das principais editoras no mercado editorial brasileiro com foco em cada região

Conforme mencionado nos procedimentos metodológicos, após o levantamento das principais editoras, no mercado editorial brasileiro, incluindo o rol das editoras tocantinenses, foram obtidos o total de 160 (cento e sessenta) editoras entre privadas e públicas e 1 (uma) livraria on-line especializada em Literatura indígena produzida no Brasil. Das 160 (cento e sessenta) principais editoras brasileiras com foco em cada região, contando ainda com a livraria on-line, obtivemos os seguintes resultados:

3.1.2 Região Norte

Na região Norte, apareceram 25 (vinte e cinco) editoras a serem consideradas como principais nesta região, sendo que a maioria faz parte do estado do Pará e Tocantins. No levantamento, tivemos um total de 14 (quatorze) editoras no Pará: RFB; Twee; Marques; Cyberus; Versátil; EDUFRA¹⁸; EDUEPA; Unama; Estudos Amazônicos; Construir; Itacaiúnas; Samauma; UFPA (ed. Ufpa); Paka-tatu. Todas as editoras estão localizadas na cidade de Belém-PA. Já no estado do Tocantins, tivemos ao todo 6 (seis) editoras: Eduft; Unitins; Cultura, em Palmas; Nagô, em Porto Nacional; Veloso, em Gurupi e Marinho, em Araguaína. Nos demais estados, há uma menor concentração de editoras, tendo 1 (uma) editora no estado de Roraima: EDUFRR, em Boa vista; 2 (duas) editoras no estado do Amazonas: Valer e LUA, em Manaus; 1 (uma) editora no estado do Acre: EDUFAC, em Rio Branco; e 1 (uma) editora no estado do Amapá: UNIFAP, em Macapá.

3.1.3 Região Nordeste

Na região Nordeste, apareceram apenas 10 editoras consideradas como principais. O estado com maior número de editoras é o estado da Bahia, com 6 (seis) editoras no total:

¹⁸ Editoras públicas da região Norte - Estado do Pará: EDUFRA - Universidade Federal Rural da Amazônia; EDUEPA - Universidade Estadual do Pará; UNAMA –Universidade da Amazônia e UFPA- Universidade Federal do Pará. Estado do Tocantins: EDUFT – Universidade Federal do Tocantins e UNITINS – Universidade Estadual do Tocantins. Estado de Roraima: EDUFRR - Universidade Federal de Roraima. Estado do Acre: EDUFAC - Universidade Federal do Acre. Estado do Amapá: UNIFAP - Universidade Federal do Amapá. LUA - Universidade Federal do Amazonas.

Juspodivm; EDUNEB¹⁹; EDUFBA, em Salvador; EDITUS (editora da Uesc), em Ilhês; EDUFRB, em Cruz das Almas, e a UEFS, em Feira de Santana. Já nos outros estados, temos apenas 1 (uma) editora no estado do Rio Grande do Norte: EDUFRN, em Natal; 1 (uma) editora no estado do Pernambuco: EDUFPE, em Recife; 1 (uma) editora no estado de Paraíba: EDUFPB, em João Pessoa; e 1 (uma) editora no estado do Piauí: Nova Aliança, em Teresina.

3.1.4 Região Centro-Oeste

Na região Centro-Oeste, apareceram 11 (onze) editoras consideradas como principais. A maioria dessas editoras está no estado do Goiás, 3 (três) editoras: Kelps; Nega Lilu e IFG, em Goiânia, e 1 (uma) editora: T.S.SAL, em Mineiros. No estado do Mato Grosso, temos 2 (duas) editoras: Pantanal, em Nova Xavantina, e Entrelinhas, em Cuiabá. Já no estado do Mato Grosso do Sul, temos 1 (uma) editora: Oeste em Campo Grande e 1 (uma) editora: EDUFGD,²⁰ em Dourados. No Distrito Federal, foram encontradas 3 (três) editoras: Edebê, UNB e Tagore.

3.1.5 Região Sudeste

Na região Sudeste, apareceram 100 (cem) editoras no total e 1 (uma) livraria on-line. Dentre as editoras encontradas, temos um número maior no estado de São Paulo, totalizando 71 (setenta e uma) editoras e 1 (uma) livraria: Arqueiro, Aleph, Gente, Martin Claret, Abril, Grupo Pensamento, Escala, Elsevier, Vozes, Giostri, Chiado Books, Grupo Novo Século, Lux; Perspectiva, Todavia, Saraiva, Leya, Loyola, Matrioska, Ubu, Contracorrente, Dialética, EDUSP,²¹ Cortez, UNESP, UNICAMP, UNIFESP, Brasil, Casa da Palavra, FTD, Kazuá, Jujuba, Scipione, Paulinas, Companhia das letras, Formato, Mercúrio Jovem, Melhoramentos, Biruta, Peirópolis, Mundo Mirim, Alaúde, Tordesilhas, UKA Editorial, Global, Callis, Martins

¹⁹ Editoras públicas da região Nordeste - Estado da Bahia: EDUNEB - Universidade do Estado da Bahia; Editus/UESC - Universidade de Santa Cruz; EDUFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana. Estado do Rio Grande do Norte: EDUFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Estado da Paraíba: EDUFPB - Universidade Federal da Paraíba. Estado de Pernambuco: EDUFPE - Universidade Federal de Pernambuco.

²⁰ Editoras públicas da região Centro-Oeste - Estado do Mato Grosso do Sul: EDUFGD - Universidade Federal da Grande Dourados. Distrito Federal: UNB - Universidade de Brasília.

²¹ Editoras públicas da região Sudeste - Estado de São Paulo: EDUSP - Universidade de São Paulo; UNESP - Universidade Estadual Paulista; UNICAMP-Campinas; UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo. Estado do Rio de Janeiro: UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro; Estado de Minas Gerais: UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora; - Universidade Federal de Minas Gerais.

Fontes, Manole, DCL, Brinque-Book, Ibrasa, Ática, Landy, Salamandra, Triom, Evoluir, Angra, Studio Nobel, Moderna, Senac, Panda Books, Suma, Elefante e a Maracá²² (livraria). Constam 2 (duas) editoras, Pandorga e Ateliê, em Cotia; 2 (duas) editoras, Curt Nimuendajú e Verus, em Campinas; 1 (uma) editora, Amarylis, em Baueri; 1 (uma) editora, Novo Conceito, em Ribeirão Preto; 1 (uma) editora, Ciranda Cultural, em Jandira, e 1 (uma) editora, Coletivo Editorial, em Pindamonhangaba. Já no estado do Rio de Janeiro, foram encontradas 24 (vinte e quatro) editoras, Intrínseca, Rocco, Sextante, Harper Collins Brasil, Multifoco, Record, Autografia, Zahar, Imago, Horizonte, Ediouro, FGV, Alta books, UFRJ, Telha, Malê, Dantes, Escrita Fina, Rovellet, Zit, Pallas, Imperial Novo Milênio, Pachamama e a Blocos. No estado de Minas Gerais, tivemos apenas 5 (cinco) editoras, UFMG, Autêntica, Mazza, e RHJ, em Belo Horizonte, e 1 editora, UFJF, em Juiz de Fora.

3.1.6 Região Sul

Na região Sul, apareceram 14 (quatorze) editoras consideradas como principais. A maioria das editoras pertence ao estado do Paraná, com o total de 9 (nove) editoras. Assim, 05 (cinco) editoras, CRV, Appris, Voo, EDUFPR²³ e Positivo, em Curitiba; 2 (duas) editoras, Atena e EDUEPG, em Ponta Grossa, 1 (uma) editora, EDUEL, em Londrina; e 1 (uma) editora, Viseu, em Maringá. Já no estado do Rio Grande do Sul, temos 4 (quatro) editoras, sendo 2 (duas), Buqui e Zouk, em Porto Alegre; 1 (uma) editora, EDUCS, em Caxias do Sul, e 1 (uma) editora, Edelbra, em Erechim. Já no estado de Santa Catarina, aparece apenas 1 (uma) editora, Cuca Fresca, em Florianópolis.

De acordo com esta pesquisa acerca das principais editoras brasileiras, constatamos que a região com maior número de editoras no mercado editorial é a região Sudeste, seguida da região Norte, Sul, Centro-Oeste e, por último, a região Nordeste, com menor número. Com base no que se designou como primeira etapa do mapeamento dos escritores indígenas, na Literatura brasileira contemporânea, o segundo momento consistiu na busca por contatos de tais editoras, como endereço de e-mails, telefones e sites. Os contatos foram averiguados por meio do site Google e rede social Facebook. Nesta rede social, encontramos a maioria dos contatos. Após o

²² A Livraria Maracá, mesmo on-line, tem endereço em São Paulo.

²³ Editoras públicas da região Sul – Estado do Paraná: UFPR- Universidade Federal do Paraná; EDUEPG- Universidade Estadual de Ponta Grossa; EDUEL – Universidade Estadual de Londrina. Estado do Rio Grande do Sul: EDUCS – Universidade de Caxias do Sul.

processo de filtragem, perfazendo o total de 153 (cento e cinquenta e três) e-mails, 123 (cento e vinte e três) telefones²⁴ e 66 (sessenta e seis) sites. Dentre as 160 (cento e sessenta) editoras encontradas e a livraria, em apenas 7 (sete) destas não constavam e-mails nos referidos locais de buscas, a saber: Cultura (de Palmas) e Marinho (de Araguaína); Salamandra, Angra e Uka editorial (de São Paulo) e Imago e Escrita Fina (do Rio de Janeiro). Para a etapa de consulta junto às editoras, foram utilizados apenas os e-mails e os sites, desse modo, não foi necessário contatar através de telefone, conforme explanação no tópico a seguir.

3.2 Levantamento de obras ficcionais escritas por autores indígenas no período de 2015 a 2020

Com base no que se explanou no tópico anterior, realizou-se a consulta junto às principais editoras brasileiras e livraria on-line, sobre a investigação das obras literárias (de ficção) de autoria indígena, entre abril e maio de 2022. A consulta ocorreu via e-mail, assim, todas as editoras encontradas na primeira etapa da pesquisa foram contatadas. Das 160 (cento e sessenta) editoras do mercado editorial brasileiro, incluindo a livraria on-line, obteve-se o resultado exposto a seguir.

3.2.1 Editoras que publicaram obras de autoria indígena, mas não informaram o período de publicação

As editoras que publicaram obras de autoria indígena sem informar o período de publicação são estas: Autêntica, Peirópolis, Callis, Panda books, Appris, Edelbra e Jujuba.

²⁴ O total de e-mails e telefones do levantamento das editoras no Tocantins já está incluso nessa fase da pesquisa. Lembrando que no mapeamento das editoras tocantinenses tivemos 04 (quatro) e-mails e 04 (quatro) telefones, e no mapeamento das editoras brasileiras, de modo geral, um total de 149 (cento e quarenta e nove) e-mails e 119 (cento e dezenove) telefones encontrados, totalizando no geral 153 (cento e cinquenta e três) e-mails e 123 (cento e vinte e três) telefones. Não houve alterações em relação aos sites, visto que não houve sites disponíveis das referidas editoras tocantinenses.

3.2.2 Editoras que informaram não ter publicado obras literárias de autoria indígena no período da pesquisa

As editoras que não publicaram obras literárias de autoria indígena no período da pesquisa foram EDUNEB, Sextante e EDUFT.

3.2.3 Editoras que publicam obras literárias (não ficção) de autoria indígena

As editoras que publicam obras literárias (não ficção) de autoria indígena são UNIFAP; UFPR; UEPA.

3.2.4 Editoras que publicam obras com temáticas indígenas ou obras que fazem referência aos indígenas

As editoras que publicam obras com temáticas indígenas são EDUEL, Global, Biruta, Grupo Século, UNIFAP, EDUFAC, UFRR, Alaúde, UFPR, Editus, EDUFT e Cultura.

3.2.5 Editoras que não publicam obras literárias (ficção e não ficção) de autoria indígena

Há, também, editoras que não publicam obras literárias de autoria indígena, tais como Multifoco, Ciranda Cultural, Nega Lilu, Ts.sal, Telha, EDUSP, Grupo Século, Contracorrente, Zouk, Senac, Marques, UFRA, UEPG, Tagore, UCS, Editus, Aleph, Nagô, Veloso, EDUFT, Unitins, Cultura e Marinho.

3.2.6 Editoras que já publicaram obras literárias de autoria indígena anteriormente ao período da pesquisa

As editoras que já publicaram obras de autoria indígena (anteriormente ao período da pesquisa) são UFGD, Tordesilhas, UEPA e Pallas.

3.2.7 Editoras que informaram o site para consulta das obras literárias

Algumas editoras apenas informaram o nome do site para consulta de obras literárias. São elas: Vozes, Cortez, UFPB, Global, Moderna, Dialética, Atena, Ateliê, Biruta, Grupo Pensamento, Peirópolis, Panda Books, UFRR, Appris, Tordesilhas, UFPR, LUA, Editus, Ática e Saraiva.

3.2.8 Editoras que informaram o link do catálogo para consulta das obras literárias

Ainda, algumas editoras apenas informaram o link do catálogo para consulta das obras. São elas: UFGD, Autografia, Autêntica, RFB, Peirópolis, Callis, Panda Books, Zouk, Edufac, UFRR, Tordesilhas, Edelbra, UEPA, Martins Fontes, EDUFT e Unitins.

3.2.9 Editoras que retornaram informando novo contato

Também tivemos algumas editoras que apenas retornaram para informar novo contato, a saber, UFJF, UFRB, UFPE, Martins Fontes.

3.2.10 Editoras que não retornaram

Lamentavelmente, não obtivemos retorno de algumas editoras. São elas: Valer, Construir, Twee, Cyberus, Versátil, Unama, Estudos Amazônicos, Itacaiúnas, Samauma, Paka Tatu, Nova Aliança, UFRN, Juspodivm, UEFS, UFBA, Oeste, Pantanal, Entrelinhas, Edebê, UNB, Kelps, IFG, Viseu, Voo, Buqui, Cuca Fresca, Positivo, Intrínseca, Rocco, Harper Collins Brasil, Zahar, Imago, Horizonte, Ediouro, FGV, Alta Books, UFRJ, Malê, Dantes, Escrita Fina, Rovellet, Zit, Blocos, Imperial Novo Milênio, Arqueiro, Novo Conceito, Verus, Gente, Martin Claret, Abril, Escala, Coletivo Editorial, Elsevier, Giostri, Chiado Books, Pandorga, Lux, Perspectiva, Todavia, Leya, Loyola, Matrioska, UBU, Brinque book, Ibrasa, Landy, Salamandra, Triom, Evoluir, Angra, Studio Nobel, Suma, Elefante, UNESP, UNICAMP, Curt Nimuendaju, Brasil, Casa da Palavra, FTD, Kazuá, Paulinas, Companhia das letras, Formato, Mercuryo Jovem, Melhoramentos, Mundo Mirim, UKA, Amarylis, Manole, DCL, Pachamama e Maracá (livraria).

Ao todo, 64 (sessenta e quatro) editoras retornaram à consulta. Ressaltamos que, dentre as regiões com maior número de respostas/retorno, temos a região Sudeste, com o total de 32 (trinta e duas) editoras; seguida da região Norte, com 14 (quatorze); região Sul, com 9 (nove); região Nordeste, com 5 (cinco); e região Centro-Oeste, com 4 (quatro) editoras. Nem todas as editoras que retornaram publicam obras literárias de autoria indígena, apenas 7 (sete) editoras informaram que há obras literárias de autoria indígena em seus acervos, sendo que, destas editoras, 5 (cinco) pertencem ao eixo Sudeste; e as outras 2 (duas) ao eixo Sul. Todavia, as editoras em questão não especificaram se as obras correspondiam ao período de pesquisa e se pertenciam ao gênero de ficção.

Informa-se, ainda, que, em algumas das respostas obtidas dessas editoras, recebemos determinadas observações. Neste caso, as editoras Autêntica e Panda Books informaram que as obras de autoria indígena publicadas por elas fazem parte da categoria de literatura infantil. A editora Autêntica disponibilizou os links dos catálogos das obras, entretanto, não informou o gênero literário de ficção. Já as editoras Jujuba, Callis e Edelbra informaram títulos de obras de autoria indígena que constam em seus acervos, sendo que 11 (onze) desses títulos pertencem à editora Callis, 5 (cinco) títulos da editora Edelbra e 2 (dois) títulos da editora Jujuba. Das 3 (três) editoras, apenas a Callis informou os gêneros literários de tais obras: 7 (sete) gêneros ficcionais e 4 (quatro) gêneros não ficcionais; e a Edelbra disponibilizou links de tais obras para uma busca direta ao catálogo. As editoras Peirópolis e Appris informaram que há títulos de autoria indígena, sendo que a Peirópolis informou ter 13 (treze) títulos ativos, ainda, informando que na história da editora houve outros. Já a editora Appris informou ter 1 (uma) recente publicação, voltada para a temática e escrita por um autor indígena. Ambas as editoras não informaram as obras e nem os gêneros literários. A editora Cultura informou ter 1 (uma) publicação de autoria indígena em andamento, porém não informou o gênero da obra.

A partir da consulta junto às editoras, os dados apresentados podem apontar alterações no momento da realização da análise. Isso pode ocorrer em virtude da imprecisão de informações fornecidas por parte das editoras no retorno da consulta ou, até mesmo, pela ausência de retorno. Desse modo, é interessante destacar que todas as editoras farão parte da análise, portanto, entram nesse contexto: as editoras que retornaram à consulta informando sobre a existência de obras de autoria indígena em seus acervos; as editoras que informaram não constar obras de autoria indígenas, nesse caso, em específico, para verificar a precisão dos dados e as que não retornaram à consulta.

Os resultados das análises das obras, que foram realizadas em catálogos das principais editoras do mercado editorial brasileiro, encontradas nesta pesquisa, serão indicadas, a seguir, por regiões do Brasil.

3.3 Análises de catálogos das editoras brasileiras com foco em cada região para identificação de obras literárias de ficção de autoria indígena

O processo analítico das obras mapeadas, de autoria indígena, individual e coletiva, nas principais editoras públicas e privadas brasileiras, com foco em cada região, baseia-se a partir de 5 (cinco) instrumentos para coleta de dados, a saber: categoria²⁵ ano de publicação da obra, gênero literário (de ficção)²⁶, sinopse e temas e/ou tags. A análise apresentada foi realizada de forma on-line nos catálogos de 1 (uma) livraria e 160 (cento e sessenta) editoras, filtradas na primeira etapa desta pesquisa, por meio de catalogação. Buscou-se analisar nas obras todas as informações pertinentes aos instrumentos usados na coleta de dados, que foram encontrados por meio de informações adicionais, de detalhes do produto e/ou ficha técnica, critérios organizados conforme a logística de cada editora. Diante disso, foi possível analisar as obras, com vistas a identificar as produções literárias de ficção de escritores indígenas, publicadas no período de 2015 a 2020 e comercializadas ou não por essas editoras. Os dados da análise estão descritos a seguir. E, na sequência, quadros com as obras de autoria indígena de acordo com as regiões de cada editora.

3.3.1 Região Norte

Na região Norte do Brasil, a editora privada Valer, que pertence ao estado do Amazonas, é a única, tendo publicado 7 (sete) obras de autoria indígena. Destas, apenas duas foram publicadas no período de 2015 a 2020, uma de gênero de ficção e a outra de não ficção. As outras 5 (cinco) obras foram publicadas em anos anteriores ao período pesquisado. Além das obras de autoria indígena, a editora tem publicado obras com temáticas indígenas de autoria não indígena.

²⁵ Categoria é a indicação de que a obra é literatura de ficção ou não ficção, bem como ao seu público-alvo.

²⁶ Gêneros literários são as classificações dos diversos tipos de obras literárias de ficção, divididas principalmente em três gêneros como o narrativo, poético e dramático e seus subgêneros.

A editora pública EDUFAP, que pertence ao estado do Amapá, publicou 1 (uma) obra com participação de autores indígenas, com data de publicação posterior ao período pesquisado, que não corresponde ao gênero de ficção. Ainda, mais 6 (seis) obras com temáticas indígenas, organizadas por autores não indígenas; destas, quatro obras são pertencentes ao projeto de valorização das línguas crioulas do Norte do Amapá, com fins didáticos para auxiliar professores indígenas e alunos na comunidade/escolas indígenas. Além disso, mais duas obras que tratam do ensino de língua indígena.

Na editora pública LUA, que pertence ao estado do Amazonas, constam 3 (três) obras de autoria indígena, no período pesquisado, no entanto, são obras de gênero não ficcionais. Na editora pública EDUFAC, que pertence ao estado do Acre, constam 5 (cinco) obras de autoria indígena, publicadas no período de 2015 a 2020, mas com a finalidade de material didático. Tais obras encontram-se na categoria de gênero não ficcional e mais 2 (duas) obras organizadas por autores não indígenas com participação de autores indígenas, publicadas em período posterior ao pesquisado, sendo estas de gênero não ficcionais.

No que diz respeito à editora pública EDUFRR, do estado de Roraima, foram encontradas obras com temáticas indígenas com fins didáticos em relação à formação de professores indígenas. Já nas editoras públicas EDUEPA e EDUFPA, que pertencem ao estado do Pará, também constam obras com temáticas indígenas, produzidas por autores não indígenas, sendo 6 (seis) obras publicadas pela editora Eduepa e 2 (duas) obras publicadas pela editora Edufpa. Na editora pública EDUFT e na editora privada Nagô, foram encontradas obras com temáticas indígenas, sendo 2 (duas) publicadas pela Eduft e 2 (duas) obras publicadas pela editora Nagô.

Em outras editoras do estado do Pará, temos as editoras privadas RFB e Marques, que não publicam obras literárias de gênero ficcional, apenas publicações científicas; e mais duas editoras, a Twee, que trabalha com edições de livros; e a Versátil, que trabalha com edições de revistas. A editora pública EDUFRA e as editoras privadas Unama, Paka Tatu, Samauma, Itacaiúnas, Construir, Estudos Amazônicos e Cyberus, que pertencem ao estado do Pará, não possuem em seus catálogos obras literárias de autoria indígena e nenhuma obra com temática que trate de questões indígenas. Em relação às demais editoras do estado do Tocantins, existe a editora pública Unitins, que divulga artigos, entrevistas, resenhas e relatos de experiência de Extensão Universitária nas áreas temáticas de Extensão: Comunicação; Cultura; Direitos Humanos e Justiça; Educação; Meio Ambiente; Saúde; Tecnologia e Produção; Trabalho. A editora privada Veloso não possui publicações de autoria indígena e nenhuma obra com

temática indígena. Já nas editoras privadas Cultura e Marinho não constam catálogos disponíveis de forma on-line.

3.3.2 Região Nordeste

A região Nordeste não possui editoras comerciais, entre públicas e privadas, que tenham publicado e comercializado obras de autoria indígena, de gênero de ficção, no período de 2015 a 2020. Apenas a editora privada Pinaúma, localizada no estado da Bahia, publicou uma obra de autoria indígena de gênero não ficcional. Já as editoras públicas EDUFBA, EDUEFS e EDUFRB, que pertencem ao estado da Bahia, e a editora EDUFPE, que pertence ao estado de Pernambuco, possuem obras com temáticas indígenas de autoria não indígena.

3.3.3 Região Centro-Oeste

Na região Centro-Oeste, temos apenas duas editoras que publicaram e comercializaram obras de autoria indígena, dentre as editoras que se interessam em comercializar tais obras, há uma editora pública e outra privada. A editora pública, chamada EDUFGD, que pertence ao estado do Mato Grosso do Sul, publicou o maior número de obras de autoria indígena no período de 2015 a 2020, sendo 11 (onze) livros produzidos pelo Comitê Editorial Cone Sul²⁷, dentre as publicações, há 09 (nove) obras que correspondem ao gênero de ficção e duas de gênero não ficcional. Já a editora privada Edebê, do estado do Distrito Federal, publicou 5 (cinco) obras de autoria indígena, sendo 3 (três) obras no período de 2015 a 2020, com 2 (duas) obras de gênero ficcional e 1 (uma) de gênero não ficcional, a quarta em período anterior e a quinta em período posterior ao pesquisado.

Ainda, constam na editora 2 (duas) publicações de obras com temáticas indígenas de autoria não indígena. Portanto, há mais 3 (três) editoras privadas que se interessaram em publicar obras com temáticas indígenas de autoria não indígena, sendo elas: a editora Oeste, que pertence ao estado do Mato Grosso do Sul, tendo publicado 8 (oito) obras; a editora

²⁷ Trata-se de uma reserva indígena de Dourados, que fica no cone sul de Mato Grosso do Sul, em território Kaiowá; que foi criada pelo SPI, em 1917, com 3.600 hectares, aproximadamente. Por volta de 1920, as políticas de governo incentivaram o recolhimento de famílias de origem terena na reserva e também provenientes da dispersão provocada pela usurpação de suas terras originais. Atualmente, a reserva conta com uma população de, aproximadamente, 15 mil pessoas.

Entrelinhas, que pertence ao estado do Mato Grosso, que publicou uma obra em inglês; e a editora Kelps, que pertence ao estado de Goiás, com apenas uma única obra. Nessa perspectiva, temos a editora pública UNB, do Distrito Federal, que publicou duas obras. Há, ainda, as editoras que não fazem qualquer menção a obras de autoria indígena e não indígena, são elas: Nega Lilu, TS.SAL e IFG, pertencentes ao estado de Goiás; editora Pantanal, ao estado do Mato Grosso; e a editora Tagore, ao estado do Distrito Federal.

3.3.4 Região Sudeste

A região Sudeste é o território com maior número de editoras comerciais que se interessaram em publicar e comercializar obras de autoria indígena, tendo publicado 29 (vinte e nove) obras no período de 2015 a 2020. São Paulo é considerado o Estado com maior número de editoras, entre privadas e públicas, tendo publicado e comercializado obras de autoria indígena de gênero de ficção e não ficção, seja no período pesquisado, anos anteriores e posteriores à pesquisa. As editoras privadas que publicaram obras de autoria indígena de ficção, no período de 2015 a 2020, foram Banda Books, com 3 (três) obras; Callis, com 1 (uma) obra; Biruta, com 1 (uma) obra; Jandaíra, com 2 (duas) obras; FTD, com 1 (uma) obra; Formato, com 2 (duas) obras; Melhoramentos, com 2 (duas) obras; Companhia das letras, com 1 (uma) obra; Brasil, com 1 (uma) obra; Kazuá, com 3 (três) obras; Sesc, com 1 (uma) obra; Expressão Popular, com 1 (uma) obra; Criadeira Livros, com 1 (uma) obra; e a Uk'a Editorial, com 2 (duas) obras.

Consta ainda a editora Elefante, que publicou uma obra organizada por autores indígenas e não indígenas. Também, nesse período, entre as editoras que publicaram obras de gênero não ficcional estão Editora Jandaíra, com 1 (uma) obra; Peirópolis, com 1 (uma) obra; Formato, com 1 (uma) obra; Uk'a Editorial, com 1 (uma) obra; Callis, com 1 (uma); Biruta, com 1 (uma); e a Companhia das Letras, com 1 (uma) obra. Ainda, a editora Companhia das letras, que publicou uma obra organizada por autores indígenas e não indígenas.

Em relação às editoras que publicaram obras em anos anteriores à pesquisa de gênero de ficção, temos Global, com 6 (seis) obras; Banda Books, com 2 (duas) obras; Tordesilhas, com 1 (uma) obra; Callis, com 5 (cinco) obras; Jujuba, com 1 (uma) obra; Biruta, com 1 (uma) obra; Peirópolis, com 10 (dez) obras; Leya, com 1 (uma) obra; FTD, com 2 (duas) obras; Paulinas, com 3 (três) obras; Companhia das Letras, com 1 (uma) obra; DCL, com 1 (uma)

obra; Amaryllis, com 3 (três) obras; Mercuryo Jovem, com 5 (cinco) obras; Uka Editorial, com 1 (uma) obra; Brinque-Books, com 1 (uma) obra; Landy, com 1 (uma) obra; Formato, com 1 (uma) obra; Triom, com 1 (uma) obra; Alaúde, com 1 (uma) obra; Scipione, com 2 (duas) obras; Senac, com 1 (uma) obra; Ática, com 1 (uma) obra. Também, editoras que publicaram obras de autoria indígena de gênero não ficcional, tais como: Paulinas, 1 (uma) obra; Uka Editorial, 3 (três) obras; Ática, 1 (uma) obra; e Angra, 1 (uma) obra. Mais três editoras que publicaram obras organizadas por autores indígenas e não indígenas de gênero de ficção, são elas: a editora Formato, 1 (uma) obra; Moderna, 1 (uma) obra; e a FTD, 4 (quatro) obras.

Sobre as editoras que publicaram obras de autoria indígena de gênero de ficção, em período posterior, temos a editora Banda Books, 1 (uma) obra; Jujuba, 1 (uma) obra; e a Uka Editorial, 2 (duas) obras. Temos, ainda, três editoras que publicaram obras de autoria indígena de gênero não ficcional, a saber, a editora Jandaíra, 1 (uma) obra; Matrioska, 1 (uma) obra; e a Uka Editorial, 1 (uma) obra. Já a editora Salamandra publicou 1 (uma) obra de autoria indígena, no entanto, não consta o ano de publicação, nem o gênero. A livraria Maracá não aparece com publicação de obras de autoria indígena por ser uma livraria que apenas comercializa obras publicadas por outras editoras.

No estado do Rio de Janeiro, tivemos um número menor de editoras privadas que publicaram e comercializaram obras de autoria indígena, de gênero de ficção e não ficção, no período pesquisado e anos anteriores à pesquisa. As editoras Zit e Pachamama foram as únicas editoras a publicarem obras de gênero de ficção no período de 2015 a 2020, no caso, Zit, 1 (uma) obra e a Pachamama, 2 (duas) obras. Tivemos, ainda, nesse período, algumas editoras que publicaram obras de autoria indígena de gênero não ficcional, a editora Autografia, 1 (uma) obra; Escrita Fina, 1 (uma); Dantes, 1 (uma) obra; e Pachamama, 2 (duas) obras.

Sobre as editoras que publicaram obras de autoria indígena de gênero de ficção em período anterior ao pesquisado, temos a editora Rovellet, com 1 (uma) obra; Zit, com 1 (uma) obra; e a Imperial Novo Milênio, com 1 (uma) obra; e de gênero não ficcional, consta apenas a editora Imperial Novo Milênio, tendo publicado 1 (uma) obra. Já a editora Dantes foi a única a publicar uma obra de gênero não ficcional organizada por autor indígena e não indígena. Sobre obras de anos posteriores, não foram encontradas obras de autoria indígena publicadas no estado em questão.

No estado de Belo Horizonte, o número de editoras é mais reduzido ainda em relação a publicações de autoria indígena no período pesquisado e anterior. Não consta nenhuma obra em ano posterior ao período da pesquisa. Tivemos 3 (três) obras de autoria indígena de gênero

de ficção, publicadas no período de 2015 a 2020, sendo 2 (duas) obras pela editora Autêntica, e 1 (uma) obra pela editora Caos & Letras. Nesse período, não foram encontradas publicações de obras de autoria indígena de gênero não ficcional. Sobre obras publicadas em ano anterior, temos 3 (três) obras de gênero de ficção publicadas pela editora Autêntica e 1 (uma) obra da editora RHJ. Ainda, 1 (uma) única obra de gênero não ficcional, publicada pela editora Mazza.

Em relação às editoras privadas e públicas, que publicaram obras com temáticas indígenas de autoria não indígenas, São Paulo é o estado com número superior de publicação de temáticas indígenas de autoria não indígena, a saber: Banda Books, 1 (uma) obra; Global, 9 (nove) obras; Callis, 1 (uma) obra; Jujuba, 1 (uma) obra; Dialética, 67 (sessenta e sete) obras; Biruta, 4 (quatro) obras; Chiado Books, 1 (uma) obra; Moderna, 4 (quatro) obras; Unicamp, 5 (cinco) obras; Cortez, 2 (duas) obras; FTD, 4 (quatro) obras; Brasil, 2 (duas) obras; Paulinas, 1 (uma) obra; Grupo Pensamento, 1 (uma) obra; Edusp, 15 (quinze) obras; Ubu, 1 (uma) obra; Peirópolis, 2 (duas) obras; Melhoramentos, 1 (uma) obra; Companhia das letras, 7 (sete) obras; Curt Minuendajú, 1 (uma) obra; Brinque-books, 1 (uma) obra; Salamandra, 2 (duas) obras; Todavia, 2 (duas) obras; e a FVG, 2 (duas) obras. O estado do Rio de Janeiro, se comparado com o estado de São Paulo, apresenta um número reduzido, neste caso, a editora Rocco, 7 (sete) obras; Horizonte, 1 (uma) obra; Ediouro, 4 (quatro) obras; Autografia, 3 (três) obras; Harper Collins Brasil, 1 (uma) obra; Dantes, 2 (duas) obras; Rovellet, 1 (uma) obra; Record, 2 (duas) obras; e a UFRJ, 1 (uma) obra. Já no estado de Belo Horizonte, foram encontradas apenas 2 (duas) editoras, a Autêntica, com 3 (três) obras e a UFMG, com 2 (duas) obras.

Ainda, tivemos na região sudeste as editoras que não publicaram e nem comercializaram livros de indígenas ou fizeram menção aos indígenas. Dentre estas, estão as que pertencem ao estado de São Paulo, no caso, Ibrasa, Unifesp, Casa da Palavra, Gente (não trabalha com obras literárias), Verus, Novo Conceito, Aleph, Abril, Escala, Coletivo Editorial, Ciranda Cultural, Elsevier (as publicações, em sua maioria, são em inglês), Martin Claret, Vozes, Arqueiro, Todavia, Saraiva, Giostri, Grupo Novo Século, Pandorga, Lux, Perspectiva, Suma, Manole, Mundo Mirim, Evoluir, Studio Nobel, Contracorrente, Ateliê, Martins Fontes e a Loyola (publica obras com temáticas religiosas). As editoras que pertencem ao estado do Rio de Janeiro são Multifoco, Blocos, Pallas, Alta Books, Sextante, Zahar, Intrínseca e a Malê (trabalha com literatura afro-brasileira) e apenas a editora UFJF, que pertence ao estado de Belo Horizonte.

3.3.5 Região Sul

Na região Sul, foi possível identificar algumas editoras comerciais que se interessaram por Literatura indígena. No caso, a editora privada Edelbra, que pertence ao estado do Rio Grande do Sul, tendo publicado apenas 3 (três) obras de autoria indígena. Duas destas obras são de gênero ficcional, uma publicada no período de 2015 a 2020, e a outra em período anterior. Já a terceira obra foi publicada no período pesquisado, mas não pertence ao gênero ficcional. As editoras públicas UFPR e EDUEL, que pertencem ao estado do Paraná, também publicam obras de autoria indígena, sendo que as duas obras que constam na editora UFPR são do período pesquisado, no entanto, não pertencem ao gênero ficcional. Na editora pública Eduel, consta apenas 1 (uma) obra de autoria indígena e de gênero ficcional, mas a publicação é anterior ao período pesquisado.

As editoras que pertencem ao estado do Paraná são a editora privada Positivo, tendo publicado uma 1 (obra) de autoria indígena de gênero não ficcional, no período pesquisado, e as editoras CRV e Appris, que se interessaram em publicar obras com temáticas indígenas de gêneros não ficcionais de autoria não indígena. Ressalta-se que, no catálogo da editora Appris, não foi encontrada a obra de autoria indígena mencionada pela editora em resposta à consulta. Na editora Cuca Fresca, que pertence ao estado de Santa Catarina, consta 1 (uma) obra de autoria indígena e de gênero ficcional, mas com ano de publicação anterior ao pesquisado. As demais editoras privadas e públicas, que pertencem ao estado do Paraná são Viseu, Atena, UEPG, Voo; e nas editoras que pertencem ao estado do Rio Grande do Sul, que são Buqui, Zouk, EDUCS, não constam obras de autoria indígena ou qualquer menção a obras com temáticas indígenas.

Considerando o exposto, os dados encontrados na análise acerca das obras literárias de ficção de autoria indígena, mencionados anteriormente, serão apresentados em quadros com foco em cada região.

Quadro 4 – Dados Região Sudeste

Autor Povo – Estado	Título	Editora	Local de Edição	Ano de publicação
Vângri Kaingáng Kaingãng – RS	Estrela Kaingáng – a lenda do primeiro pajé	Biruta	São Paulo	2016
Tiago Hakiy Sateré-mawé – AM	A origem dos bichos	Panda Books	São Paulo	2020
Daniel Munduruku Munduruku – PA	A origem dos filhos do Estrondo do Trovão – Uma história do Povo	Callis	São Paulo	2020
Daniel Munduruku Munduruku – PA Jaime Diakara Desana - AM	Wahtirã: A lagoa dos mortos	Autêntica	Belo Horizonte	2016
Olívio Jekupe Guarani - PR	O presente de Jaxy Jaterê	Panda Books	São Paulo	2017
Marcia Wayna Kambeba Omágua/Kambeba - AM	Saberes da Floresta	Jandaíra	São Paulo	2020
Daniel Munduruku Munduruku – PA	Vozes Ancestrais: dez contos indígenas	FTD	São Paulo	2016
Julie Dorrico Macuxi – RO	Eu sou Macuxi e outras histórias	Caos e Letras	Belo Horizonte	2019
Auritha Tabajara Tabajara – CE	Coração na Aldeia, pés no mundo	Uk’a Editorial	São Paulo	2018
Denizia Cruz Kawany Fulkaxó Kariri Xocó – AL	Kariri Xocó: Contos indígenas V.2+CD	Sesc	São Paulo	2019
Daniel Munduruku Munduruku – PA	Redondeza	Criadeira Livros	São Paulo	2020
Aline Rochedo Pachamama Puri da Mantiqueira – RJ	Pachamama – A poesia é a alma de quem escreve	Pachamama	Rio de Janeiro	2015

Aline Rochedo Pachamama Puri da Mantiqueira – RJ	Taynôh: o menino que tinha cem anos	Pachamama	Rio de Janeiro	2019
Tiago Hakiy Sateré-mawé – AM	O canto do Uirapuru: uma história de amor verdadeiro	Formato	São Paulo	2015
Kanatyó Pataxó Pataxó – MG	Txopai e Itôhã	Formato	São Paulo	2019
Eliane Potiguara Potiguara - RJ	A cura da terra	Brasil	São Paulo	2015
Olívio Jekupe Guarani – PR	A volta de Tukã	Kazuá	São Paulo	2018
Lia Minapoty e Elias Yaguakãg Maraguá – AM	Yara é vida	Kazuá	São Paulo	2018
Yaguarê Yamã Maraguá - AM	Kawrê guiry’bo – nossas lembranças especiais	Kazuá	São Paulo	2019
Marcia Wayna Kambeba Omágua/Kambeba – AM	Ay Kakyri Tama – Eu moro na cidade	Jandaíra	São Paulo	2018
Cristino Wapichana Wapichana – RR	A boca da noite	Zit	Rio de Janeiro	2016
Edson Krenak Krenak - MG	O sonho de Borum	Autêntica	Belo Horizonte	2015
Cristino Wapichana Wapichana – RR	O cão e o Curumim	Melhoramen tos	São Paulo	2018
Tiago Hakiy Sateré Mawé – AM	A pescaria do Curumim e outros poemas	Panda Books	São Paulo	2015
Kamuu Dan Wapichana Wapichana - RR	O sopro da vida: Putakaryy Kakykary	Expressão Popular	São Paulo	2019
Daniel Munduruku Munduruku – PA	O Karaíba: Uma história do pré-Brasil	Melhoramen tos	São Paulo	2018

Daniel Munduruku Munduruku – PA	O olho bom do menino	Uk'a Editorial	São Paulo	2019
Daniel Munduruku Munduruku – PA Aline Ngrenhtabare L. Kayapó e Edson Kayapó Kayapó – PA Tiago Hakiy Saterê- Mawé – AM Yaguarê Yamã e Lia Minapoty Maraguá – AM Rosi Waikhon Pirá- Tapuya Waikhana– AM Ariabo Kezo Balatiponé Umutina – MT Cristino Wapichana Wapichana – RR Jaime Diakara Desana – AM Jera Poty Mirim Guarani Mbyá – SP Edson Krenak Krenak – MG Estevão Carlos Taukane Kurâ Bakairi – MT	Nós: Uma antologia de Literatura indígena	Companhia das letras	São Paulo	2019
Taurepang Cristino Wapichana Wapichana – AM Jaider Esbell Macuxi – RR Marcelo Ariel, Mário de Andrade, Deborah Goldemberg, Theodor Koch- Grünberg, Iara Rennó.	Makunaimã: o mito através do tempo	Elefante	São Paulo	2019

Fonte: A autora (2022)

Quadro 5 – Dados Região Centro-Oeste

Autor Povo – Estado	Título	Editora	Local de Edição	Ano de publicação
Cristino Wapichana Wapichana- RR	A cor do dinheiro da vovó	Edebê	Brasília	2019
Tiago Hakiy Saterê-mawé – AM	Noçoquém: a floresta encantada	Edebê	Brasília	2019
Comitê Editorial Cone Sul - MS	Turí ne ternoehiko	Edufgd	Dourados	2018
Comitê Editorial Cone Sul - MS	Tekoha vy'a renda	Edufgd	Dourados	2019
Comitê Editorial Cone Sul - MS	Ore Remitỹ	Edufgd	Dourados	2019
Comitê Editorial Cone Sul - MS	Mymba ñarõnguéra	Edufgd	Dourados	2019
Comitê Editorial Cone Sul - MS	Ka'arovy	Edufgd	Dourados	2019
Comitê Editorial Cone Sul - MS	Ka'aguy Póra'i	Edufgd	Dourados	2017
Comitê Editorial Cone Sul - MS	Guaiguingue	Edufgd	Dourados	2018
Comitê Editorial Cone Sul - MS	Êxetina uné = conto das águas	Edufgd	Dourados	2019
Comitê Editorial Cone Sul - MS	Ava Jeroviaha	Edufgd	Dourados	2019

Fonte: A autora (2022)

Quadro 6 – Dados Região Sul

Autor Povo – Estado	Título	Editora	Local de edição	Ano de publicação
Daniel Munduruku Munduruku – PA	Foi vovó que disse	Edelbra	Erechim	2015

Fonte: A autora (2022)

Quadro 6 - Dados Região Norte

Autor Povo - Estado	Título	Editora	Local de edição	Ano de publicação
Ytanajé Coelho Cardoso Munduruku – AM	Canumã – A travessia	Valer	Manaus	2019

Fonte: A autora (2022)

É possível perceber, por meio da análise dos catálogos das editoras, que ainda falta uma maior difusão da Literatura indígena no mercado editorial brasileiro. No quadro 4, da região Sudeste, por exemplo, pode-se observar um engajamento mercadológico mais alto, no que diz respeito à expansão de publicações de obras de autoria indígena individual, em editoras privadas, visto que as obras coletivas são uma minoria. Já no quadro 5, sobre a região Centro-Oeste, constata-se que apresentou um número significativo de obras de autoria indígena coletiva e poucas obras individuais, assim como é possível verificar no quadro 6, da região Sul, e quadro 7, da região Norte, que há apenas uma obra de autoria indígena individual em cada quadro. Isso mostra que há uma disseminação da Literatura indígena no período entre 2015 a 2020 no mercado editorial. No entanto, ao considerar um número alto de publicações em anos anteriores, há necessidade de mais propagação dessa literatura no meio editorial, seja em editoras públicas e/ou privadas.

Em relação aos escritores indígenas, observa-se, no quadro 4, da região Sudeste, um número razoável de escritores que tiveram suas obras publicadas nesse período, sendo que estes mesmos escritores tiveram suas obras publicadas em editoras da região Centro-Oeste e Sul, como mostrado nos quadros 5 e 6. No quadro da região Centro-oeste, teve-se ainda uma situação em que não foi possível identificar os escritores das obras encontradas nos catálogos. Isso ocorreu em virtude de tais obras serem coletivas e pertencerem ao Comitê Editorial Cone

Sul - Ação saberes indígenas na escola²⁸, ao contrário do que se observa no quadro 7, da região Norte, em que consta um escritor apenas que publicou obra nesta região. Os quadros por região mostram que há escritores produzindo obras literárias de ficção e, ainda, que estas estão sendo publicadas e comercializadas pelas editoras comerciais do Brasil.

Ademais, no subitem reconhecimento e quantitativo dos escritores indígenas por povos, gêneros e regiões e análise de gênero literário e temas, nas obras de autoria indígena catalogadas, trata-se de quem são os escritores indígenas, quais povos/etnias²⁹ e regiões a que pertencem e os temas mais recorrentes nestas obras.

3.4 Reconhecimento e quantitativo dos escritores indígenas por povos, gêneros e regiões e Análise de gênero literário e temas nas obras de autoria indígena catalogadas

Os resultados desta etapa da pesquisa estão pautados com base nas obras de autoria indígena catalogadas nos quadros por região, decorrente do mapeamento de escritores indígenas na Literatura brasileira contemporânea (2015 a 2020), conforme já mencionado. Estes foram organizados em três momentos: identificação de escritores indígenas resultantes da catalogação; perfil quantitativo dos escritores indígenas com foco na região e a análise de gênero literário (ficção) e temas recorrentes nas obras de autoria indígena.

3.4.1 Identificação de escritores indígenas resultantes da catalogação

De acordo com a análise realizada nos catálogos das editoras públicas e privadas, em todo o Brasil, verificamos o total de 42 obras de autoria indígena de gênero literário de ficção compreendidas no período entre 2015 a 2020, conforme já mencionado. Tais obras foram

²⁸ O Comitê Editorial do Cone Sul é formado por professores e alunos indígenas e professores não indígenas da cidade de Dourados no Mato Grosso.

²⁹ Etnia - substantivo feminino. [Antropologia] Grupo de indivíduos que partilham a mesma origem, cultura e história, se diferenciando dos demais por suas especificidades (cultura, religião, língua, modos de agir etc.); grupo étnico: pessoa pertencente à etnia cigana. Etimologia (origem da palavra *etnia*). A palavra etnia deriva da junção do prefixo etno-, elemento de do grego “*éthnos*”, com sentido de povo, nação, e do sufixo -ia; pelo francês “*ethnie*”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/etnia/>. Acesso em: 22 jan. 2023.

Povo- substantivo masculino. Conjunto de pessoas que vivem em sociedade, compartilham a mesma língua, possuem os mesmos hábitos, tradições, e estão sujeitas às mesmas leis. Conjunto de indivíduos que constituem uma nação. Reunião das pessoas que habitam uma região, cidade, vila ou aldeia. Conjunto de pessoas que, embora não habitem o mesmo lugar, possuem características em comum (origem, religião etc.). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/povo/>. Acesso em: 22 jan. 2023.

organizadas em quadros, os quais têm a intenção de mostrar quem são os escritores indígenas que tiveram seus livros publicados nos anos pesquisados. Dentre as obras catalogadas, foram identificados ao todo 26 (vinte e seis) escritores indígenas que publicaram ao menos uma obra (ou mais) entre individual e coletiva, nas editoras brasileiras citadas na pesquisa.

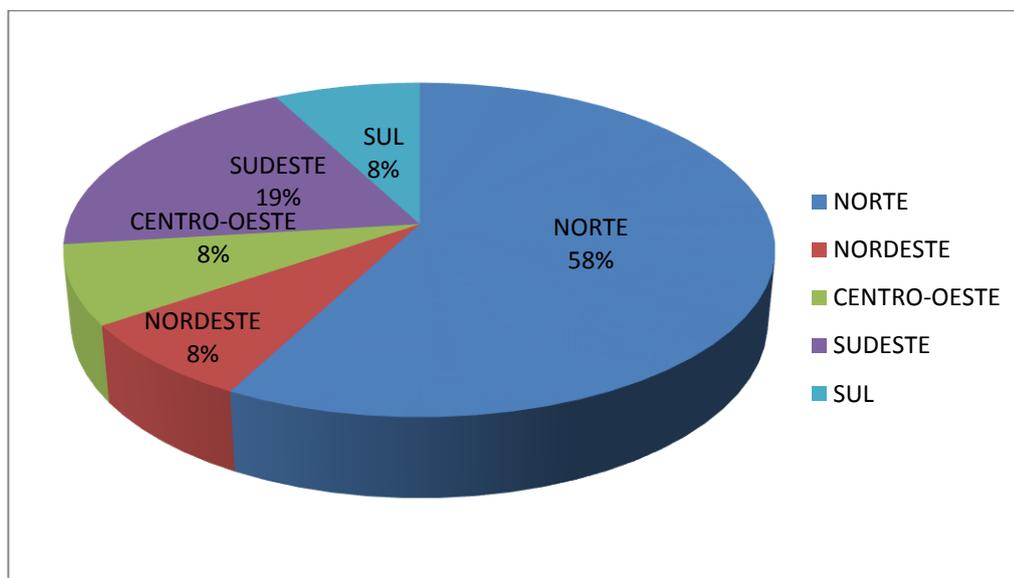
Quanto ao nome dos escritores indígenas, foram citados conforme a região a que pertencem e não pelo local de edição de suas obras. Sendo assim, os escritores(as) que pertencem à região Norte são Aline Ngrenhtabare L. Kayapó, Cristino Wapichana, Daniel Munduruku, Edson Kaiapó, Elias Yaguakãg, Jaider Esbell, Jaime Diakara, Julie Dorrico, Kamuu Dan Wapichana, Lia Yaguakãg, Márcia Kambeba, Rosi Waikhon, Tiago Hakiy, Yaguarê Yamã e Ytanajé Coelho Cardoso. Na região Nordeste, tivemos apenas as escritoras Auritha Tabajara e Denizia Cruz Kawany Fulkaxó. Na região Centro-Oeste, os escritores: Ariabo Kezo e Estevão Taukane. Na região Sudeste, os(as) escritores(as) Aline Rochedo Pachamama, Kanaty Pataxó, Edson Krenak, Eliane Potiguara e Jera Poty Mirim e, por último, os(as) escritores(as) que pertencem à região Sul, Olívio Jekupe e Vãngri Kaingãg.

Para melhor compreensão, a seguir, consta descrição do perfil quantitativo dos escritores indígenas da seguinte forma: distribuição dos escritores indígenas que publicaram obras literárias de ficção no período de 2015 a 2020 com foco na região; distribuição de escritores indígenas por gênero e distribuição dos povos/etnias indígenas dos escritores indígenas.

3.4.2 Perfil quantitativo dos escritores indígenas com foco na região

Em relação aos escritores indígenas mencionados, pode-se observar, na Figura 1, a distribuição destes de acordo com o foco na região que se concentra a maior parte deles, ou seja, seu lugar de origem. Compõem as regiões dos escritores indígenas e suas respectivas quantidades a região Norte com, 15 (quinze); região Nordeste, com 2 (duas); região Centro-Oeste, com 2 (dois); região Sudeste, com 5 (cinco); e a região Sul, com 2 (dois).

Figura 1 - Distribuição de escritores indígenas que publicaram obra literária ficcional no período de 2015 a 2020 por região



Fonte: Nascimento (2022)

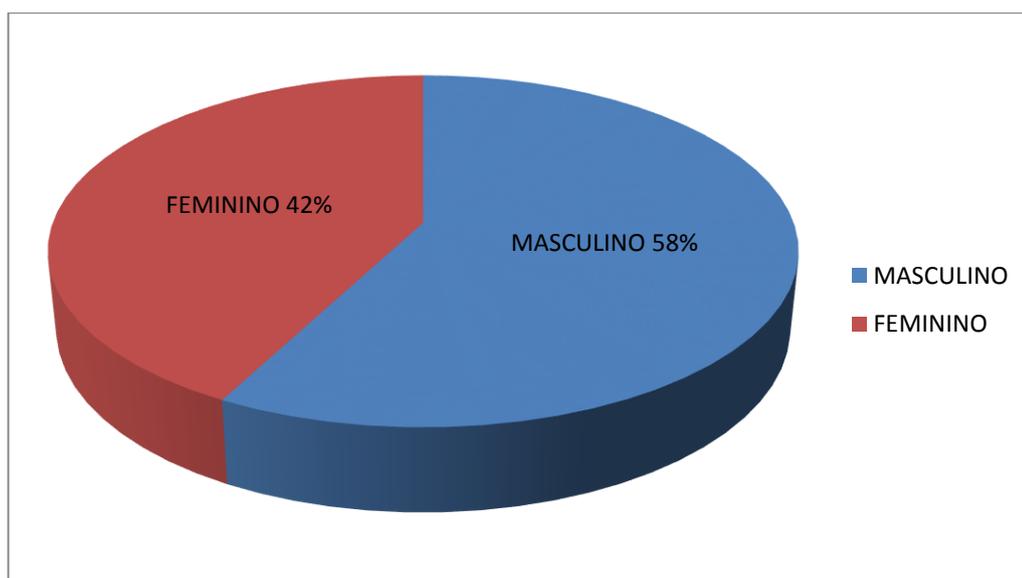
Em relação à distribuição do total de escritores indígenas, considerando sua região de origem, observa-se que a maioria dos escritores que publicaram obras literárias de gênero de ficção em editoras comerciais brasileiras estão concentrados na região Norte, seguida pela região Sudeste, Nordeste, Centro-Oeste e Sul, tendo em vista que as três últimas regiões seguem o mesmo percentual de publicações.

Assim, esse tipo de inferência permite compreender, que, na região Norte, há muitos escritores indígenas, no entanto, não é a região com maior predominância mercadológica editorial da Literatura brasileira contemporânea no período compreendido da pesquisa. Neste caso, se comparada com a região Sudeste, que revela, em questão mercadológica, ser uma região com maior índice de publicações, apesar de apresentar um número menor de escritores. Na figura 1, é possível observar que as demais regiões aparecem com a mesma proporção de escritores indígenas entre elas. Todavia, as regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sul não possuem uma predominância mercadológica editorial da Literatura indígena. É válido mencionar que, entre as três últimas regiões citadas, a Centro-Oeste é uma das regiões em que tivemos mais publicações, contudo, leva-se em consideração a quantidade de escritores apenas das obras que aparecem tal dado na capa da obra e/ou ficha técnica.

Após verificar quem são os escritores indígenas que estão produzindo Literatura indígena nas regiões brasileiras e que tiveram suas obras literárias de ficção publicadas no período de 2015 a 2020, pode-se notar uma incidência de escritores indígenas do gênero

masculino publicando nas editoras brasileiras nesse período, se comparado ao gênero feminino. Ao todo, tivemos 15 (quinze) escritores indígenas do gênero masculino, sendo eles: Ariabo Kezo, Cristino Wapichana, Daniel Munduruku, Edson Krenak, Edson Kayapó, Elias Yaguakãg, Estevão Carlos Taukane, Jaime Diakara, Jaider Esbell, Kamuu Dan Wapichana, Kanatyto Pataxó, Olívio Jekupe, Tiago Hakiy, Yaguarê Yamã e Ytanajé Coelho Cardoso e 11 (onze) escritoras indígenas do gênero feminino, são elas: Aline Ngrenhtabare L. Kayapó, Aline Rochedo Pachamama, Auritha Tabajara, Denizia Cruz Kawany Fulkaxó, Eliane Potiguara, Jera Poty Mirim, Julie Dorrico, Lia Minapoty, Márcia Wayna Kambeba, Rosi Waikhon e Vângri Kaingãng. Na Figura 2, mostra-se a distribuição destes escritores tanto no gênero masculino quanto no feminino.

Figura 2 - Distribuição de escritores indígenas por gênero



Fonte: Nascimento (2022)

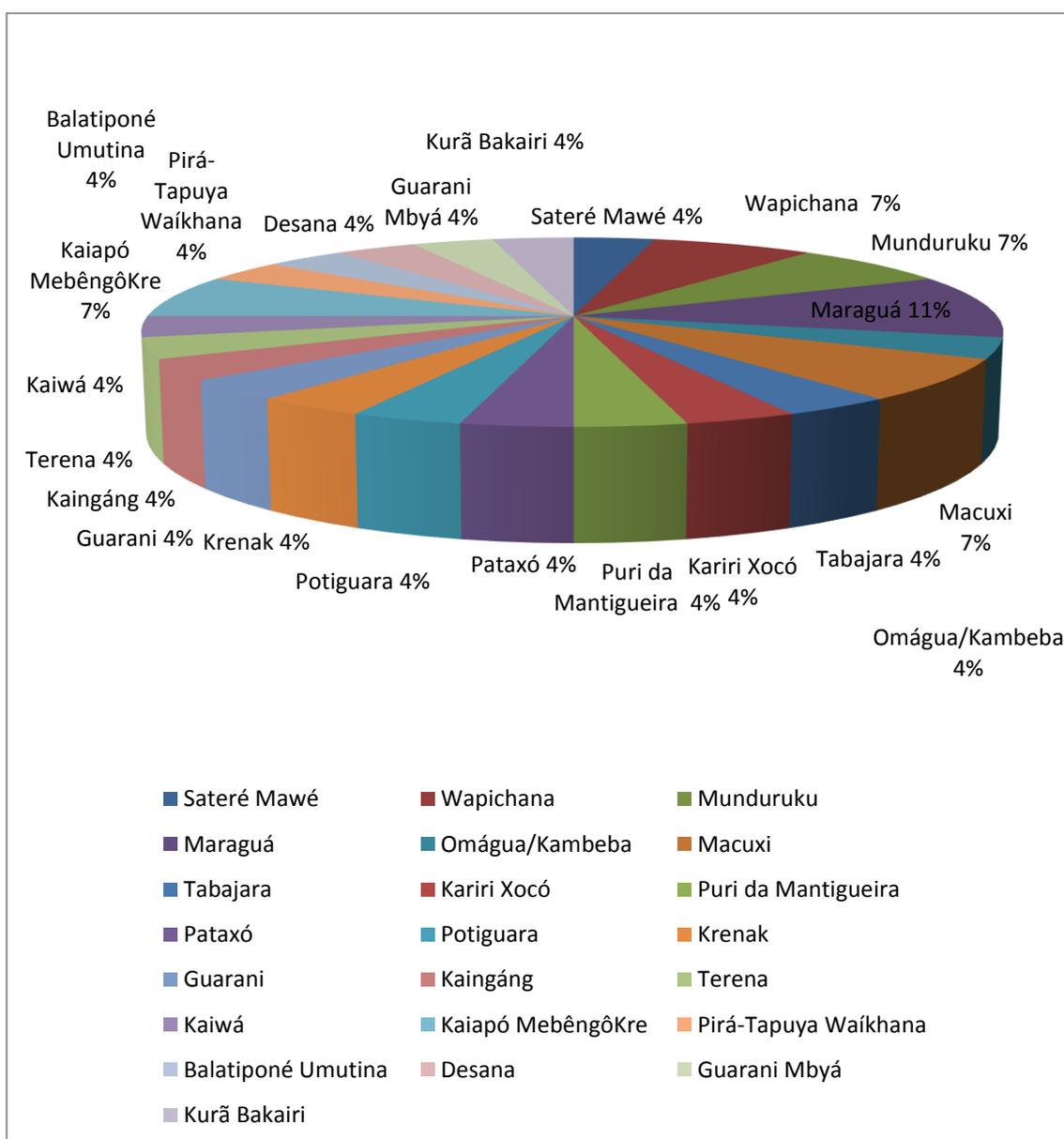
Conforme a Figura 2, pode-se observar que no quantitativo de escritores indígenas do gênero masculino houve uma maior incidência em comparação ao gênero feminino. No entanto, o percentual mostra um crescimento geral desses escritores no período de 2015 a 2020, e não necessariamente os anos entre o período que cada gênero teve tal crescimento.

Assim, sobre a busca por tais escritores indígenas, informa-se que os dados permitem ter uma noção dos povos de origem dos escritores indígenas que tiveram suas obras publicadas. Desse modo, formando-se um total de 22 (vinte e dois) povos, sendo eles: 1 (um) Seteré Mawé, 2 (dois) Wapichana, 2 (dois) Munduruku, 3 (três) Maraguá, 1 (um) Omágua/Kambeba, 2 (um) Macuxi, 1 (um) Tabajara, 1 (um) Kariri Xocó, 1 (um) Puri da Mantigueira, 1 (um) Krenak, 1

(um) Pataxó, 1 (um) Potiguara, 1 (um) Guarani, 1 (um) Kaingáng, 1 (um) Terena, 1 (um) Kaiwá, 2 (dois) Kaiapó Mebêngôkre, 1 (um) Pirá – Tapuya Waíkhana, 1 (um) Balatiponé Umutina, 1 (um) Desana, 1 (um) Guarani Mbyá e 1 (um) Kurã Bakairi.

Na Figura 3, pode-se observar a distribuição dos povos de origem dos escritores indígenas de acordo com a quantidade destes.

Figura 3 - Distribuição dos povos/etnias indígenas como lugar de origem dos escritores indígenas



Fonte: Nascimento (2022)

Quando levamos em consideração as regiões e estados, evidencia-se que há, de fato, uma variação dos povos indígenas que publicaram no período de 2015 a 2020. Os povos

Maraguá, Omágua-Kambeba, Desana, Sateré Mawé, Pirá - Tapuya Waíkhana, Munduruku, Kayapó Mebêngôkre, Macuxi e Wapichana, localizados na região Norte e situados nos estados do Amazonas, Pará, Roraima e Rondônia, foram os que obtiveram mais publicações no período pesquisado, com oito escritores: Lia Minapoty, Elias Yaguakãg, Yaguarê Yamã, Márcia Wayna Kambeba, Jaime Diakara, Tiago Hakiy, Rosi Waikhon, Ytanajé Coelho Cardoso, Daniel Munduruku, Aline Ngrenhtabare L. Kayapó, Edson Kayapó, Cristino Wapichana, Jaider Esbell, Kamuu Dan Wapichana e Julie Dorrico.

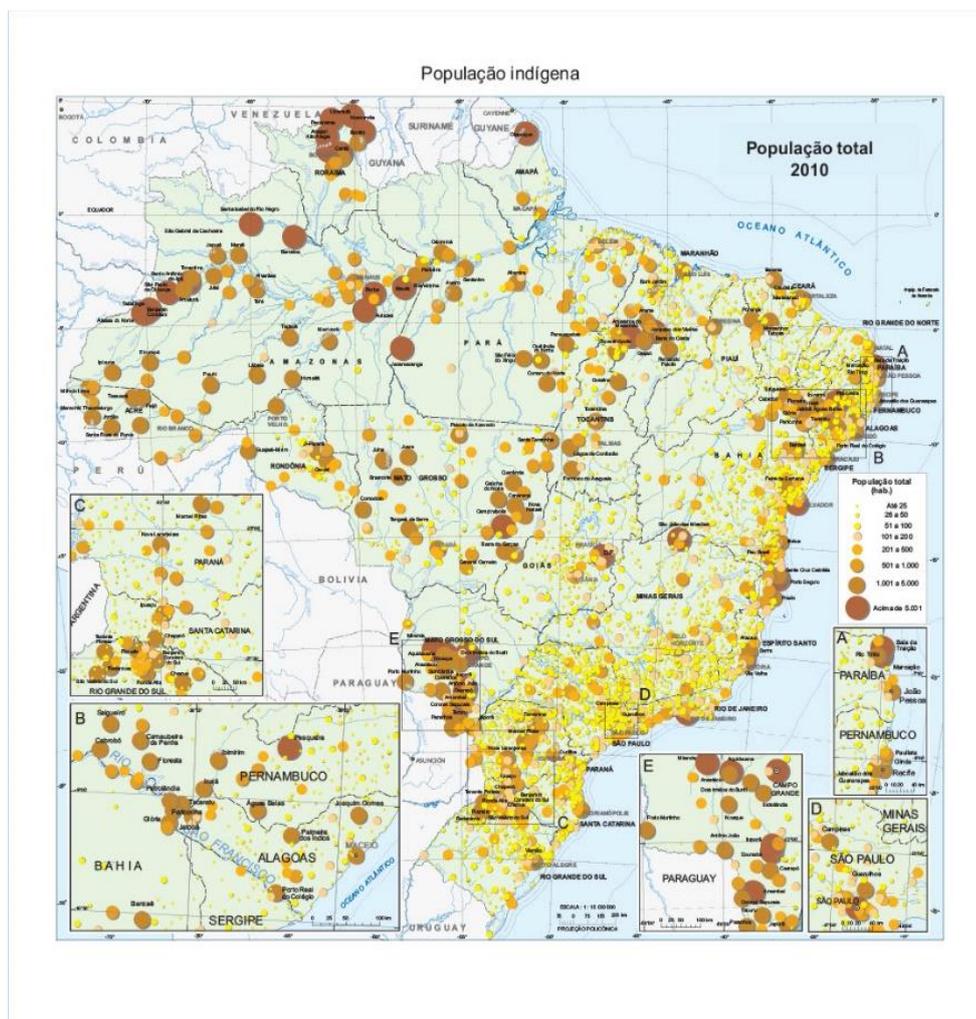
Os povos Tabajara e Kariri Xocó, localizados na região Nordeste e situados nos estados do Ceará e Alagoas, conseguiram um total de duas escritoras: Auritha Tabajara e Denizia Cruz Kawany Fulkaxó, seguidos dos povos Kurâ bakairi e Balatiponé Umutina, localizados na região Centro-Oeste, situados nos estados do Mato Grosso com apenas dois escritores: Estevão Carlos Taukane e Ariabo Kezo. E os povos Guarani e Kaingáng, localizados na região Sul, situados nos estados do Paraná e Rio Grande do Sul, com dois escritores(as): Olívio Jekupe e Vângri Kaingáng, estes foram os povos que tiveram menor incidência de publicações no período do estudo. Os povos Puri da Mantiqueira, Potiguara, Krenak, Pataxó e Guarani Mbyá, localizados na região Sudeste, situados nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, foram os que tiveram uma incidência maior de publicações em comparação com as últimas três regiões brasileiras, com 5 (cinco) escritores: Aline Rochedo Pachamama, Eliane Potiguara, Edson Krenak, Kanatyó Pataxó e Jera Poty Mirim.

Desse modo, a pesquisa mostra uma variação em relação aos povos indígenas, neste caso, do lugar de origem desses escritores. Ao se considerar a diversidade que há destes povos no país, as informações, de acordo com o censo demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³⁰, evidenciam que, apesar do número de povos indígenas somar um total de 896.917 pessoas, apenas 817.963 se declaram indígenas, perfazendo cerca de 305 etnias diferentes encontradas em todo território nacional, assim como o registro de 274 línguas faladas (IBGE, Censo demográfico, 2010). Na Figura 4, pode-se observar a distribuição da população indígena total no ano de 2010 em todo Brasil, conforme mostra o mapa³¹.

³⁰ As informações sobre o censo de 2010 podem ser encontradas no site da Funai. Disponível em: www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/quem-sao, bem como no site do IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9677&t=destaques>. Acesso em: 23 jan. 2023.

³¹ O mapa pode ser consultado no site do IBGE. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/downloads.html>. Acesso em: 22 jan. 2023.

Figura 4 - Distribuição da população indígena total 2010

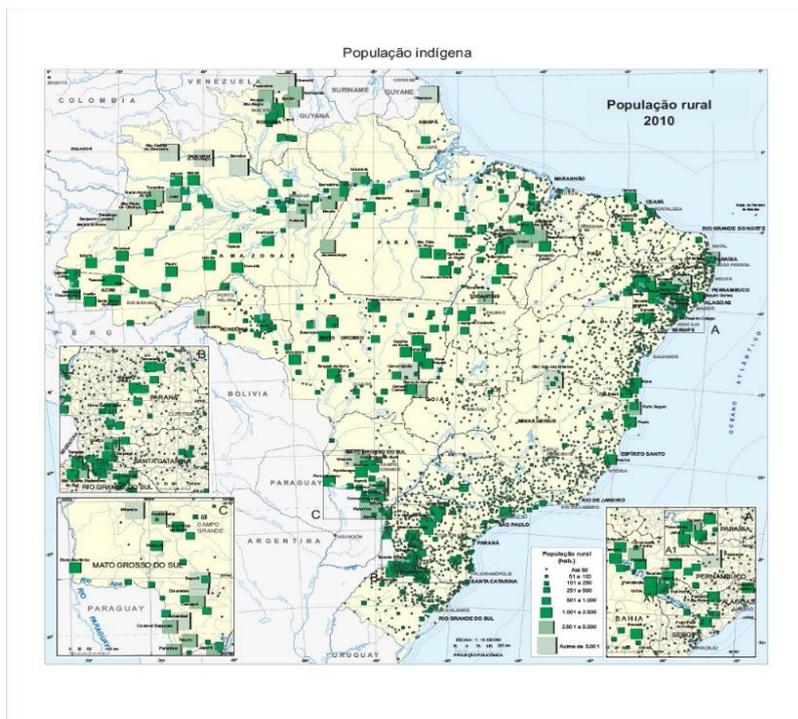


Fonte: IBGE (2010)

Diante dos dados apresentados acerca da população indígena, no ano de 2010, em todo o Brasil, as Figuras 5 e 6 mostram, ainda, conforme o censo demográfico, que os povos indígenas se concentram tanto na área rural como na área urbana, com distribuição da população na área rural de 572.083 e urbana com 324.834³².

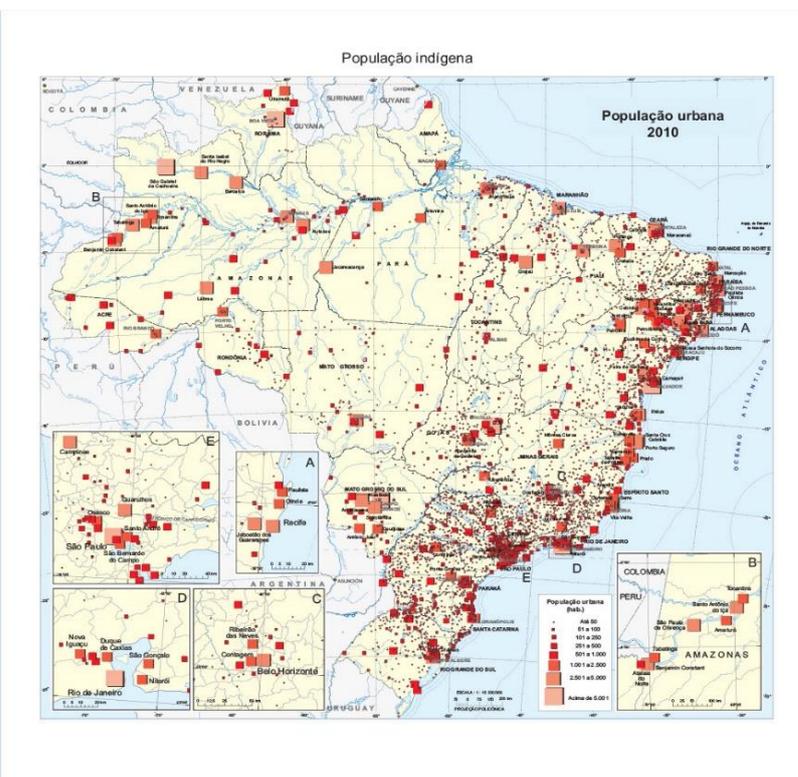
³² IBGE. Censo demográfico, 2010.

Figura 5 - Distribuição da população indígena rural



Fonte: IBGE (2010)

Figura 6 - Distribuição da população indígena urbana



Fonte: IBGE (2010)

Os dados divulgados pelo IBGE, relativos ao censo demográfico de 2010, ainda evidenciam a distribuição da população indígena em todas as regiões do Brasil. Assim, na região Norte, temos 305.873 povos indígenas; na região Nordeste, 208.691; na região Centro-Oeste, 130.494; região Sudeste, 97.960; e a região Sul, 74.945. Desse modo, os dados presentes nas cinco regiões revelam que a região Norte é a região que concentra a maior incidência de indígenas, tendo aproximadamente 37,4%. Dentre as regiões brasileiras, foi possível observar, no site da Fundação Nacional do Índio (Funai),³³ que há estados com maior concentração de indígenas, no caso da região Norte, por exemplo, o estado com maior número de indígenas é o Amazonas, representando 55% do total da região. Já na região Nordeste, a Bahia é o estado com maior concentração de indígenas, totalizando cerca de 25,5% da população. Na região Centro-Oeste, o estado do Mato Grosso do Sul concentra 56% da população, por isso, é considerado com maior quantidade; e, por último, as regiões que constam menor número de indígenas em seus estados, no caso, a região Sudeste e Sul, sendo São Paulo no Sudeste e Rio Grande do Sul no Sul³⁴.

Por fim, acerca dos indígenas autodeclarados, temos o total de 502.783 vivendo na zona rural e 315.180 na zona urbana³⁵. Dentre a quantidade de indígenas declarados e não declarados, os dados, de acordo com a Funai e IBGE, apontam que, em terras indígenas,³⁶ há 517.383 pessoas indígenas, enquanto as pessoas indígenas que vivem fora destas terras são de 379.534. Ainda nesses dados, há os que se declaram indígenas e vivem em terras indígenas, totalizando 438.429; e os que não se declaram indígenas, mas vivem em terras indígenas, sendo o total de 78.954³⁷. Sendo assim, compreende-se desses dados divulgados pelo IBGE, com base no censo demográfico 2010, que, no Brasil, houve um crescimento em relação aos censos anteriores,

³³ Os dados apresentados sobre o quantitativo dos povos indígenas nas regiões podem ser consultados no site na Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/quem-sao>. Acesso em: 23 jan. 2023.

³⁴ IBGE. Censo demográfico, 2010.

³⁵ Os dados sobre o quantitativo dos povos indígenas que se encontram na zona urbana e rural, autodeclarados e não declarados, podem ser acessados no link do IBGE, Funai (já citados) e pelo link do G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/08/mais-de-324-mil-indios-brasileiros-vivem-em-area-urbana-diz-ibge.html>. Acesso em: 24 jan. 2023.

³⁶ De acordo com estudos antropológicos, a diferença entre “terra” e “território” remete a distintas perspectivas e atores envolvidos no processo de reconhecimento e demarcação de uma Terra Indígena. A noção de “Terra Indígena” diz respeito ao processo político-jurídico conduzido sob a égide do Estado, enquanto a de “território” remete à construção e à vivência, culturalmente variável, da relação entre uma sociedade específica e sua base territorial (GALLOIS, 2004). Disponível em: <https://institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2020/07/doc11.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2023.

³⁷ IBGE. Censo demográfico, 2010.

sendo que, no censo de 1991, tivemos 294.131; e em 2000, o total de 734.127, ambos os censos correspondem à categoria de indígenas autodeclarados.

Por fim, o censo demográfico de 2010 trouxe uma ideia de quantos são os povos indígenas em todo o Brasil e a situação populacional destes nas regiões. Os dados em questão possibilitam entender que, dentre os povos em que os escritores indígenas publicaram obras, no mercado editorial brasileiro, há a possibilidade de haver outros povos, além desses que fazem parte desta pesquisa.

3.4.3 Análise de gênero literário (ficção) e temas nas obras de autoria indígena catalogadas

A análise realizada nos catálogos on-line das editoras comerciais brasileiras, com relação às categorias, gêneros literários (ficção) e temas e/ou tags, está pautada no resultado do mapeamento das obras literárias de ficção de autoria indígena, que foram publicadas nos anos de 2015 a 2020, conforme descrito no capítulo anterior. Na análise, não se pretendeu aprofundar sobre tais temas, apenas tentou-se verificar nos catálogos digitais das editoras e livraria/as como estas obras de autoria indígena são catalogadas. Assim, nosso objetivo fundamental foi o de analisar, em todos os catálogos, as categorias dessas obras, considerando que uma única obra dentro de um catálogo pode compreender mais de uma categoria, no caso, a presença de gêneros literários de ficção, por contemplarem o campo literário, da arte e os temas/tags mais recorrentes na Literatura indígena contemporânea.

Nesse sentido, cada catálogo analisado apresenta uma forma de organização dos acervos. Quanto à catalogação do acervo, as obras são organizadas por categoria (área de conhecimento; ordem alfabética; coleções e e-books) e subcategoria (áreas que fazem parte da área de conhecimento). Com relação aos gêneros literários das obras, os catálogos não têm uma forma específica de organização, podendo ser encontrados deste modo: descrição na página inicial dos catálogos, categoria ou nas informações das obras, como ficha técnica, informação adicional e/ou especificação do produto. No que se refere aos temas/tags, segue-se uma organização similar à organização dos gêneros literários, sendo descritos na página inicial dos catálogos ou nas informações da obra, isto é, ficha técnica e informação adicional.

Ainda, na análise, verificou-se que há catálogos que não organizam suas obras por categorias, estas, por sua vez, ficam disponíveis para visualização diretamente na página inicial da editora/livraria. Nestes casos, especificamente, recorreu-se aos catálogos de outras

editoras/livrarias que haviam comercializado tais obras com intuito de verificar as informações que não foram encontradas nas editoras que publicaram as obras em questão, situação usada também para análise dos gêneros e temas/tags. No que diz respeito aos temas, foi preciso incluir na análise as tags, pelo fato de serem mais recorrentes na ficha técnica/informação adicional das obras. Desse modo, as mesmas aparecem enquanto dado quando os temas não constarem nas referidas obras. Para melhor análise, os dados foram apresentados por região, nos quadros a seguir, de acordo com a categoria, com o gênero literário de ficção e temas/tags, contemplando até mesmo as obras de autoria indígena que não constam referência ao gênero literário e temas/tags.

Quadro 7 - Dados referentes à catalogação das obras de autoria indígena nas editoras/livraria da região Centro-Oeste

Título da obra	Editora/ Obra catalogada	Categoria	Gêneros literários	Temas e/ou Tags
A cor do dinheiro da vovó	Edebê	(Ficção) Literatura infantojuvenil	Gênero narrativo	Povos indígenas, memória, família, números, tradição, amor (Temas)
Noçoquém: a floresta encantada	Edebê	(Ficção) Literatura infantojuvenil	Gênero narrativo	Povos indígenas, rituais, natureza, cultura indígena, romance (Temas)
Turí ne terenoehiko	Edufgd	(Ficção) Literatura e Linguística, Letras e Artes	Gênero narrativo	Literatura infantojuvenil indígena (Brasil), Índios Terena - Literatura infantojuvenil, Literatura infantojuvenil brasileira - Escritores indígenas, Índios da América do Sul - Mitos e lendas (Tags)
Tekoha vy'a renda	Edufgd	(Ficção) Literatura e Linguística, Letras e Artes	Gênero narrativo	Literatura infantojuvenil indígena (Brasil), Índios Guarani Kaiwá - Literatura infantojuvenil,

				Literatura infantojuvenil brasileira - Escritores indígenas, Índios da América do Sul - Mitos e lendas, Etnografia (Tags)
Ore Remitỹ	Edufgd	(Ficção) Literatura	Gênero narrativo	Ritos indígenas, Etnografia, Literatura indígena (Tags)
Mymba ñarõnguéra	Edufgd	(Ficção) Literatura	Gênero narrativo	Literatura infantojuvenil indígena (Brasil) - Contos, Índios Guarani Kaiowá - Literatura infantojuvenil - Contos, Literatura infantojuvenil brasileira - Escritores indígenas, Índios da América do Sul - Educação de filhos, Índios Guarani Kaiowá - Usos e costumes, Etnografia, Mito terena (Tags)
Ka'arovy	Edufgd	(Ficção) Literatura e Linguística, Letras e Artes	Gênero narrativo	Literatura infantojuvenil indígena (Brasil), Índios Guarani Kaiwá - Literatura infantojuvenil, Literatura infantojuvenil brasileira - Escritores indígenas, Índios da América do Sul - Mitos e lendas (Tags)
Ka'aguy Póra'i	Edufgd	(Ficção) Literatura e Linguística, Letras e Artes	Gênero narrativo	Etnografia, Letramento, Língua Guarani, Educação Guarani e Kaiowá, Literatura Indígena, Literatura infantojuvenil (Tags)
Guaiguingue	Edufgd	(Ficção)	Gênero narrativo	Literatura infantojuvenil

		Literatura e Linguística, Letras e Artes		indígena (Brasil), Índios Guarani Kaiwá - Literatura infantojuvenil, Literatura infantojuvenil brasileira - Escritores indígenas, Índios da América do Sul - Mitos e lendas (Tags)
Êxetina uné = conto das águas	Edufgd	(Ficção) Literatura	Gênero narrativo	Mitos indígenas (Brasil), Índios Guarani Kaiowá - Literatura infantojuvenil, Literatura infantojuvenil brasileira - Escritores indígenas, Mito terena, Etnografia (Tags)
Ava Jeroviaha	Edufgd	(Ficção) Literatura e Linguística, Letras e Artes	Gênero narrativo	Literatura infantojuvenil indígena (Brasil) - Contos, Índios Guarani Kaiowá - Literatura Infantojuvenil - Contos, Literatura Infantojuvenil brasileira - Escritores indígenas, Índios da América do Sul - Educação de filhos, Índios Guarani Kiowá - Usos e costumes (Tags)

Fonte: A autora (2022)

De acordo com a análise nos catálogos das editoras Edebê e UFGD, foi possível encontrar as informações referentes à categoria em que as obras foram catalogadas, gêneros literários (ficção) e temas/tags. No que diz respeito às obras da editora Edebê, estas fazem parte da coleção Motyró, tendo em vista que, no catálogo, há outras coleções, assim, as obras da Coleção Motyró correspondem a poemas, poesias, cordel e parlendas; e as da editora UFGD são obras que pertencem à coleção *Saberes indígenas*, do projeto do Comitê Editorial Cone SUL, de modo que as obras citadas se referem a contos/lendas das comunidades que participaram do projeto, bem como seu modo de ser, sua história, tradições e rituais.

Quadro 8 - Dados referentes à catalogação das obras de autoria indígena nas editoras/livrarias da região Sudeste

Título da obra	Editora/ Obra catalogada	Categoria	Gêneros	Temas/Tags
Estrela Kaingáng – a lenda do primeiro pajé	Biruta	(Ficção) Literatura infantil	Gênero narrativo	Cultura indígena (Temas)
A origem dos bichos	Panda Books	(Ficção) Literatura infantil	Gênero narrativo	Cultura indígena; contos (Assuntos) Mitos de origem, povo satere-mawe, Tiago Hakiy (Tags)
A origem dos filhos do Estrondo do Trovão – Uma história do povo Tariana	Callis	(Ficção) Leitor Fluente (Juvenil)	Gênero narrativo	Mundo Social e Valores (Temas)
Wahtirã: a lagoa dos mortos	Autêntica	(Ficção) Literatura Infantil/ Histórias Tradicionais e de Origem	Gênero narrativo	Ficção infantil/para adolescentes: ficção geral, interesse geral de crianças/adolescentes: lugares e/ou povos Daniel Munduruku, Jaime Diakara, Mauricio Negro (Ilustrador) (Tags)
O presente de Jaxy Jaterê	Panda Books	(Ficção) Literatura Infantil	Gênero narrativo	Índio; lenda; infantojuvenil (Assuntos) Olívio Jekupe, povo guarani, texto bilíngue (Tags)
Saberes da Floresta	Jandaíra	(Ficção) Gênero, raça e classe	Gênero poético	Educação, Identidade Indígena, Márcia Kambeba, Mulheres Indígenas, Poemas, Povo Kambeba (Tags)
Vozes Ancestrais: dez contos indígenas	FTD	(Ficção) Literatura infantojuvenil/ Histórias Tradicionais e de Origem	Gênero narrativo	O mundo natural e social; encontros com a diferença (Temas)

Eu sou Macuxi e outras histórias	Caos e Letras	(Ficção) Contos e Mulheres	Gênero poético e Gênero narrativo	Gustavo Caboco (Ilustrador), Identidade Indígena, Julie Dorrico, Mulheres Indígenas, Poemas, Povo Macuxi (Tags)
Coração na Aldeia, pés no mundo	Uk'a Editorial	(Ficção) Memórias e Biografias, Mulheres	Gênero poético	Auritha Tabajara, Poemas, Povo Tabajara, Uka Editorial (Tags)
Kariri Xocó: Contos indígenas V.2+CD	Sesc	(Ficção) Histórias Tradicionais e de Origem	Gênero narrativo	Denízia Cruz, Identidade Indígena, Mulheres Indígenas, Povo Kariri Xocó (Tags)
Redondeza	Criadeira Livros	(Ficção) Narrativa ilustrada/ Infantojuvenil	Gênero narrativo	Daniel Munduruku, Identidade Indígena, Povo Munduruku (Tags)
Pachamama – A poesia é a alma de quem escreve	Pachamama	(Ficção) Poesia/ Literatura indígena	Gênero poético	Não encontrado
Taynôh: o menino que tinha cem anos	Pachamama	(Ficção) Literatura indígena/ Literatura Infantojuvenil e adulto	Gênero narrativo	Aline Rochedo Pachamama, Identidade Indígena, Mulheres Indígenas, Povo Puri (Tags)
O canto do Uirapuru: uma história de amor verdadeiro	Formato	(Ficção) Literatura Infantil	Gênero narrativo	Conhecimento, Cultura Indígena, Folclore, Indígena (Tags)
Txopai e Itôhã	Formato	(Ficção) Literatura Infantil	Gênero narrativo	Cultura, Cultura indígena, Folclore, meio ambiente, prêmios e distinções (Tags)
A cura da terra	Brasil	(Ficção) Literatura Infantil	Gênero narrativo	Fantasia; identidade pessoal; indígenas, meio ambiente, passado; respeito (Assuntos) Pluralidade Cultural, Meio Ambiente (Temas)

A volta de Tukã	Kazuá	(Ficção) Literatura Infantojuvenil	Gênero narrativo	Não encontrado
Yara é vida	Kazuá	(Ficção) Literatura Infantojuvenil	Gênero narrativo	Não encontrado
Kawrê guiry'bo – nossas lembranças especiais	Kazuá	(Ficção) Literatura Infantojuvenil	Gênero narrativo	Não encontrado
Ay Kakyri Tama - Eu moro na cidade	Jandaíra	(Ficção) Literatura/ Poesia	Gênero poético	Amazonas, Amazônia, Kambeba, Pará, aculturação indígena, antropologia, cidade, colonizador, cultura indígena, indígena, mulher, mulheres escritoras, poesia, poesia de mulheres, poesia indígenas, rios amazônicos, tupi Kambeba (Tags)
Nós: uma antologia de Literatura indígena	Companhia das letras	(Ficção) Histórias Tradicionais e de Origem/ Literatura e Ficção	Gênero narrativo	Ariabo Kezo, Cristino Wapichana, Edson Kayapo, Edson Krenak, Identidade Indígena, Jaime Diakara, Mauricio Negro (Ilustrador), Mitos De Origem, Povo Desana, Povo Guarani, Povo Kayapó, Povo Krenak, Povo Kurâ-Bakairi, Povo Satere-Mawe, Povo Umutina-Balatiponé, Tiago Hakiy, Yaguarê Yamã (Tags)
O sonho de Borum	Autêntica	(Ficção) Literatura Infantil/Ficção	Gênero narrativo	Edson Krenak, Mauricio Negro (Ilustrador), Povo Krenak (Tags)
O cão e o Curumim	Melhoramentos	(Ficção) Literatura Infantojuvenil	Gênero narrativo	Relações Familiares, Convivência, Culturas de outros Povos, Indígenas, Diversidade/ Pluralidade Cultural,

				Representatividade (Temas)
A pescaria do Curumim e outros poemas	Panda Books	(Ficção) Literatura Infantil	Gênero poético	Índio; poema; floresta amazônica (Assuntos) Identidade indígena, poemas, povo satere-mawe, Taisa Borges (ilustradora), Tiago Hakiy (Tags)
O sopro da vida: Putakaryy Kakykary	Expressão Popular	(Ficção) Literatura Infantojuvenil	Gênero narrativo	Cd livro, Literatura, 2022, Kamuu Dan Wapichana, Povo Wapichana (Tags)
O Karaíba: Uma história do pré-Brasil	Melhoramentos	(Ficção) Literatura juvenil	Gênero narrativo	Comportamento, Emoções, Guerra, Política, Sociedade, Tolerância, Culturas de outros Povos, Ancestralidade, Representatividade, Indígenas (Temas)
O olho bom do menino	Uk'a Editorial	(Ficção) Literatura juvenil	Gênero narrativo	Daniel Munduruku, Povo Munduruku, Uka Editorial (Tags)
A boca da noite	Zit	(Ficção) Literatura Infantil	Gênero narrativo	Povos indígenas (Temas)
Makunaimã: o mito através do tempo	Elefante	(Ficção) Livro da Elefante, Todos os itens/ Crônicas/ Literatura e Ficção	Gênero dramático	Jaidier Esbell (Ilustrador), Para Pesquisadores (Tags)

Fonte: A autora (2022)

Conforme a análise no catálogo da editora Biruta, foi possível encontrar todos os dados da obra, como a categoria em que a obra foi catalogada e o gênero literário e temas/tags. Os dados das obras, de forma geral, na editora, podem ser buscados na página inicial do catálogo, pelo fato de estes estarem organizados por categoria, como temas/gêneros, idade etc., por

exemplo. Já no catálogo da editora Panda Books, encontramos apenas a categoria das obras e menções em relação aos gêneros literários na descrição da sinopse das obras *O presente de Jaxy Jaterê* e *A pescaria do Curumim e outros poemas*. Sobre a obra *A origem dos bichos*, não consta menção acerca do gênero literário. Ao entrar em contato com a editora, para verificação sobre os gêneros literários das 3 (três) obras, esta enviou os releases das obras. As menções encontradas, referentes aos gêneros literários das obras, constam tanto na parte introdutória da obra, na descrição da sinopse e em assuntos (ficha técnica das obras).

Tais informações não estão disponíveis nos catálogos virtuais ou on-line, apenas nos releases enviados pela editora por e-mail. A palavra “assunto”, que aparece na ficha técnica das obras, possivelmente diz respeito aos temas. No catálogo da livraria Maracá, foram encontradas as tags das referidas obras. No catálogo da editora Jandaíra, foi possível encontrar a categoria das duas obras e o gênero literário apenas da obra *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade*. Em relação à obra *Saberes da floresta*, na livraria Maracá, esta está catalogada na categoria “Mulheres”.

No que diz respeito ao gênero literário, este se encontra na própria página do Google³⁸. Sobre as tags/palavras-chave, foram encontradas no site da Submarino³⁹ e livraria Maracá. No catálogo da Editora Criadeira Livros, consta apenas a categoria em que a obra *Redondeza* foi catalogada. No que diz respeito ao gênero literário, não há informação, no entanto, ao analisar o catálogo da obra, é possível identificar o gênero pelo conteúdo da obra (sinopse), conforme mencionado no Quadro 9. Na livraria on-line Amazon, tal obra aparece na categoria “Ficção Infantil e Juvenil”; e na livraria Maracá, na categoria “Curumirim” - 2 a 6 anos, também, constam as tags. Na folha da Uol⁴⁰, a obra consta na categoria “Ficção” e gênero “infantil”. No link enviado pela editora FTD, foi possível encontrar o gênero literário e os temas/tags

³⁸ Dados da obra: *Saberes da Floresta*/autor (a): Márcia Kambeba. Disponível em: https://www.google.com/search?q=saberes+da+floresta+m%C3%A1rcia+kambeba+pdf&sxsrf=ALiCzsY687TJaH0fEfcI29eS3RpHYqe6w%3A1672853714237&ei=0ri1Y4yKDtDM1sQPsuqeqAk&oq=Saberes+da+floresta+pdf&gs_lcp=Cgxnd3Mtd2l6LXNlcnAQAARgBMgUIABCABDIGCAAQFhAeOgcIIXCwAxAnOgoIABBHENYEE LADOgcIABCwAxBDSgQIQRgASgQIRhgAUJAPWJgeYOFDaAFwAXgAgAGPAYgBqAOSAQMwLjOYA QCgAQHIAQrAAQE&sclient=gws-wiz-serp. Acesso em: 03 jan. 2013.

³⁹ Dados da obra: *Ay Kakyri Tama: Eu moro na cidade*/autor (a): Márcia Kambeba. Disponível em: https://www.submarino.com.br/produto/4401788919?pfm_carac=morog20&pfm_page=search&pfm_pos=grid&pfm_type=search_page&offerId=61d5ecb790c8555037dbc7a0. Acesso em: 04 jan. 2023.

⁴⁰ Dados da obra: *Redondeza*/autor(a): Daniel Munduruku. Disponível em: <https://arte.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/05/04/200-livros-importantes-para-entender-o-brasil/livro/redondeza/>. Acesso em: 04 jan. 2023.

referentes à obra. Na livraria Maracá, a obra está na categoria “Histórias Tradicionais e de Origem”; e no site do livro Fácil⁴¹ está na categoria “Literatura infantojuvenil”.

No que diz respeito ao catálogo da editora Caos & Letras, a obra foi catalogada na categoria “Contos”; e na livraria Maracá, na categoria “Mulheres”; também, constam as tags. Em relação ao gênero literário, na descrição da sinopse, há informação de que a obra é poética pela seguinte afirmação: “Essas duas coisas estão presentes nos escritos poéticos e imagéticos que as palavras escritas agora dão forma”. É possível indicar a presença de outro gênero literário, neste caso, o narrativo, pois indica também que é um conto, conforme indicação de catalogação. Na editora Sesc, não há informações relacionadas à obra *Kariri Xoxó: Contos Indígenas V.2 + Cd*.

Dessa forma, buscamos informações na livraria Maracá e pelo link do Museu Indíavaniure - Indígenas do Brasil⁴². Na Maracá, encontramos a categoria e as Tags; já no link, encontramos um dos volumes da obra, em que há menção ao gênero literário, informando que a obra é um livro de contos indígenas. Vale ressaltar que a obra que consta no link refere-se ao volume 2 e não ao volume 2+ CD, sendo esta última a obra pesquisada. Todos os volumes da obra fazem parte do projeto “Música e Histórias da Tribo Kariri Xocó”, desenvolvido por Denízia Cruz e realizado pelo Sesc São Paulo, considerando, assim, que tal obra também é um conto indígena.

No catálogo da editora do Brasil, foi possível encontrar as informações referentes à obra sobre a categoria, gênero literário e temas/Assuntos, porém, na categoria “Literatura”, há as seguintes subcategorias: obras; segmentos literatura; catálogo de lançamentos; catálogo de literatura infantil; catálogo de literatura juvenil; Foreign Rights/catálogo de Derechos e campanha da fraternidade 2023. A obra analisada consta na subcategoria referente ao catálogo de Literatura infantil, na parte do livríssimo, um portal da editora Brasil. Já no catálogo da editora Expressão Popular, encontramos as informações relacionadas à obra, tais como categoria, gênero literário e tags. A obra consta na subcategoria “Literatura Infantil”, que pertence à categoria “Literatura”.

Em relação ao gênero literário, este é citado na descrição da sinopse da obra. Sobre as tags, as mesmas constam tanto no catálogo da editora como no catálogo da livraria Maracá.

⁴¹ Dados da obra: *Voices Ancestrais: Dez Contos Indígenas*/autor (a): Daniel Munduruku. Disponível em: <https://www.livrofacil.net/literatura-infantojuvenil/juvenil> e <https://pnld.ftd.com.br/pnld-literario/60-e-70-anos/vozes-ancestrais-dez-contos-indigenas/>. Acesso em: 04 jan. 2023.

⁴² Dados da obra: *Kariri Xocó: contos indígenas V.2+Cd*. Disponível em: <https://museuindianuure.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Indigenas-do-Brasil.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2023.

No que diz respeito ao catálogo do Grupo Editorial Zit, a obra encontra-se na subcategoria “Infantil”, que pertence à categoria “Literatura”. Em relação ao tema, este consta na “Descrição Geral” da obra. Sobre o gênero literário, ao analisar o catálogo, é possível identificar o gênero pelo conteúdo da sinopse. No catálogo da editora Elefante, foi possível encontrar apenas a categoria em que a obra foi catalogada; no que se refere ao gênero literário, há na descrição da sinopse informação de que a obra é uma peça de teatro. Já no catálogo da Livraria Maracá, a obra consta na categoria “Crônicas”, também, constam as tags; e na Livraria Amazon, na categoria “Literatura e Ficção”.

No catálogo da editora Autêntica, as obras publicadas foram catalogadas na categoria “Literatura Infantil, entretanto, não há informações sobre o gênero literário e temas/tags. Ambas as obras constam na livraria Maracá, sendo que a obra *Wahtirã: A lagoa dos mortos* está na categoria “Histórias Tradicionais e de Origem”; e a obra *O sonho de Borum*, na categoria “Ficção”. Em relação aos temas, estes não foram encontrados na livraria, apenas as tags de ambas as obras. Acerca dos gêneros literários das obras, é possível identificá-los pelo conteúdo da sinopse. Entramos em contato com a editora, no entanto, não se obteve retorno. No catálogo da editora Melhoramentos, as obras publicadas foram catalogadas na categoria “Literatura infantil e Juvenil”, tendo em vista que na própria editora foi possível encontrar os temas/tags de ambas as obras e o gênero literário da obra *O Karaíba: uma história do pré-Brasil*. No que diz respeito ao gênero literário da obra *O cão e o Curumim*, foi possível identificar no conteúdo da sinopse.

Sobre o catálogo da editora Formato, as informações que constam são referentes à própria editora, não há qualquer informação sobre as obras catalogadas. A categoria, gêneros literários e temas/tags das obras *Txopai e Itôhã* e *o canto do Uirapuru: uma história de amor verdadeiro* foram encontradas na plataforma educacional Coletivo Leitor⁴³. Já no catálogo da editora Kazuá, consta apenas a categoria em que as obras foram catalogadas. Sobre o gênero literário, consta na descrição da sinopse da obra *A volta de Tukã* a seguinte menção: “conta uma narrativa infantil”; na descrição da sinopse da obra *Yara é vida*, tem-se “as tantas que povoam a mitologia do povo Maraguá”; e na descrição da sinopse da obra *Kawrê Guairy’ Bo - nossas lembranças especiais*, tem-se as “lembranças da memória de um povo”. No que diz respeito às informações relacionadas aos temas e/ou tags, estes não constam no catálogo da editora Kazuá

⁴³ Dados das obras: *Txopai e Itôhã* e *O canto do Uirapuru: uma história de amor verdadeiro*. Disponível em: <https://www.coletivoleitor.com.br/nossos-livros/txopai-e-itoha/> e <https://www.coletivoleitor.com.br/nossos-livros/o-canto-do-uirapuru-uma-historia-de-amor-verdadeiro/>. Acesso em: 05 jan. 2023.

e catálogos de outras editoras e livrarias examinadas. Ao entrar em contato com a editora para saber sobre os gêneros literários das obras, esta informou que as obras são gêneros de ficção infantil, lendas e conto.

No catálogo da editora Companhia das Letras, foi possível encontrar na descrição da sinopse da obra apenas uma menção sobre o gênero literário da obra, que aparece como “mito de origem”. Já no blog da Letrinhas,⁴⁴ encontramos a seguinte menção em relação ao gênero literário: “Antologia de 2019 reúne contos de autores indígenas de diversas etnias”. Em relação à categoria em que obra foi catalogada e temas/tags, as informações foram encontradas na livraria Maracá. Sobre o catálogo da editora e Livraria Pachamama, as obras *Pachamama: a poesia é a alma de quem escreve* e *Taynôh: o menino que tinha cem anos* fazem parte de um kit da própria editora. A primeira obra consta na categoria “Poesia e Literatura indígena”, e a segunda, na categoria “Literatura Indígena”.

No catálogo, não há informações sobre os gêneros literários e temas/tags, entretanto, ao entrar em contato com a editora, via e-mail e WhatsApp, a própria escritora das obras e idealizadora da editora e Livraria Pachamama informou que a obra *Pachamama: A poesia é a alma de quem escreve* trata de “poesias para Mãe Terra”. Com relação à obra *Taynôh: o menino que tinha cem anos*, informou que é o primeiro livro indígena multilíngue e que também faz referência à “Mãe Terra”, sendo um conto. Ainda sobre a obra “Taynôh”, a mesma consta no catálogo da livraria Maracá, em que foi possível encontrar as informações referentes às tags e à categoria em que está catalogada (“Ficção”, “Mulheres”).

No catálogo da editora Callis, na página inicial, é possível encontrar todas as categorias em que as obras são catalogadas: temas; gênero literário; idade; nível; coleção; prêmios. Portanto, as informações referentes à obra analisada, sobre gênero literário e temas, já estavam dentro de suas respectivas categorias. Em relação à categoria em que a obra foi catalogada, esta está localizada na categoria “Nível”. Já no catálogo da Uk’a editorial, não há informações a respeito da categoria em que as obras foram catalogadas, gêneros literários e temas/tags. Algumas informações das obras, sobre categoria e tags, constam no catálogo da livraria Maracá. Com relação ao gênero literário da obra *Coração na Aldeia, pés no mundo*, este foi encontrado

⁴⁴ Dados da obra: *Nós: Uma antologia da literatura indígena*. Disponível em: <https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/8-autores-de-origem-indigena-para-ler-com-as-criancas>. Acesso em: 06 jan. 2023.

por meio de buscas na página do próprio Google⁴⁵. Com relação ao gênero literário da obra *O olho bom do menino*, é possível identificá-lo pelo conteúdo da sinopse.

Quadro 9 - Dados referentes à catalogação das obras de autoria indígena nas editoras/livrarias da região Norte

Título da obra	Editora/Obra catalogada	Categoria	Gênero Literário	Temas e/ou Tags
Canumã – A travessia	Valer	(Ficção) Literatura Indígena	Gênero narrativo	Canumã, travessia, romance, Munduruku, Ytanajé Coelho Cardoso, Borba, Amazonas.

Fonte: A autora (2022)

Observamos que, no catálogo da editora Valer, a obra está na categoria “Indígena”, e na livraria Maracá, a obra está catalogada na categoria “Ficção”. Com relação ao gênero literário da obra e temas/tags, os mesmos não foram encontrados na editora de publicação da obra, mas foram encontrados na livraria. Acerca do gênero literário, encontramos a seguinte informação na própria sinopse da obra *O livro Canumã: a travessia, romance escrito por um indígena Munduruku*.

Quadro 10 - Dados referentes à catalogação das obras de autoria indígena nas editoras/livrarias da região Sul

Título da obra	Editora/Obra catalogada	Categoria	Gênero Literário	Temas e/ou Tags
Foi vovó que disse	Edelbra	(Ficção) Literatura Infantil	Gênero narrativo (conto)	Cultura indígena/Mundo natural e social, Diversidade, Sustentabilidade.

Fonte: A autora (2022)

No catálogo da editora Edelbra, foi possível analisar todas as informações referentes à categoria, gênero literário e temas/tags em que a obra foi catalogada, não havendo a necessidade de realizar buscas em outras editoras/livrarias. No entanto, percebemos, na análise dos

⁴⁵ Dados da obra: *Coração na aldeia, pés no mundo*. Disponível em: https://www.google.com/search?q=Cora%C3%A7%C3%A3o+na+Aldeia%2C+p%C3%A9s+no+mundo&sxsrf=ALiCzsatVwovNEYC9LR_l69111OxISSAhA%3A1672967602963&ei=snW3Y8CyOujc1sQP8-s6A4&ved=0ahUKEwjA08f94bH8AhVorpUCHbMnCOQ4dUDCA8&uact=5&oq=Cora%C3%A7%C3%A3o+na+Aldeia%2C+p%C3%A9s+no+mundo&gs_lcp=Cgxnd3Mtd2l6LXNlcnAQAzIFCC4QgAQyBQgAEIAEMgUIABCABDIFCAAQgAQ6BwgjEOoCECdKBahBGABKBAhGGABQAFiQG2CII2gBcAF4AIABlwGIAZcBkgEDMC4xmAEAoAEB0AECsAEKwAEB&scient=gws-wiz-serp. Acesso em: 06 jan. 2023.

catálogos on-line das editoras, uma insuficiência de informações referentes às obras. O catálogo da livraria Maracá foi um dos únicos que traziam uma quantidade maior de informações sobre as obras.

Na sequência, apresentamos algumas considerações acerca dos resultados obtidos referentes aos dados qualitativos e aos quantitativos.

3.5 Considerações acerca das análises realizadas nos catálogos das editoras

Ao analisar os catálogos das principais editoras comerciais brasileiras por regiões, em busca de obras de autoria indígena de gênero ficcional, entre os anos de 2015 a 2020, observou-se que são poucas as editoras que publicaram e comercializaram obras escritas por autores indígenas nos anos pesquisados, quando focamos no quantitativo de editoras que publicaram obras escritas por autores não indígenas. Além disso, há inúmeras editoras que publicaram ou comercializaram obras com temáticas indígenas e/ou que tratam de questões indígenas. Nota-se uma discrepância entre o crescimento da literatura produzida por não indígenas e a literatura de autoria indígena, no mercado editorial brasileiro, quando se trata de comercialização de ambas as literaturas.

Assim, consideramos que foram poucas as obras obtidas para este estudo, mas a análise revelou muitos nomes de editoras que publicaram livros de autoria indígena de gênero ficcional e não ficcional, em anos anteriores ou posteriores ao período pesquisado. Em relação aos instrumentos categoria, ano de publicação da obra, gênero literário (ficção), sinopse e temas/tags, informa-se que foram utilizados para a etapa de análise dos catálogos e discussões apenas os instrumentos “categoria, ano de publicação da obra e gênero de ficção”. Os demais instrumentos “sinopse e temas/tags” compõem a última etapa da pesquisa, tendo apenas o instrumento “gênero literário de ficção” em ambas as etapas.

No instrumento categoria, procurou-se analisar as obras nas seguintes áreas e subcategorias dessas áreas: Literatura, Artes, Letras e Linguística, Linguagem e Literatura, Artes, Teatro, Literatura Infantil, Literatura Infantojuvenil, Conto, Ficção, Prosa Literária, Crônicas, Folclore, Literatura indígena, Memórias e Biografias, Lendas, Poesia, Infantil, Linguística, Gramática, Língua indígena, Suspense, Horror e ficção Científica, Romance, Fantasia, Mitos, Suspense e Memórias, Ficção Nacional, Aventura, Humanidades, Livro Didático do ensino médio e Livro Didático do ensino fundamental.

Tais categorias não apareceram em todos os catálogos das editoras analisadas e, ainda, constam entre as editoras os catálogos analisados que não fazem uso desse tipo de instrumento, dificultando o processo de análise das obras, porque, nesses casos, precisamos visualizar obra por obra. A partir da visualização das obras, de forma criteriosa em cada categoria, foi possível a identificação de obras de autoria indígena no período pesquisado e em anos anteriores e posteriores.

Consideramos, para esta etapa, as obras com temáticas indígenas de autores não indígenas, pois acreditamos que proporcionará ao leitor a visão de expansão dessas obras no mercado editorial sobre autoria indígena. Ainda, nessas obras, procuramos analisar os dados referentes aos instrumentos, como ano de publicação, gênero literário (ficção), sinopse e tags. Algumas situações específicas foram necessárias para a realização de uma análise mais aprofundada, notadamente nos catálogos em que as informações contidas eram escassas, no caso, sobre ano de publicação da obra e gênero literário. Podemos considerar as informações nas sinopses e tags como fatores importantes para definição de gênero de ficção dessas obras, bem como o povo/etnia dos autores indígenas.

Nas análises das obras, em que as editoras não haviam organizado o catálogo pelo instrumento “categoria”, em diversas obras, não havia o nome do autor, sendo necessário realizar a inferência pelo título, pressuposto usado para concretizar esta observação. Outra questão que ocorreu durante a análise, sendo necessário recorrer ao site do Google em busca de informações, foi a falta de uso das alcunhas por parte dos autores indígenas nas obras. Assim como as buscas feitas por obras comercializadas por outras editoras com datas de publicações diferentes, havendo, neste caso, em especial, a obra *Yari Puiro Ki'ti: a origem da constelação da Garça*, publicada pela editora Valer da região Norte. Esta obra foi comercializada pela livraria Maracá, com data de publicação de 2016, e pela Amazon, em 2011.

Portanto, fez-se necessário o contato com a editora para nos certificarmos sobre a data de publicação da obra. Em resposta, a editora informou que a publicação da obra é de 2011 e que, provavelmente, o ano de 2016 refere-se à postagem da obra no site das livrarias.

Diante deste fato, prezando pela validade e confiabilidade da análise reproduzida, bem como pela prática assumida pela pesquisadora, como verdadeira autora de suas interpretações, fez-se novo contato com as editoras. Neste caso, naquelas em que constavam obras de autoria indígena dentro do período pesquisado. O contato ocorreu via e-mail e Facebook/Messenger, no período entre 29 de outubro a 10 de novembro de 2022. Dentre as 22 (vinte e duas) editoras contatadas, obteve-se retorno apenas destas: Companhia das letras; Caos & Letras; Uk'a

Editorial; Kazuá; UFGD; Panda Books; Elefante; melhoramentos, Valer, FTD e Biruta, que confirmaram as datas de publicações das obras, visto que a editora Uk'a Editorial/Instituto Uka - Casa dos Saberes Ancestrais enviou o link da Wikilivros - Bibliografia das publicações indígenas do Brasil, e a editora FTD apontou o site do PNL D para busca destes dados relacionados às obras de autoria indígena. A editora FTD ainda informou que as coleções do programa PNL D, referente à aquisição e distribuição do material, tanto na versão do aluno como na versão do mestre, são ações exclusivas do MEC. Exatamente como a editora UFGD, ao confirmar as datas das publicações das obras e ao informar que as publicações tratam do Projeto Saberes Indígenas, disponibilizando o link do catálogo.

Dessa forma, 11 (onze) editoras, no total, não deram retorno sobre as datas de publicações. Neste sentido, os dados referentes aos anos de publicações destas obras foram confirmados por meio do link da Wikilivros - Bibliografia das publicações indígenas do Brasil, havendo apenas 3 (três) obras sem confirmação, pelo fato de não constarem no acervo da Wikilivros. São elas: *Redondeza*; *A origem dos filhos do estrondo do trovão - Uma história do povo Tariana e Txopai* e *Itôhã*.

A título de informação, não encontramos a data de publicação da obra *A origem dos filhos do estrondo do trovão – Uma história do povo Tariana*, publicada pela editora Callis, bem como da obra *Redondeza*, publicada pela editora Criadeira Livros, ambas do autor Daniel Munduruku. Os anos de publicações foram encontrados nas livrarias on-line Amazon, Maracá e na folha de São Paulo do dia 04/05/2022. No que diz respeito à obra *Txopai e Itôhã*, do autor Kanátýo Pataxó, publicada pela editora Formato, o ano de publicação foi encontrado na livraria on-line Amazon, referente à 2ª edição, e no portal Coletivo leitor. Além das informações relacionadas às três obras citadas, constatou-se, na busca realizada pelo link da Wikilivros, que há obras com anos de publicações distintos em relação aos anos de publicações que apareceram nas editoras e livraria.

Sobre a obra *Kawrê Guiry'bo - nossas lembranças especiais*, do autor Yaguarê Yamã, as publicações são referentes aos anos de 2018 e 2019. A obra com a data de publicação em 2018 pode ser encontrada na Bibliografia das publicações indígenas do Brasil, enquanto a obra publicada em 2019 está na própria editora Kazuá. Apesar de ambas as publicações das obras pertencerem à editora Kazuá, não encontramos informações sobre as edições. As obras *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade* (2018) e *Saberes da Floresta* (2020), da autora Márcia Kambeba, constam como publicadas pelas editoras Jandaíra e Pólen, tendo em vista que os anos

de publicações são os mesmos em ambas as editoras. As informações correspondentes às obras podem ser encontradas na Wikilivros e na própria editora Jandaíra.

Diante disso, consideramos que a análise do catálogo da livraria Maracá, que é especializada em Literatura indígena no Brasil, foi significativa, pois encontramos uma diversidade de obras comercializadas. E, apesar de não publicar nenhum tipo de obra, o catálogo é bastante completo em relação às informações das obras. Portanto, a análise realizada na livraria foi uma forma de confirmar as obras de autoria indígena publicadas pelas editoras já citadas na pesquisa.

Para tanto, o recorte referente ao mapeamento realizado nas editoras do Tocantins norteia-se a partir de uma discussão de caráter plurimetodológico, pela utilização da abordagem qualitativa enquanto foco do estudo, bem como por elementos de análise quantitativa, como frequência e descrições de sujeito nas análises. Essa opção deu-se em razão de que não foi intenção descrever apenas os dados identificados, mas analisá-los a fim de entender e explicitar o objeto de pesquisa. Desse modo, será possível compreender como os escritores indígenas produzem suas obras literárias. O método científico utilizado foi o método fenomenológico, visto que se buscou por descrições diretas e correlacionais de fatos ou fenômenos. Também, com base nos dados e nas análises, bem como no respeito à frequência com que o fenômeno ocorre e sua relação, sua natureza e outras características.

Os instrumentos de pesquisa foram coletados por meio de procedimentos metodológicos adotados de acordo com as seguintes etapas:

1. Pesquisa bibliográfica: busca na literatura por estudos que permitam familiarizar-se com o tema a ser investigado e apontar de forma analítica os avanços da literatura genuinamente indígena no Brasil;
2. Pesquisa documental e levantamento nas editoras: consulta às editoras brasileiras, com vistas a apontar possíveis publicações e acervos de obras literárias indígenas, publicadas entre o período de 2015 a 2020, para fins de catalogação. A consulta foi feita via e-mail e enviada somente para aquelas que dispunham do endereço eletrônico; por telefone e/ou WhatsApp, para as demais editoras e possíveis editoras, ou seja, aquelas que apareceram em buscas on-line (Google) como editoras, no decorrer da pesquisa. Tal busca ocorreu entre os meses de novembro/2021 até início de janeiro de 2022;

3. Identificação de escritores indígenas que publicaram no período de 2015-2020 resultantes da catalogação, para quantificação de quantos e quais são, sua etnia e região a que pertencem;
4. Verificação e análise, dentre as obras literárias indígenas catalogadas, em editoras, de quais são os gêneros literários em que são catalogadas e os temas mais recorrentes.

Após a consulta às academias, ficou definido que a busca on-line (Google) sobre as editoras seria dividida em duas etapas: 1- Editoras; 2- Possíveis editoras (todas as empresas que apareceram na busca on-line com o nome de editora). Ao iniciar as consultas, não foram elencados critérios para saber qual cidade viria primeiro, pois a intenção era buscar por editoras no estado do Tocantins. Entretanto, nessa primeira busca, apareceram as seguintes editoras: Editora Eduft/Palmas; Nagô Editora/Porto Nacional e Editora Veloso/Gurupi.

Desse modo, foi possível constatar que, das editoras citadas pela Academia Palmense, apenas a editora Veloso pertence ao setor editorial tocantinense, enquanto a editora Kelps pertence ao estado de Goiás. O contato de tais editoras estava disponível de forma on-line com endereço eletrônico (e-mails) e telefones, no mês de novembro de 2021, como já mencionado. A consulta foi feita via e-mail, assim, foram enviadas questões para todas as editoras pesquisadas, com os seguintes dados: a identificação da pesquisadora e orientadora, dados da universidade, tema de pesquisa, intencionalidade da catalogação e, no máximo, três perguntas sobre a publicação de obras indígenas.

Em razão de não obter nenhum tipo de retorno das editoras, foi necessário fazer contato por ligação aos telefones que constavam no Google site para confirmação de seus e-mails. Após contato telefônico, foi enviado e-mail apenas para as seguintes editoras: Editora Eduft e Nagô Editora, já para a editora Veloso, o contato deu-se via Whatsapp. Teve-se positivamente retorno imediato da Eduft, em seguida, da editora Veloso. Sobre a Nagô Editora, o e-mail informado estava com problemas.

Novamente, houve contato telefônico para editora (Nagô), na oportunidade, informaram um novo endereço de e-mail. Após contato (via e-mail), recebeu-se o retorno por parte da editora. Em resposta, a editora Eduft informou que não tinha dados de forma sistematizada de publicações de obras literárias indígenas. Informaram que a maioria de suas publicações estava no site da editora, mas que este estava em atualização. Ainda, que as edições mais recentes poderiam ser encontradas pelo link (este foi disponibilizado por e-mail) e que o único catálogo que estava à disposição era o de 2016.

No referido catálogo, as obras estavam organizadas por áreas, como constam em sumário, a saber, Engenharias, Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas e da Saúde; Ciências Humanas, Letras e Artes; Ciências Sociais Aplicadas; Interdisciplinar e Literatura. Em análise ao catálogo, a opção foi verificar as áreas correspondentes à temática da pesquisa, ou seja, as áreas de Ciências Humanas, Letras e Artes e Literatura. Na primeira área, não encontramos nenhuma obra literária referente à Literatura indígena ou que tenha sido escrita por autores indígenas e/ou não indígenas.

Já na segunda área, há uma coleção de literatura Tocantinense que “reúne publicações de autores regionais, que aborda, em diferentes estilos Literários, aspectos da cultura, das paisagens e do cotidiano das pessoas que nasceram no Tocantins ou escolheram o Tocantins para viver” (Catálogo/UFT, 2016, p.57).

Assim, entre as obras e autores citados, nenhum corresponde a autores/obras indígenas. No link enviado por e-mail pela editora, não consta nenhuma obra literária escrita por autores indígenas. No caso, aparecem duas obras que fazem menção aos indígenas, ambas são escritas pelo mesmo autor, um não indígena. No que diz respeito à editora Veloso, informaram que em seu quadro não havia nenhum escritor indígena. Já a Nagô Editora, em resposta, informou que tanto ela como seus selos associados teriam satisfação em lançar autores indígenas, todavia, isso ainda não havia ocorrido. Ainda, que as obras lançadas referem-se “a livros acadêmicos como resultados de pesquisas ou extensão nos quais estavam incluídos artigos de indígenas”.

Na segunda etapa, sobre as consultas às possíveis editoras, organizou-se a verificação de forma sistemática com objetivo de alcançar melhor resultado. Dentre as cidades consideradas centrais, iniciamos as consultas pela seguinte ordem: Palmas; Porto Nacional; Gurupi e Araguaína. Das quatro cidades em que houve a busca on-line pelas editoras, tem-se o seguinte resultado:

1. Possíveis editoras:

Palmas - Editora FTD; Editora Pini; Editora Cultura; O jornal - Editoras e Representantes; Imprensa e mídia - Editoras e representantes; WR Gráfica e Editora; Gráfica e editora Primavera; CEAG - Desenvolvimento de Talentos e Editora LTDA Palmas.

Gurupi - Gráfica e Editora Cometa; Livraria e Editora Cultura Goiana; RHS Editora e Produções; Célere Editora e Livraria.

Araguaína - Editora Ma de Lima Jornal; Marinho Editora; Gráfica e Editora Dona Rita.

2. Aparecem como possíveis editoras:

Palmas - Cerrado Comunicação e mídia.

Araguaína - Paulo Félix de Araújo; Nilo Nunes Garcia; IQUES.

As consultas foram realizadas por telefone e/ou via WhatsApp. Em Palmas, o contato foi feito por telefone com as possíveis editoras: editora FTD e WR Gráfica; e via WhatsApp com a editora Cultura. As duas possíveis editoras informaram que fazem apenas impressão de livros, enquanto a editora Cultura, em resposta, informou que há uma publicação em andamento de autoria indígena, de um autor da etnia Xerente, que vive atualmente na cidade de Tocantínia-TO. A editora comprometeu-se a dar informações sobre tal publicação, mas não retornou, dessa forma, não sabemos se a publicação é literária ou científica. Na cidade de Gurupi, das consultas realizadas por telefone, o contato deu-se apenas com a possível editora Gráfica e Editora Cometa, que prestou informação de que trabalha apenas com impressão.

Também, tentou-se contato com a Célere Editora e Livraria, via WhatsApp, mas não tivemos nenhuma resposta. Acerca da cidade de Araguaína, o contato deu-se com a Marinho Editora, via WhatsApp, e esta informou que trabalha com publicações/obras literárias e outras atividades na área publicitária, entretanto, não especificou que tipo de obras literárias publicam (gênero literário) ou se nessas publicações há alguma obra escrita por autor indígena. Ao ser indagado sobre as possibilidades de publicações de escritores indígenas, o responsável pela editora não respondeu.

De acordo com os dados recolhidos por meio do levantamento/consulta junto às editoras e possíveis editoras, compreendido entre os meses de novembro e dezembro de 2021 a início de janeiro de 2022, percebeu-se que há poucas editoras no estado do Tocantins, somando 5 (cinco) no total. Desse modo, foi possível observar que nenhuma das editoras citadas publicam ou já publicaram obras indígenas escritas por autores indígenas, sejam elas literárias e/ou outro tipo de narrativa.

Nas consultas realizadas entre as editoras, observamos que apenas a editora Eduft demonstrou preocupação em disponibilizar o acervo/edições de obras literárias (link/catálogo) para análise. No entanto, como já se sabe, as demais editoras trabalham com publicações de cunho literário e, provavelmente, dispõem de acervo/catálogo. Mesmo assim, não disponibilizaram para análise, impossibilitando a verificação de dados mais concretos. Para

melhor compreensão, os dados⁴⁶ examinados por meio das consultas serão descritos no Quadro 12.

⁴⁶ Os dados referentes às editoras pesquisadas no estado do Tocantins constam nos dados quantitativos da região Norte, neste caso, as possíveis editoras que aparecem no recorte da pesquisa em questão estão presentes no estudo apenas como amostragem.

Quadro 11 - Levantamento junto às editoras tocantinenses para apontar possíveis publicações e acervos de obras literárias indígenas publicadas entre o período de 2015 a 2020

Editoras Tocantinenses	
Publicam Literatura indígena	Não publicam Literatura indígena
	Eduft
	Nagô
	Veloso
	Marinho
Obra indígena em andamento/sem informação da obra	
Cultura	
Possíveis Editoras Tocantinenses	
Publicam Literatura	Não publicam nenhum tipo de Literatura
	Editora FTD
	WR Gráfica e Editora
	Gráfica e Editora Cometa
Aparecem como possíveis Editoras Tocantinenses/Contato não realizado	
Paulo Félix de Araújo	
Cerrado Comunicação e Mídia	
IQUES	
Nilo Nunes Garcia	

Fonte: A autora (2022)

Diante desses resultados, constatamos que há poucas editoras no estado do Tocantins e que estas não publicam obras literárias indígenas e escritas por autores indígenas. Ressalta-se que, dentre as editoras consultadas, apenas a editora Cultura dispõe de 01 (uma) publicação em andamento. Tal publicação pertence a um escritor indígena do povo Xerente, como já mencionado neste trabalho. Sendo assim, os objetivos 3 e 4 da pesquisa não foram observáveis, em razão da inexistência de uma literatura genuinamente indígena, no mercado editorial, no Tocantins, sendo este público ou privado.

Com base na pesquisa realizada, o que se percebe é a falta de fomento da cultura no Estado, tendo como fator preponderante a desarticulação entre representantes de organizações da sociedade civil e profissionais que atuam na cadeia produtiva editorial. Diz-se isso porque é necessário contribuir para desvelamento das possíveis obras de autoria indígena, produzidas pelos indígenas do Estado, permitindo, assim, que estas tenham visibilidade tanto quanto as obras dos escritores não indígenas, nas editoras comerciais do Tocantins, públicas e privadas, bem como espaços públicos (escolas, universidades e centros culturais).

Após resultados e discussões que circundam o mercado editorial do estado do Tocantins, entraram no quantitativo geral de editoras brasileiras as 6 (seis) editoras tocantinenses, já mencionadas, e mais 5 (cinco) editoras que não constavam nas principais editoras por regiões,

são elas: Sesc; Criadeira Livros; Expressão popular (São Paulo), Caos & Letras (Belo Horizonte) e Pinaúma (Bahia)⁴⁷, totalizando 165 (cento e sessenta e cinco) editoras analisadas.

Sobre as regiões que publicaram obras de autoria indígena de ficção, no período de 2015 a 2020, temos os seguintes resultados:

- a) Das 25 (vinte e cinco) editoras da região Norte, constam 21 (vinte e uma) obras na análise, com 1 (uma) obra de autoria indígena de ficção, publicada no período de 2015 a 2020;
- b) Das 11 (onze) editoras da região Nordeste, consta 1 (uma) obra e outras referências de obras com temáticas indígenas nas análises;
- c) Das 11 (onze) editoras da região Centro-Oeste, constam 30 (trinta) obras na análise, com 11 (onze) obras de autoria indígena publicada no período de 2015 a 2020;
- d) Das 14 (quatorze) editoras da região Sul, constam 8 (oito) obras e outras referências de temáticas indígenas nas análises, com 1 (uma) obra de autoria indígena de ficção publicada no período de 2015 a 2020;
- e) Das 104 (cento e quatro) editoras da região Sudeste, constam 290 (duzentas e noventa) obras na análise, com 29 (vinte e nove) obras de autoria indígena publicadas no período de 2015 a 2020.

As análises resultaram um total de 42 (quarenta e duas) obras de autoria indígena, publicadas no período de 2015 a 2020, sendo 29 (vinte e nove) obras individuais e 13 (treze) obras coletivas, tendo em vista que há 1 (uma) obra dentre as coletivas, que mescla entre escritores indígenas e indigenistas. Conforme esta análise, percebe-se que temos um número reduzido de escritores indígenas que publicaram obras de gênero de ficção no período pesquisado.

Após esses resultados, identificamos os escritores indígenas com base na catalogação de tais obras. Assim, tivemos ao todo 26 (vinte e seis) escritores, sendo que a região Norte apresentou 58%; Nordeste, 8%; Centro-oeste, 8%; Sudeste, 19%; e região Sul, 8% destes com foco na região. Conforme tais quantitativos, percebe-se que há uma predominância maior desses escritores na região Norte, além dos dados demonstrarem que há uma quantidade maior de escritores do gênero masculino em relação ao gênero feminino, constando 58% de escritores e 42% de escritoras.

⁴⁷ As editoras citadas entraram a partir da análise nos catálogos das editoras em razão de suas obras serem comercializadas nas editoras que apareceram na primeira etapa da verificação.

Em relação aos povos indígenas, neste caso, como lugar de origem desses escritores, constam na pesquisa 22 (vinte) povos. Destes povos, 4 (quatro) com percentual de 7%, enquanto 17 (dezesete) povos alcançaram apenas 4% e 1 (um) povo com apenas 11%. Esse percentual apresenta de maneira expressiva que não há uma variação entre esses povos, visto que os povos que estão publicando tais obras se encontram praticamente em uma mesma frequência quantitativa. Trouxemos de forma breve um panorama dos povos indígenas em todo o Brasil, por meio do censo demográfico de 2010, com o intuito de mostrar como se encontram estes povos atualmente. Com relação a esta amostragem, o censo traz cerca de 896.917, no entanto, apenas 817.963 se declaram indígenas. Isso ocorre porque algumas pessoas que não se declararam indígenas vivem em terras indígenas.

Sobre outros dados referentes ao censo 2010, a pesquisa revela o quantitativo de povos que se encontra na zona rural e na zona urbana, os que se declaram ou não indígenas e se estão ou não em terras indígenas, apontando qual a região e o estado tem o maior número de povos indígenas. De acordo com estas informações, nota-se que ainda há uma variação desses povos muito grande no país, tendo em vista que podem existir outros povos publicando nas editoras brasileiras, além dos povos apresentados nesta pesquisa.

Acerca da análise de gêneros literários e temas mais recorrentes, nos catálogos das editoras, verificou-se que os gêneros literários em que as obras são catalogadas, em sua maioria, abarcam o gênero narrativo e poético. Quanto às análises dos temas, as obras não apresentam em suas fichas técnicas tal informação. Assim, constatamos que as editoras que publicaram e/ou comercializaram estas obras optaram pelas tags ao catalogá-las, e em apenas 4 (três) destas obras não constam temas e/ou tags nos quadros. No entanto, observa-se que, nos catálogos online, não há informações, havendo a necessidade, portanto, de buscas em outras fontes.

Diante desses resultados, verificou-se que a existência de obras indígenas, mesmo sendo poucas, no período pesquisado, existem escritores produzindo e publicando nessas editoras, mas deduz-se que ainda é preciso uma articulação dos escritores indígenas com as editoras ou das próprias editoras no sentido de abrir espaço para esses escritores no mercado editorial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor o mapeamento de escritores indígenas nas editoras comerciais do Brasil, com o olhar para obras literárias de ficção, de autoria indígena, sabíamos que seria uma tarefa árdua pela possível escassez dessas obras nos catálogos das editoras, bem como pelo percurso que decidimos percorrer. Neste caso, refere-se a editoras on-line e não em editoras físicas. No entanto, aceitamos o desafio sabendo que o processo investigativo deste estudo dependeria da parceria direta das editoras e da única livraria contida na pesquisa. Ainda, de forma indireta, as buscas em sites que proporcionassem informações que pudessem levar a resultados positivos ou não em relação ao fenômeno a ser desvelado, ou seja, os escritores indígenas e suas produções literárias.

Desse modo, a pesquisa buscou revelar os escritores indígenas a partir da verificação das principais editoras brasileiras por região e das análises realizadas em três momentos. No caso, o primeiro, que abarca a análise nos catálogos para a catalogação de obras de autoria indígena, publicadas entre os anos de 2015 a 2020; o segundo, por meio identificação e quantidade dos escritores indígenas; e terceiro e último momento, a análise de obras de autoria indígena que correspondem ao período pesquisado, encontradas no primeiro momento de análise nos catálogos para buscas dos gêneros literários e temas recorrentes destas obras.

Acredita-se que, por meio dessas etapas, os resultados contribuíram para o reconhecimento e a valorização da cultura indígena, ao se pensar na construção identitária de formação cultural da sociedade brasileira, dos escritores indígenas que lutam para dar voz à sua própria história e do crescimento de suas textualidades nos espaços de consumo de literatura. Escritas estas que trazem técnicas peculiares de cada povo e do hibridismo intercultural entre estes povos, indígenas e não indígenas, além da compreensão de pertencimento, memória e resistência.

Assim, nesse período (2015-2020), tem-se o problema da pesquisa a partir das questões: há literatura produzida por indígenas? Quem são esses escritores indígenas? Quais são suas origens étnicas e regiões de origem? Em quais gêneros literários essas obras são catalogadas pelas editoras? Quais são os temas mais recorrentes?

Desta forma, acabamos por delinear alguns contornos importantes que nos permitiram responder a essas questões iniciais. No primeiro contorno, realizou-se a verificação das principais editoras em todo o Brasil, com intuito de examinar junto às editoras as obras literárias

de autoria indígena, publicadas entre o período de 2015 a 2020. Nessa catalogação, tivemos o total de 160 (cento e sessenta) editoras tidas como principais entre as regiões brasileiras, sendo a região Sudeste com maior quantitativo em comparação às demais regiões. Sabe-se que tais editoras não são as únicas que fazem parte do mercado editorial brasileiro, tendo em vista que há uma diversidade de editoras no país. No entanto, sabe-se que muitas não participaram do estudo, portanto compreende-se o risco de que algumas dessas editoras tenham obras literárias de autoria indígena publicadas no período pesquisado. Assim, temos a consciência de que não seria possível abarcar tamanha dimensão do mercado editorial do Brasil, quando pensamos em resultados fidedignos.

A consulta junto às editoras não proporcionou plenamente o alcance de nosso objetivo nesta fase inicial da pesquisa, que era o de verificar as obras literárias de autoria indígena de forma direta nas editoras. Isso ocorreu em virtude de ter havido pouco retorno por parte das editoras, ressaltando-se que apenas a região Sudeste propiciou um retorno significativo. Por meio de tais retornos, incluindo todas as regiões brasileiras, percebeu-se que algumas editoras possuíam obras de autoria indígena em seus acervos no período de 2015-2020; outras editoras não tiveram obras de autoria indígena em seus acervos no período de 2015-2020; algumas editoras nunca publicaram obras de autoria indígena; outras editoras publicaram obras em anos anteriores ou posteriores aos anos pesquisados e, ainda, as editoras que não trabalham com escritores indígenas. Desse modo, pode-se perceber, inicialmente, a possível escassez das obras de autoria indígena nessas editoras, mostrando que ainda havia um longo caminho a ser percorrido.

No segundo contorno, as análises com base nos dados coletados por meio dos catálogos das editoras, as quais foram apresentadas em quadros por região, revelam que não há escritores indígenas publicando obras literárias em todas as regiões brasileiras no período pesquisado. Ainda, que a região com maior número de editoras privadas interessadas pela Literatura indígena é a região Sudeste. O alto índice de publicações acaba por indicar que a questão mercadológica nessa região é mais forte, seguida da região Centro-Oeste, que, apesar de abarcar um número menor de editoras, a maioria de suas publicações pertence a uma editora pública, a editora da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD. Dentro desse comparativo, observamos que as regiões Norte, Nordeste e Sul contam com poucas editoras, também. Os dados ainda revelaram uma ineficiência presente no mercado editorial sobre obras de autoria indígena, demonstrando um descaso no fomento de publicações e comercialização dessas obras literárias produzidas por estes escritores.

Além disso, um outro motivo importante revelado por tais dados foi a diferença mercadológica entre as editoras de cada região. Em outros termos, as regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste, onde vivem muitos povos indígenas são as regiões com menor predominância mercadológica editorial da Literatura indígena. A região Sudeste, apesar de demonstrar interesse em Literatura indígena, não possui predominância de povos indígenas. Já no caso da região Sul, esta também não possui predominância de povos indígenas (LEITE, 2019).

O terceiro contorno diz respeito à identidade dos escritores indígenas que tiveram suas obras literárias publicadas nas editoras brasileiras no período pesquisado, resultantes da catalogação nos quadros por região. Quando pensamos na quantidade de escritores de origem indígena, os dados mostram que, no período de 2015 - 2020, houve um número razoável de escritores que estiveram produzindo e publicando nessas editoras brasileiras. Foi possível identificar, dentre as regiões, que, na região Norte, há mais escritores, sendo que a maioria concentra-se no estado do Amazonas. Já as regiões com menor quantidade foram Nordeste, Centro-Oeste e Sul, e a região Sudeste apresentou um número significativo em relação às demais regiões.

Importante, também, mencionar que os quadros por regiões trouxeram uma noção de quem são os povos indígenas que tiveram suas obras publicadas. Além disso, que há uma variação étnica entre estes escritores, visto que se tentou de forma breve situar o leitor sobre quem são estes povos e suas regiões de origem. Neste contexto, os dados apontam o quantitativo representacional desses povos por meio do censo demográfico 2010, assim como a quantidade de povos, tanto em relação aos que se encontram na zona rural quanto aos que estão na zona urbana e as regiões de maior de população. Esses dados evidenciam um crescimento destes povos no país, diferentemente do que se pode observar nos censos anteriores.

Com base nesses dados, acredita-se na possibilidade de que há muitos escritores indígenas produzindo literatura em todo território nacional. No entanto, eles ainda são poucos conhecidos. Foram encontrados os gêneros literários das 42 (quarenta e duas) obras e temas/tags de 38 (trinta e oito) obras, sendo possível observar uma tendência literária voltada mais para os gêneros narrativo e poético. No interstício de tempo estudado, encontramos apenas 01 (uma) obra dramática. No que tange aos temas/tags das obras, estes estão relacionados à cultura indígena, à identidade indígena, ao meio ambiente, aos povos indígenas e à pluralidade cultural.

Ainda, as obras analisadas revelaram que na maioria dos catálogos on-line não havia informações sobre o gênero literário e sobre os temas. Portanto, houve a necessidade de recorrer a outras fontes e à própria editora. Sobre as fontes, identificamos os gêneros literários de

algumas obras e temas; já em relação às editoras de publicação da obra, foram poucas que deram retorno positivo; quanto às obras em que não identificamos os gêneros literários e temas, estas permaneceram na pesquisa, visto que são consideradas como gênero de ficção infantil. Sendo assim, não descaracterizam a proposta deste estudo.

Desse modo, entendemos que a pesquisa atingiu seus objetivos tanto geral quanto específicos, pois o estudo apontou pontos positivos, visto que os objetivos integravam análise dos catálogos das editoras brasileiras, para identificação de obras literárias produzidas e publicadas por escritores indígenas, entre os anos de 2015-2020; a identificação dos escritores indígenas que publicaram no período de 2015-2020 resultantes da catalogação, para quantificação de quantos e quais são suas etnias e regiões de origem. Ainda, a verificação e análise, dentre as obras literárias indígenas catalogadas, em editoras, dos gêneros literários em que são catalogadas tais obras, bem como os temas mais recorrentes. Assim, a partir das análises realizadas nos catálogos das editoras, o estudo demonstra a existência de obras literárias de ficção de autoria indígena compreendidas no período 2015-2020, mas em números reduzidos, se comparadas com a quantidade de obras de autoria indígena publicadas em anos anteriores e obras com temáticas indígenas.

Sobre os escritores indígenas resultantes da catalogação, identificamos os escritores que estão publicando no mercado editorial brasileiro nesses anos, os povos indígenas e suas regiões de origem, o que evidencia que houve um resultado significativo no estudo. Além disso, identificamos os gêneros literários que definem em qual categoria tais obras se encontram nos catálogos dessas editoras/livraria e os temas/tags mais recorrentes nessas textualidades analisadas. Assim, o mapeamento permite perceber que há várias editoras que demonstram interesse pela Literatura indígena contemporânea, no entanto, apenas a livraria Maracá e a editora e livraria Pachamama e Uk'a Editorial se dedicam na difusão desse tipo de literatura. A livraria Maracá é especializada em obras de autoria indígena no Brasil, trabalhando apenas com a comercialização dessas obras, enquanto a editora e livraria Pachamama tem como idealizadora Aline Rochedo Pachamama, que é uma das escritoras indígenas e suas obras compõem esta pesquisa; e UK'a editorial é coordenada pelo escritor indígena Daniel Munduruku, junto às ações do Instituto Uk'a – Casa dos Saberes Ancestrais, no caso dessas editoras, elas publicam e comercializam obras de autoria indígena.

Deduzimos, assim, que os dados também desvelam problemáticas acerca de uma política mercadológica por parte de algumas editoras comerciais privadas e públicas no Brasil. Em relação à difusão de literatura tida como excluída e marginalizada, dentro do campo literário

brasileiro, no caso específico do estudo, temos as textualidades dos escritores indígenas. Ainda há um pequeno grupo de editoras que fazem sua parte apostando na Literatura indígena.

Nesse sentido, é possível dizer que a hipótese desta dissertação está confirmada, quando, nos catálogos das editoras que fizeram parte da análise, há publicações de autoria indígena, sendo 42 (quarenta e duas) obras de gênero literário ficcional. Isso se atesta por meio dos dados de quem são os escritores indígenas que publicaram no período de 2015-2020. O estudo demonstra que o engajamento desses escritores que, cada vez mais, estão produzindo suas textualidades para serem publicadas, está acontecendo na sua maioria no eixo Sudeste. Nas demais regiões brasileiras, ainda não há uma crescente em relação à inserção dos escritores indígenas nas editoras no que diz respeito às publicações.

Também, assegurou que o conhecimento relacionado aos povos indígenas e às regiões de origem dos escritores indígenas não foi extraído dos sites dos órgãos federativos, Funai e IBGE. No entanto, compreende-se a importância dos dados encontrados nesses órgãos, pois isso permitiu contextualizar de forma abrangente, no caso, quem são e quantos são os povos indígenas no território nacional por meio do censo demográfico 2010.

Sendo assim, surge a necessidade de reflexões acerca da temática do estudo, tanto no campo cultural quanto educacional, pois sabemos que as editoras podem contribuir na difusão desse tipo de literatura, acreditando “nessa nova cultura literária” (LEITE, 2019, p.57), que, aos poucos, desprende-se da cultura erudita, possibilitando novas perspectivas para a Literatura brasileira contemporânea. Desse modo, julgamos que a pesquisa pode alargar as fronteiras que impedem o hibridismo cultural dentro da própria nação brasileira, possibilitando a conscientização de toda a sociedade brasileira para a diversidade étnica e cultural dos povos indígenas. Além disso, também como a valorização desses escritores indígenas enquanto representatividade no campo literário e o reconhecimento de suas textualidades pela forma peculiar utilizada por cada escritor.

No campo educacional, seria ideal que as escolas e universidades possibilitassem o acesso da literatura de autoria indígena em seus espaços, oportunizando aos professores, incluindo esta pesquisadora, que também é professora, que sejam propagadores do fazer literário, em específico das textualidades indígenas, em suas salas de aula. Esta pesquisa pode proporcionar a visibilidade dos escritores e de suas obras literárias a estes profissionais da educação, de forma que o trabalho com tais narrativas seja de resiliência e respeito. Também, para os programas de pós-graduação, por trazer novas perspectivas de pesquisas para os

acadêmicos que desejam aprofundar seus conhecimentos na literatura de autoria indígena, de gênero ficcional ou não ficcional, como mostrado nos resultados.

Com vistas a dar continuidade ao meu trabalho de pesquisadora, intenciono para o doutorado a temática voltada para a Literatura indígena. Acredito que o mapeamento de escritores indígenas nas editoras ainda deve ser mais investigado, pois há diversas descobertas que não pude aprofundar nesta pesquisa. Ainda, um trabalho desta natureza é primordial para que tais escritores indígenas e suas produções recebam a devida visibilidade nos espaços de consumo de literatura. Para tanto, os dados da pesquisa no que se refere a catalogação das obras literárias servirá de base para a construção futura do instrumento, cartilha.

Em síntese, com a finalização da pesquisa, o intuito é publicar o texto da dissertação e, ainda, publicar um artigo. Por fim, pretende-se promover formações em escolas da rede municipal da cidade Palmas e/ou em outros espaços públicos, ao se pensar no ambiente universitário e centros culturais para divulgar estes resultados. Sendo assim, a cartilha justifica-se pela possível inserção do material produzido nesses espaços públicos. O intuito é possibilitar ao público-alvo a notoriedade desses escritores indígenas na Literatura brasileira contemporânea.

REFERÊNCIAS

BAROSSO, Luana. (Po)éticas da escrevivência. *In*: Regina Dalcastagné, Berttoni Licarião, Patrícia Nakagone (org). **Literatura e resistência**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. População Indígena Brasileira. s/a. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9677&t=destaques>. Acesso em: 23 jan. 2023.

_____. LDB - **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. BRASIL. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf. Acesso em: 18 fev. 2023.

_____. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 10 jun. 2022.

BRITO, Tarsilla C. de; FILHO, Sinval M. de Sousa; CÂNDIDO, Gláucia V. O avesso do direito à literatura: por uma definição de Literatura indígena. **Estudos de Literatura brasileira contemporânea**, n.53, p. 177-197, Jan/Abr, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/v8Mq5p4P6j9vRKVMXJ5WjPC/?format=html>. Acesso em: 8 maio 2022.

BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. **Mimesis**, Bauru, v. 19, n. 1, 1998. Disponível em: http://secure.usc.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v19_n1_1998_art_01.pdf. Acesso em: 26 fev. 2022.

_____. Teoria e crítica pós-colonialistas. *In*: Thomas Bonnici e Lúcia Osana Zolin (org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 3. ed. 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/130603983/Bonnici-Thomas-Teoria-e-criticaposcolonialistas>. Acesso em: 5 fev. 2022.

CAGNETI, Sueli de S.; PAULI, Alcione. **Trilhas literárias indígenas para sala de aula**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na Literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, UNB, n. 31. jan.-jun. 2008, p. 87-110. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4846142.pdf>. Acesso em: 20 maio 2022.

_____. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Editora Horizonte, Vinhedo, 2012.

DANNER, Leno F.; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. Literatura indígena como descatequização da mente, crítica da cultura e reorientação do olhar: sobre a voz-práxis estético-política das minorias. *In*: DORRICO, Julie et al. (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea. Criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <http://www.editorafi.org/438indigena>. Acesso em: 5 jul. 2022.

DORRICO, Julie. Vozes da Literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária. *In*: DORRICO, Julie et al. (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea. Criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <http://www.editorafi.org/438indigena>. Acesso em: 5 jul. 2022.

FUNAI — FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Política Indigenista. Disponível em: www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/quem-sao. Acesso em: 23 jan. 2023.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In*: BRASIL. **Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03**. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.

GONZAGA, Álvaro de A. **Decolonialismo Indígena**. Leituras Críticas importam. São Paulo: Editora Matrioska, 2021.

GRAÚNA, Graça. Literatura indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto. **Educação & Linguagem**, v. 15, n. 25, 266-276, jan-jun, 2012, Disponível em: <https://www.metodista.br/.revistas/revistasmetodista/index.php/EL/article/viewFile/3357/3078>. Acesso em: 23 jun. 2022.

_____. **Contrapontos da Literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte, Mazza, 2013.

GUEDES, Vânia LS; BORSCHIVER, Suzana. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. **encontro nacional de ciência da informação**, v. 6, n. 1, p. 18, 2005. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=list_works&hl=pt-BR&hl=pt-BR&user=zS2LoMQAAAAJ. Acesso em: 18 abr. 2023.

HAKIY, Tiago. Literatura indígena - a voz da ancestralidade. *In*: DORRICO, Julie et al. (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea. Criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <http://www.editorafi.org/438indigena>. Acesso em: 5 jul. 2022.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. *In*: DORRICO, Julie et al. (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea. Criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <http://www.editorafi.org/438indigena>. Acesso em: 5 jul. 2022.

LEITE, Stella F. A Literatura indígena nas editoras comerciais brasileiras. **Viva Voz**, Fale/UFMG, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: https://labeled-letras-ufmg.com.br/wp-content/uploads/2021/08/A-literatura-indigena-nas-editoras-comerciais-brasileiras_pdfinterativo.pdf. Acesso em: 31 mar. 2022.

LIBRANDI, Marília. A carta Guarani Kaiowá e o direito a uma literatura com terra e das gentes. *In*: DALCASTAGNÉ, Regina; LICARIÃO, Berttoni, NAKAGONE, Patrícia (Org.). **Literatura e resistência**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018.

LUDWIG, Antonio Carlos Will. Métodos de Pesquisa em Educação. **Educação em Revista**, Marília, v.14, n.2, p.7-32, Jul-Dez, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileira**. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. **Mundurukando1**: sobre saberes e utopias. Participação de Ceíça Almeida. 2 ed. ampl. e atual. Lorena: UK'A Editorial, 2020.

_____. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura O reencontro da memória. *In*: DORRICO, Julie et al. (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea. Criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <http://www.editorafi.org/438indigena>. Acesso em: 5 jul. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal; das linhas globais a uma ecologia dos saberes. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 79, p.71-94, novembro de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf>. Acesso em: 8 maio 2022.

SCHNEIDER, Liane. Mulheres e resistência: poesia indígena em foco no Canadá e no Brasil. *In*: DALCASTAGNÉ, Regina; LICARIÃO, Berttoni, NAKAGONE, Patrícia (Org.). **Literatura e resistência**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018.

SOUSA, Angélica S. de; OLIVEIRA, Guilherme S. de; ALVES, Laís H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, Campinas, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 26 maio 2022.

SOUZA, Ely Ribeiro. Literatura indígena e direitos autorais. *In*: DORRICO, Julie et al. (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea. Criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <http://www.editorafi.org/438indigena>. Acesso em: 5 jul. 2022.

TAVARES, Manuel. Culturas e Educação: a retórica do multiculturalismo e a ilusão do interculturalismo. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 11, n. 25, 2014. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewFile/649/505>. Acesso em: 16 abr. 2022.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato; FERREIRA, Bruno. Das casas tomadas aos dragões: como a literatura se “descobre” indígena. *In*: DORRICO, Julie et al. (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea. Criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <http://www.editorafi.org/438indigena>. Acesso em: 5 jul. 2022.

THIÉL, Janice Cristine. A literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, 1175-1189, out. /dez 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 25 abr. 2022.

_____. Janice Cristine. **Pele Silenciosa, pele sonora: a Literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto N. Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1987. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4233509/mod_resource/content/0/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em_Ciencias-Sociais.pdf. Acesso em: 16 maio 2022.

WAPICHANA, Cristino. Por que escrevo? – relato de um escritor indígena. *In*: DORRICO, Julie et al. (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea. Criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <http://www.editorafi.org/438indigena>. Acesso em: 5 jul. 2022.